

Para a História do Socialismo
www.hist-socialismo.net

Original em
http://www.marxisme.fr/download/M_Kilev_Khrouchtchev_et_la_desagregation_de_l_URSS.pdf

Tradução do francês por MT, revisão e edição de texto de CN, 23.09.2008

Mikhail Kilev

Khruchov

e a desagregação

da URSS

*Ensaio analítico sobre o relatório de Nikita Khruchov
apresentado à sessão secreta do Comité Central do PCUS
em 25 de Fevereiro de 1956.*

Dedicado aos veteranos da Grande Revolução Socialista de Outubro

Obra distinguida com a Medalha «Stáline» em Setembro 2002 atribuída pelo Partido dos Comunistas (bolcheviques) da Ucrânia.

Autor: Mikhail Kilev, doutor em Ciências Militares da Academia Militar de Sófia

Título da versão francesa: *Khrouchtchev et la Desagregation de l'URSS*

Tradução do búlgaro para francês: por **Pétia Candéva** em colaboração com **Ludmil Kostadinov**.

Tradução portuguesa: por **MT** de acordo com a versão electrónica disponível em <http://www.communisme-bolchevisme.net> realizada por Vincent Gouysse, a partir da 3ª edição revista e corrigida, publicada em 2005, em Sofia.

Revisão e edição: por **CN**.

Índice

Prefácio à edição 2005 em língua francesa de Pétia Candéva.....	pág. 3
Prefácio à edição 1999 em língua búlgara de Ivan Vodénitcharski.....	pág. 4
Introdução do autor.....	pág. 5
Preâmbulo – Luta de classes a nível internacional de 1945 até aos nossos dias.....	pág. 6
Capítulo I – As condições em que foi preparada e realizada a «sessão secreta» do XX Congresso do PCUS.....	pág. 11
Capítulo II – O «testamento de Lénine».....	pág. 16
Capítulo III – Sobre o trabalho colectivo da direcção do PCUS e da URSS.....	pág. 23
Capítulo IV - Sobre a preparação do país para a defesa e a Grande Guerra Patriótica sob a direcção de Stáline	pág. 29
Capítulo V – Sobre a direcção da política externa da URSS por Stáline.....	pág. 39
Capítulo VI – Sobre as «repressões».....	pág. 42
Capítulo VII – O método de Khruchov na questão do «culto» da personalidade de Stáline.....	pág. 57
Capítulo VIII – A autoridade de Stáline.....	pág. 66
Capítulo IX – As causas da destruição da URSS.....	pág. 82
I. Primeira causa principal – a linha revisionista do PCUS.....	pág. 82
1.1.O conteúdo da revisão do marxismo-leninismo por Khruchov.....	pág. 82
1.2.As causas da metamorfose ideológica de Khruchov.....	pág. 87
1.3.Os factores que asseguraram o sucesso da linha revisionista.....	pág. 90
1.4.As consequências da linha revisionista.....	pág. 93
1.5.Passagem do processo de degradação ao processo de desagregação.....	pág. 98
II. Segunda causa principal - a ofensiva geral das forças imperialistas contra a URSS.....	pág. 100
2.1. No domínio económico.....	pág. 101
2.2. Ofensiva no domínio ideológico.....	pág. 102
2.3. A ofensiva da quinta coluna.....	pág. 103
2.4. Conclusões da ofensiva geral do imperialismo.....	pág. 105
III. Terceira causa principal – as condições históricas específicas da realização da Revolução de Outubro e da sociedade socialista.....	pág. 110
Capítulo X – Conclusão.....	pág. 112
Post-scriptum.....	pág. 113
Bibliografia.....	pág. 114

Prefácio à edição de 2005 em língua francesa

Pétia Candéva

A **minimização da luta de classes** – particularmente aguda depois da Segunda Guerra Mundial entre os dois sistemas sociais existentes: por um lado, o socialismo nas democracias populares, e pelo outro, o seu inimigo feroz, o capitalismo nos países imperialistas – é a mais pesada consequência da linha revisionista dos partidos comunistas, inaugurada pela grande mascarada desempenhada por Nikita Khruchov no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 1956: o seu relatório, apresentado a uma «sessão secreta», com proibição de estenografar, sem discussão possível, sob o signo do «segredo absoluto».

A **degradação das relações sociais** na União Soviética que se lhe seguiu – como segunda pesada consequência do XX Congresso – foi um longo processo com graves recaídas:

Ao nível de direcção. O facto de Khruchov ter reabilitado os inimigos do socialismo na União Soviética e de lhes ter confiado postos de alta responsabilidade em numerosos sectores do país e no Partido, permitiu o desvio do poder socialista, que acabou por liquidá-lo. A lenta degradação, e depois a destruição da URSS e do PCUS são prova disso.

Ao nível da população. A não publicação do relatório Khruchov sobre o qual são fundadas todas as negações do mais glorioso período da edificação do socialismo na URSS e das suas bases teóricas, assim como a eliminação das obras de Stáline, permitiram a divulgação de todas as espécies de calúnias não verificáveis, de que se apropriaram os menores opositores, paralelamente às acções dos inimigos ferozes do socialismo.

Em nossa opinião, a chamada «sessão secreta» foi um verdadeiro golpe de Estado das forças contra-revolucionárias que tinha combatido o Estado socialista desde o dia seguinte ao seu nascimento. Mas os revezes de todos os meios poderosos que tinham utilizado anteriormente, assim como a desilusão da esperança de tomar o poder no fim da guerra infligida contra o Estado Soviético pela Alemanha nazi, obrigavam-nos a ser prudentes: sabiam que seriam vencidos se confessassem abertamente esta tomada do poder. Reclamando-se do comunismo, garantiam-se assim um prazo de 25 anos para vencer: é neste sentido que é necessário compreender a promessa de Khruchov – incompatível com a análise marxista – de que a União Soviética «entrará na fase do comunismo em 1980».

Foram-lhes necessários dez anos mais para que «o regresso ao capitalismo» fosse abertamente anunciado em 1990!

Durante muito tempo a única publicação do relatório Khruchov continuava a ser a dos Estados Unidos, aparecida no Ocidente menos de um mês (!) depois da «sessão secreta».

Nos países socialistas, a edição do relatório Khruchov só veio a público depois da contra-revolução de 1989. Pela primeira vez os seus enunciados foram expostos preto no branco! Enfim, tornou-se possível responder às declarações difamatórias de Khruchov, até ali só transmitidas oralmente em reuniões «abertas» aos membros e não-membros do Partido. No seu livro, Mikhail Kilev, doutor em Ciências Militares da Academia Militar de Sófia, tem como objectivo demonstrar que as declarações do relatório Khruchov são não somente calúnias, mas condenáveis mentiras, que levaram à destruição do socialismo na Europa. Numerosos testemunhos e documentos (mais de 300 citações) vêm confirmar a sua denúncia.

Estudando detalhadamente as críticas malevolentes em relação a Stáline, contidas no relatório Khruchov, este livro tem o inestimável mérito de preservar a memória histórica face às tentativas de apagar da história um dos maiores acontecimentos que a humanidade viveu: a construção de uma sociedade nova, sem precedentes na história, uma sociedade sem classes e sem exploração do homem pelo homem. Atacando os enunciados de

Khruchov que tinha renegado de um golpe o génio criativo e o entusiasmo de milhões de pessoas da União Soviética – depois da extraordinária tomada do poder em 1917, ultrapassando todas as armadilhas que os inimigos do socialismo conseguiram levantar no seu caminho da edificação socialista, e até à reconstrução permitindo a saída do país das terríveis feridas e ruínas da guerra e da barbárie fascista, que lhe tinham custado vinte milhões de vidas humanas – o livro de Mikhail Kilev contribui para impedir que o esquecimento apague esta gloriosa época da edificação de uma sociedade socialista. Recorda-nos também que todas essas extraordinárias conquistas do socialismo foram obtidas graças à infalível e decisiva direcção do país pelo poder soviético e o Partido Comunista da União Soviética, sob a égide de Lênine e de Stáline, cujo génio se manterá inscrito para a eternidade na história do século XX.

Prefácio à edição de 1999 em língua búlgara

Ivan Vodénitcharski, doutor em Filosofia

A primeira edição deste livro, aparecida em 1997, foi rapidamente esgotada e continua a afluir uma importante procura, dirigida ao autor e ao CC do Partido Comunista da Bulgária.

Entretanto, este livro foi traduzido e editado na República Checa. Foram os primeiros a interessar-se por esta obra. No país onde, depois dos anos de 1960, o revisionismo alterou profundamente o Partido Comunista.

Como explicar o seu enorme sucesso? Sem dúvida pelo facto de que dá uma resposta exacta a certas questões complexas e difíceis quanto ao destino trágico do socialismo na Europa de Leste. Pela primeira vez – apoiando-se sobre factos históricos, recordações e afirmações dos mais próximos colaboradores de Stáline como os marechais Júkov e Vassiliévski, entre outros – são denunciadas as calúnias de Khruchov contra Stáline. Este livro é uma tentativa bem sucedida de análise das razões fundamentais da derrota da URSS, a saber, em primeiro lugar: a linha revisionista do PCUS, introduzida por Khruchov no XX Congresso, que lançou os fundamentos do processo desagregacionista no Partido e no Estado, conduzindo a URSS à derrota sob Gorbachov e Iéltine.

O autor sublinha que não pretende uma análise exhaustiva, nem uma conclusão definitiva. O seu objectivo é chamar a atenção da sociedade a partir de um ponto de vista científico, único capaz de apreciar verdadeiramente a obra e a personalidade de Stáline. É uma das condições do renascimento do movimento comunista na Europa de Leste.

Introdução

Mikhail Kilev

Por que razão aconteceu esta trágica derrota e quais são as causas fundamentais deste triste facto histórico? Os comunistas têm obrigação de encontrar a verdadeira resposta a esta questão crucial.

Os inimigos do marxismo-leninismo e do socialismo criaram toda uma série de versões sobre a derrota da URSS e do campo socialista na Europa de Leste. As suas versões vão da inadaptação do modelo socialista soviético à negação completa do socialismo como sistema social. O lançamento destas versões é acompanhado de uma campanha de propaganda inaudita de mentiras e calúnias contra o socialismo e o marxismo-leninismo. Esta campanha provoca a desorientação, a desconfiança e o desespero nas fileiras dos comunistas e dos simpatizantes do socialismo.

Até hoje não há resposta científica justa a esta questão crucial, e no novo programa do Partido Socialista Búlgaro adoptado no seu 41.º Congresso escreve-se: «A explicação do fracasso do socialismo autoritário da Europa de Leste, da derrota da URSS e da sociedade soviética é uma tarefa social e política difícil. É necessário tempo, discussões aprofundadas e um desenvolvimento do pensamento sociológico. São necessárias pesquisas filosóficas, históricas, económicas, sociológicas, políticas e culturais aprofundadas, assim como análises responsáveis dos partidos de esquerda, a fim de chegar ao conhecimento da verdade. Descobrir as razões do fracasso é indispensável para os socialistas, para não repetir os erros, para tirar deles lições e definir a nova compreensão do socialismo nas realidades de hoje e de amanhã.»

Este postulado no programa do PSB não é uma resposta à questão colocada, mas sim o adiamento dessa resposta para mais tarde. Tanto mais que, três anos depois da adopção deste programa, as tais discussões aprofundadas não foram nem organizadas, nem iniciadas.

Nesta situação, os comunistas não têm o direito de manter-se de braços cruzados e de esperar que outras forças políticas ou centrais ideológicas dêem ou espalhem respostas injustas e tendenciosas a esta questão. No nosso estudo, procuramos analisar o relatório de Nikita Sergueiévitch Khruchov intitulado «Sobre o culto da personalidade e as suas consequências», apresentado à «sessão secreta» do XX Congresso do PCUS em 25 de Fevereiro de 1956.

Por que é que nós tentamos analisar precisamente este relatório de Khruchov? Porque partimos da ideia de que, *precisamente através deste relatório*, Khruchov estabeleceu uma nova linha revisionista para o PCUS, o que encetou o processo de desagregação na URSS, que levou à sua derrocada.

Estamos conscientes da complexidade, da dificuldade, da importância e da responsabilidade de tentar uma análise do relatório Khruchov, mas não temos a pretensão da exaustividade da análise, nem de conclusões definitivas.

Deixamos ao leitor a possibilidade de dizer a sua última palavra.

Preâmbulo

A luta de classes a nível internacional de 1945 até aos nossos dias

Depois da Segunda Guerra Mundial, os países imperialistas, com os Estados Unidos à cabeça, reuniram as suas forças para fazer uma barragem à expansão do socialismo no mundo. Desde então os estados imperialistas conduzem uma luta de classe num crescendo contínuo por todo o mundo. Os sinais do seu carácter internacional são os seguintes:

1. A extensão da luta de classes em praticamente todos os países do mundo e, particularmente, na União Soviética.

2. A activação e agudização da luta de classes em todos os domínios da vida: ideológica, económica, política, no domínio da cultura, da diplomacia, do desporto, no domínio técnico-científico, etc., e a sua intensidade não pára de crescer¹.

3. A criação e agudização dos conflitos regionais na base étnica, religiosa, nacionalista e territorial e a sua utilização ao serviço dos «interesses estratégicos eternos» do imperialismo. Um exemplo muito claro é a intervenção da NATO na Bósnia-Herzegovina e Kosovo – regiões de um Estado soberano, a Jugoslávia.

4. A criação pelo imperialismo de dezenas de estruturas e de organizações especializadas para conduzir a luta de classes, tais como a CIA, a NATO e outras alianças e blocos militares, diversos organismos económicos e financeiros internacionais como o FMI, o Banco Mundial e outras organizações, comités e centrais de decisão.

5. A utilização no decurso da luta de classes de métodos, meios, formas e forças recomendadas por diferentes institutos de pesquisas, laboratórios e centrais, mantidos com quadros e meios financeiros estatais.

Isto quer dizer que os Estados Unidos e seus aliados organizam e conduzem a luta de classes numa base científica, utilizando os progressos nas ciências e técnicas – o que a torna mais eficaz e bem mais perigosa para o futuro da humanidade.

Lénine previa e prevenia sobre um tal perigo. Stáline baseava-se nos factos para denunciar este perigo e tomava medidas rigorosas contra as actuações do inimigo. Khruchov subestimava-as, o que na prática era uma renúncia à luta adequada e activa contra o inimigo de classe. Dois decénios depois do contra-ataque staliniano, Khruchov negava que ele fosse oportuno e caluniava a obra de Stáline.

Mas os factos históricos e a realidade são uma coisa persistente. São eles que provam ou contradizem os fundamentos teóricos da prática.

E quais são os factos depois da Segunda Guerra Mundial?

Eles mostram que, quanto mais as bases do capitalismo mundial são ameaçadas pelos sucessos do socialismo triunfante, tanto mais a luta de classes se fortalece e se agudiza à escala internacional.

Um plano de desestabilização da URSS foi promovido a partir de 1945 por Allen Dulles (1893-1969) – estadista norte-americano. Em 1942, entra nos serviços secretos e desempenha um papel de primeiro plano no *Office Strategic Services* na Suíça (OSS), serviço que deu origem à CIA. É membro da CIA desde a sua criação, em 1947, onde, na qualidade de Director Civil de 1953 a 1961, criou o serviço de informações clandestino (fonte: *Grande Larousse Universale*). É uma prova insofismável da agressividade estratégica contra-revolucionária desenvolvida pelos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial.

Este plano, criado antes do fim da guerra, tinha sido escondido do aliado dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, a União Soviética. Tinha sido criado na época em que o Exército Soviético, fiel ao seu compromisso de aliado, combatia no Extremo-Oriente o exército japonês de um milhão de homens, e permitia a vitória definitiva sobre o Japão. É claro que não foi a bomba sobre Hiroshima, que causou 117 mil vítimas, mulheres e

¹Ivan Tchomakov, *Au tribunal de l'histoire*, Tomo I, *Poygraph*, Sofia, 1994, pág.10.

crianças, sem atingir um só soldado do exército japonês, mas sim o exército soviético que fez capitular o Japão.

O secretário de Estado dos Estados Unidos, E. Stetinius, que tinha participado na Conferência da Crimeia em Fevereiro de 1945, para persuadir o presidente americano da necessidade da bomba, declarou que «na véspera da Conferência da Crimeia, os chefes dos estados-maiores americanos tinham convencido Roosevelt de que o Japão não capitularia se não em 1947 ou mesmo mais tarde, e que a sua derrota custaria aos Estados Unidos milhões de soldados.»²

Descobrimos agora que o plano Dulles foi aplicado durante décadas pelo imperialismo americano. E continua a ser aplicado hoje, actualizado e adaptado às condições históricas actuais. São visíveis os tristes resultados da sua realização. No interior da URSS este plano previa encontrar os seus colaboradores e os seus aliados. E encontrou-os em gente como Gorbatchov, Iákovlev, Chevarnádze, Iéltine e companhia.

Eis as actuações do imperialismo americano por ordem cronológica:

Em Março de 1946, em Fulton, apenas seis meses depois da vitória sobre o fascismo, Truman e Churchill declararam abertamente a «guerra-fria» aos países socialistas e à URSS, aliada na véspera.

Em 1947, os Estados Unidos criaram a CIA – uma vasta rede de espionagem, abrangendo o mundo inteiro, monstro terrífico do imperialismo contemporâneo. O número dos seus quadros eleva-se a cinco mil pessoas, com um orçamento de 25 mil milhões de dólares. Uma parte deste orçamento serve para pagar a espões e dissidentes que constituem a quinta coluna: escritores, jornalistas, publicistas, artistas, desportistas e outros renegados e traidores.

Em 1949, os grandes países capitalistas ocidentais, com os Estados Unidos à cabeça, criaram o pacto militar do Atlântico Norte, NATO, a força militar do imperialismo contemporâneo, cujo objectivo era combater a URSS e os países socialistas, impedir o desenvolvimento dos processos progressistas, democráticos e revolucionários no mundo inteiro.

Depois da morte de Stáline em 1953, a ofensiva geral do imperialismo contra a URSS e os países socialistas prosseguiu em todos os domínios da vida. Esta ofensiva tornou-se ainda mais perigosa nas condições do «degele» khruchoviano no seguimento do XX Congresso do PCUS em 1956.

No início dos anos 1960, o presidente americano, Kennedy, confirmou o plano Dulles: «Nós não podemos vencer a URSS numa guerra clássica. Podemos vencê-la por outros métodos: ideológicos, psicológicos, pela propaganda anti-soviética, por medidas económicas.»³

Será que se pode encontrar cientistas, historiadores, sociólogos e filósofos que tenham a coragem suficiente para dizer por que é que o libertador de tantos países da Europa e da Ásia do fascismo e do militarismo alemão e japonês deveria ser condenado a essa sorte trágica?

Será que se poderá pedir aos artistas e criadores de valores culturais um tão horrível papel de traição contra os seus próprios povos por solicitação e conveniência do imperialismo americano?

Em 1956, Khruchov declarou na «sessão secreta» do XX Congresso do PCUS que a luta de classes na URSS estava a extinguir-se. Pelos seus resultados objectivos, esta declaração equivale a uma traição.

Em 1992, quando os dirigentes do «putsch» do mês de Agosto de 1991 – quer dizer, os autores da tentativa de conservar a URSS – foram julgados na Rússia, o secretário-geral do

²A.M. Vassiliévski – *Une oeuvre pour toute une vie*, pág. 524.

³Ivan Tchomakov – *Au tribunal de l'histoire*, Tomo I, pág.10.

Partido Comunista da Federação Russa (PCFR), Guenádi Ziugánov, declarou perante o Tribunal Constitucional da Rússia:

«Quería recordar que em meados dos anos de 1960 tinha sido elaborado um plano, que não se chamava nem «perestróika», nem «reforma radical». Era um programa do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, adoptado depois de crise de Cuba. Era um programa de desestabilização do regime constitucional da URSS e de destruição do grande país unitário. O ponto principal desse programa anunciava: «Sem destruir o PCUS, não se pode destruir a URSS. E para destruir o PCUS é preciso penetrar nos centros de decisão do partido! Eis os cinco pontos desse programa:

1. Apresentar (chamo a vossa atenção para o verbo «apresentar») a URSS como o último império voraz, e procurar destruí-lo por todos os meios.

2. Provar que a URSS não foi o vencedor do fascismo, mas sim um tirano igual ao fascismo que não deve ser respeitado.

3. A sua economia deve ser desestabilizada pela corrida aos armamentos, e deformada de tal maneira que possamos impedir a realização dos benefícios constitucionais, sobretudo no domínio social.

4. Atear o fogo do nacionalismo e fazer explodir o país a partir do interior, na base de um extremismo nacional e religioso.

5. Ocupar os *media* por agentes influentes dirigidos pela CIA; destruir o modo de vida colectivista; separar o passado do presente a fim de privar o país de futuro.»⁴

É este o destino terrificante que os imperialistas americanos dos nossos dias planearam para o povo que libertou a Europa e o mundo do fascismo à custa de 20 milhões de vítimas e de enormes destruições.

Em 1977, duas décadas depois do XX Congresso do PCUS, Andrópov, num relatório apresentado ao Comité Central, afirmava:

«Segundo os dados verificados pelo KGB, a CIA dos Estados Unidos, estudando os prognósticos dos seus especialistas sobre o desenvolvimento da URSS, tem trabalhado ultimamente sobre os planos de aprofundamento da sua actividade hostil, com o objectivo da desagregação da sociedade soviética e a desorganização da economia soviética. Para este efeito, o serviço de informação americano assume a tarefa de recrutar agentes de influência entre os cidadãos soviéticos, a fim de formá-los e dirigi-los para lugares de decisão política, económica e científica na URSS. A CIA elaborou um programa de formação individual de agentes, prevendo a sua actividade de espionagem e reforçando a sua formação política e ideológica. Um aspecto primordial na preparação desses agentes é a sua formação nos métodos de direcção de ramos fundamentais da economia socialista. Trabalhando com persistência para esses objectivos, a direcção do serviço de informação americano não põe limites às despesas, procurando pessoas que, pelas suas qualidades pessoais e metódicas, possam tomar postos de administração no aparelho de direcção e corresponder às tarefas formuladas pelo inimigo. Através de um centro ligado aos serviços de informação americanos, a CIA conta coordenar e dirigir a actividade destes agentes isolados uns dos outros para fazê-los aplicar na prática a política de sabotagem da economia socialista. A CIA é da opinião de que a actividade coordenada dos agentes levará à criação de dificuldades concretas na política interna da União Soviética, travando o desenvolvimento da nossa economia. A CIA dirigirá as pesquisas científicas procurando caminhos sem saída. Ela apoia-se nas condições favoráveis à realização destes planos, criadas pelas circunstâncias do alargamento das relações entre a URSS e o Ocidente. Os responsáveis do serviço de informação americano, encarregados do trabalho directo com os seus agentes do interior, consideram que este programa em fase de realização modificará de maneira significativa a qualidade das diferentes esferas da vida da nossa sociedade, e sobretudo da economia, que

⁴Guenádi Ziugánov, jornal *Missal*, n.º 32, 1992.

levará à adopção de valores ocidentais na URSS. O KGB regista a informação recebida. Para a organização de acções que descubram e contrariem os planos do serviço de informação americano.» Assinado – Iúri Andrópov, presidente do KGB.⁵

No entanto, este relatório de Andrópov não mudou a linha revisionista inaugurada por Khruchov e prosseguida pelos seus émulos Bréjnev, Súslov e companhia. Estes últimos viram-se obrigados a afastar Khruchov do poder, não por causa da sua linha revisionista que fora continuada por eles próprios, mas por causa do descontentamento crescente dos trabalhadores na URSS, provocado pela enormidade dos erros que tinham sido cometidos, sobretudo nos domínios da economia e da política externa.

O processo de apodrecimento e decomposição da URSS desenvolveu-se a uma tal velocidade e de maneira tão dramática na época de Gorbatchov, que ele conseguiu pôr em acção e realizar uma traição nítida e aberta, a chamada *perestróika* [reestruturação]. Mas Gorbatchov começou a sua *perestróika* por uma incrível demagogia, proclamando a vontade de melhorar o socialismo, que iludiu a consciência de muitos comunistas e cidadãos, e não somente na URSS.

Não podemos deixar de recordar o encontro de Bush-pai e Gorbatchov em Malta, em inícios de Dezembro de 1989. O plano definitivo da traição de Gorbatchov foi ali determinado de forma precisa. A comprová-lo estão os acontecimentos que se desencadearam imediatamente a seguir, planificados e preparados com antecedência pela CIA: motins «espontâneos» em todos os países socialistas de Leste em Novembro-Dezembro de 1989.

Depois do encontro de Malta de Dezembro de 1989, Bush advertiu: «Desencadear-se-ão acontecimentos nos países de Leste, nos quais a URSS não deve intervir.»⁶

Em meados de Junho de 1991, dois meses antes dos acontecimentos do mês de Agosto de 1991 na URSS, numa sessão à porta fechada do Conselho Supremo da URSS, o chefe do KGB, Vladimir Kriutchkov, declarou:

«O nosso país encontra-se à beira da catástrofe. Os Estados Unidos e os outros países ocidentais consideram que a desagregação da URSS é iminente (...) A situação é tal que não podemos deixar de tomar acções de carácter excepcional. Não ver isso equivale a enganarmo-nos a nós próprios. Não agir quer dizer tomar a responsabilidade de trágicas consequências que não podemos prever. Da nossa inventividade dependerá se o grande país existirá ou não.»⁷

Mas este aviso severo foi uma voz no deserto.

Não há muito tempo foi conhecido um novo facto: «O chefe da KGB, Vladimir Kriutchkov, comunicou ao secretário-geral do Comité Central do PCUS, Mikhail Gorbatchov, que possuía informações de que o membro do Secretariado Político do CC do PCUS, Alexandre Iákovlev, mantinha relações com a CIA e que era necessário investigar essa ligação. Gorbatchov proibiu firmemente o KGB de intervir.»⁸

Depois houve os acontecimentos do mês de Agosto de 1991 e de Dezembro de 1991, que acabaram com o PCUS e com a URSS. Os «heróis» principais destes acontecimentos eram Gorbatchov e Iélt sine, ambos membros de primeira fila do Partido Comunista.

Assim, 50 anos depois da criação do horrível plano Dulles, George Baker, secretário de Estado dos Estados Unidos, declarou com uma satisfação e um orgulho excepcionais: «Nos últimos 40 anos gastámos triliões de dólares para ganhar a guerra-fria.»⁹

⁵Iuri Andrópov - jornal *Den*, 15-21, Dezembro de 1991.

⁶George Bush - jornal *Tribuna*, N.º 14, 1992.

⁷V. Kriutchkov - jornal *Den*, N.º 27, 15-21 Dezembro de 1991.

⁸V. Kriutchkov - jornal *Duma*, 10 de Março de 1993.

⁹I. Tchomakov - *Au Tribunal de l'histoire* - Tomo I, pág.11.

E citando George Bush acrescentou: «É uma sorte para os Estados Unidos, que não acontece se não uma vez em cada 100 anos, impor os seus interesses e os seus valores ao mundo inteiro.»¹⁰

Mais tarde, o secretário-geral do Partido Comunista dos Estados Unidos, Guss Hall, foi mais rigoroso: «A América despendeu 5 triliões de dólares na guerra-fria.»¹¹

E o presidente Clinton acrescentava: «Se pudemos despender triliões de dólares para assegurar a vitória sobre o comunismo na guerra-fria, agora devemos estar preparados para investir uma ínfima parte dessa soma para ajudar o sucesso da democracia.»¹²

Quanto aos dólares suplementares que Clinton daria para o «sucesso da democracia», isso apenas significa uma coisa: que a luta de classes não cessa de se agudizar.

Estes factos históricos mostram que Lénine e Stáline tinham razão nos seus avisos e acções, e não Khruchov que afirmou que a luta de classes se atenuava e deveria desaparecer. Como se viu, não foi a luta de classes que desapareceu, mas o PCUS e a URSS.

Esta é a triste verdade histórica.

¹⁰G. Baker, jornal *Novo Rabotnitchesko Délo*, N.º9, 1994.

¹¹I. Tchomakov, *Au Tribunal de l'Histoire*, - tomo I, pág.11.

¹²Bill Clinton, jornal *Douma*, 28 Fevereiro de 1993.

«O Partido Comunista abriu o seu XIX Congresso mais do que nunca solidário, unitário e poderoso, estreitamente reunido em torno do Comité Central e do seu genial dirigente, o camarada Stáline (...) As nossas vitórias e as nossas realizações são devidas à justa política do Partido Comunista, à direcção esclarecida do Comité Central leninista-stalinista, ao nosso chefe e amado educador, o camarada Stáline. (...) Os sucessos conseguidos pelo nosso país foram alcançados graças ao Partido, que prosseguiu um vasto trabalho de organização de massas para levar à prática as geniais indicações de Iossif Stáline.»

Nikita Serguéievitch Khruchov, no XIX Congresso do PCUS, Fevereiro de 1952

«Fala-se do culto da personalidade de Stáline. E como pode criticar-se uma nação se ela possui um bom dirigente que conduz o seu povo a sucessos reais? Pode condenar-se o que é de louvar?»

Um cidadão soviético, interrogado na rua, 1987

Capítulo 1

As circunstâncias em que foi preparada e realizada a sessão secreta do XX Congresso do PCUS

O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) realizou-se de 14 a 25 de Fevereiro de 1956. Em 25 de Fevereiro, último dia do Congresso, numa reunião à porta fechada, Khruchov leu um relatório intitulado «Sobre o culto da personalidade e as suas consequências».¹³ (13) Tratava-se do «culto» da personalidade de Iossif Vissáronovitch Stáline. Hoje, mais de 40 anos depois desse Congresso, as circunstâncias nas quais foi preparado e lido o relatório Khruchov são conhecidas, assim como toda uma série de factos, ligados à situação anormal de uma «sessão secreta» no XX Congresso do PCUS.

Eis o que escreveu o conhecido politólogo russo, partidário de Khruchov, Roi Medvédev: «Durante a discussão do projecto de relatório de actividade no *Presidium* do CC do PCUS, Khruchov tinha proposto introduzir aí um capítulo especial sobre o culto da personalidade e as suas consequências. Esta proposta foi rejeitada por Mólotov, Káganovitch, Voróchilov e Malenkov. Então Khruchov propôs dar a palavra durante a discussão a dois ou três membros do Partido recentemente reabilitados. Mas esta proposta foi também rejeitada.

No entanto, alguns dias depois do início do Congresso, Khruchov reuniu de novo a direcção do Partido e declarou: «Quando o Congresso começar os seus trabalhos, os órgãos dirigentes perdem o seu poder e só o Congresso tem o poder de resolver os problemas importantes. Posso não dizer nada sobre o culto da personalidade de Stáline e das suas consequências no relatório de actividade do CC do PCUS. Mas ninguém me pode proibir de falar sobre esse assunto como um delegado normal a uma sessão do Congresso. Se os membros do *Presidium* continuarem a contestar, dirigir-me-ei directamente aos delegados pedindo que ouçam a minha intervenção.»¹⁴

Os membros do *Presidium* do CC compreenderam que, numa tal situação, ser-lhes-ia difícil impedir Khruchov de realizar o seu plano. Começaram negociações no decurso das quais foi decidido: «Khruchov apresentará o seu relatório em nome do CC do PCUS e não

¹³N.S.Khruchov - *Sur le culte de la personnalite et de ses consequences*, Sofia, 1991.

¹⁴Roi Medvédev, *N.S. Khrouchtchev, Biographie politique*, extractos publicados na revista *Studentchesk Méridian*, N.º3, 1989, pág. 29-30.

em seu próprio nome, e isto numa sessão à porta fechada depois da eleição do novo Comité Central. Além disso, não haverá discussão depois da leitura do relatório por Khruchov.»¹⁵

Qual o significado destes factos?

1. Eles demonstram que a questão do «culto da personalidade» de I.V. Stáline foi apresentada por Khruchov ao XX Congresso do PCUS mediante uma surpreendente chantagem. E isto, apesar da franca resistência do *Presidium* do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, na véspera da abertura do Congresso.

2. Note-se que Khruchov insiste a todo o custo em colocar o problema do «culto» de Stáline, com grande risco para ele próprio e para a unidade do Partido, avançando mesmo um ultimato que nada não tem a ver com as normas e os princípios do Partido.

3. O relatório tinha sido preparado pessoalmente por Khruchov e o seu grupo, sem ter sido discutido previamente no *Presidium* do Comité Central do PCUS, embora tenha sido apresentado ao Congresso em nome do Comité Central. Foi uma transgressão grave da democracia do Partido.

4. O relatório foi apresentado perante a nova composição do Comité Central, eleita no XX Congresso segundo as recomendações e as propostas de Khruchov. Este facto teve seguramente influência no apoio ao relatório Khruchov dado pelos novos membros do CC do PCUS.

5. É preciso notar que os dirigentes dos partidos comunistas e operários irmãos não foram convidados e não assistiram à «sessão secreta» do Congresso. E não foi por acaso. Khruchov estava consciente de que a participação na «sessão secreta» de dirigentes tão conhecidos como Maurice Thorez, Palmiro Togliati, Mao Tsé-Tung e outros, teria posto em perigo o seu plano. Eles não teriam certamente aprovado o relatório de Khruchov sobre «o culto da personalidade» de Stáline.

6. «Na noite de 25 de Fevereiro de 1956 depois do encerramento da “sessão secreta” do XX Congresso, as delegações de todos os partidos comunistas presentes no Congresso foram convidados para o Kremlin. A cada delegação foi dada a possibilidade de conhecer o conteúdo do relatório lido, com insistência sobre o seu carácter “secreto”. Depois, todos os exemplares do relatório foram devolvidos ao Comité Central do PCUS.»¹⁶

7. O maior paradoxo é a participação de cerca de 100 «convidados», segundo uma lista aprovada pessoalmente por Khruchov. Esses «convidados» eram membros do Partido, anteriormente condenados por actividades anti-soviéticas, libertados e reabilitados recentemente.¹⁷ Não há dúvida que, esses «convidados» eram o apoio mais activo do relatório Khruchov. Não deixa de ter interesse saber que entre esses «convidados» à sessão secreta estava o traidor renegado Aleksandr Iákovlev, *apparatchik* do CC do PCUS sob Khruchov.

8. É de sublinhar que na «sessão secreta» do XX Congresso, o relatório Khruchov foi *somente lido*. Os pedidos de palavra e as questões não foram admitidas – nenhum debate teve lugar. O que significa, por um lado, que não podia haver uma outra apreciação da obra de I.V. Stáline se não a que foi dada por Khruchov. Além disso, ela tinha sido apresentada em nome do XX Congresso. Não admitir a defesa de Stáline na sua ausência, é injusto não somente do ponto de vista das regras do Partido, mas igualmente do ponto de vista moral e jurídico. Tanto mais que se trata da apreciação da actividade de um dirigente do PCUS e da URSS que tinha estado à cabeça do Estado Soviético mais de 30 anos, e que tinha dirigido a

¹⁵Idem, pág.30 [Nota do editor: Alguns dos factos aqui relatados segundo a versão do historiador social-democrata Roi Medvédev, são descritos de forma substancialmente diferente nas memórias de Lazar Kaganóvitch. Ver artigo «Revisionismo – Coveiro do Socialismo», de K. Gossweiler, págs. 7 e 8, em www.hist-socialismo.net]

¹⁶Idem, pág.32.

¹⁷Idem, pág.31.

construção socialista e a Grande Guerra Patriótica. Um velho provérbio diz: os ausentes nunca têm razão.

9. Não foi feito registo estenográfico durante a «sessão secreta», quando uma questão de tão grande importância tinha sido levantada.

10. Decisões absurdas foram tomadas na «sessão secreta»:

- Primeiro, que o relatório Khruchov não fosse publicado. Os motivos desta decisão são expostos pelo próprio Khruchov no seu relatório. Ele escreve: «Não podemos deixar sair estes problemas para fora do Partido, ainda menos para a imprensa. É preciso que sejamos cuidadosos, não dar alimento aos inimigos, não expor aos seus olhos as nossas feridas».¹⁸

- Em segundo lugar, “que o texto do relatório seja enviado às organizações do Partido.”¹⁹

Em 15 de Março de 1956, quer dizer uma semana depois da «sessão secreta» [e terceiro aniversário da morte de Stáline – nota do tradutor francês], o *Presidium* do Comité Central do PCUS toma a decisão de «propor às federações regionais e aos comités centrais das repúblicas, que todos os comunistas, assim como o activo dos sem-partido entre os empregados, os funcionários e os *kolkhozianos* tomem conhecimento do relatório Khruchov “Sobre o culto da personalidade e as suas consequências”.»²⁰

Adivinha-se o objectivo desta decisão: que todo o mundo conheça a apreciação de Khruchov sobre a obra de Stáline, enquanto nenhuma outra apreciação é admitida.

O paradoxo da decisão do *Presidium* do Comité Central do PCUS de não publicar o relatório Khruchov, consiste na grande ilusão de que ele pode ser somente lido a todas as organizações do Partido e do activo dos sem-partido, mesmo em reuniões fechadas, repousando na imperdoável subestimação da capacidade dos serviços secretos estrangeiros de se apoderarem do relatório.

Com efeito: «Não se estenografou durante a sessão, mas logo no dia seguinte o relatório foi comentado no mundo inteiro na imprensa não-comunista. Khruchov fez alguns desmentidos sobre a existência desse documento histórico, mas ninguém o acreditou. Algumas semanas somente depois do Congresso, o Departamento de Estado dos Estados Unidos divulgou o texto completo do relatório Khruchov traduzido em inglês. Depois foi publicado centenas de vezes em quase todos os países do mundo. Mas na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) não foi publicado se não em 1990.»²¹ E na Bulgária em 1991.

Cabe aqui perguntar: Podemos considerar como normais, dada a envergadura de um acontecimento histórico de uma tal importância, as circunstâncias nas quais tinha sido preparada e realizada a «sessão secreta» do XX Congresso em 1956, e que agora são conhecidas por toda a sociedade? Evidentemente que não podemos e não devemos. É mais justo considerá-las como uma transgressão categórica e aberta dos princípios do Partido, das normas do Partido e da moral do Partido.

Uma segunda questão muito importante coloca-se: Por que é que os veteranos Mólotov, Voróchilov, Káganovitch e outros, que tinham uma tão grande influência no Partido, cederam à pressão de Khruchov? Por que é que eles aceitaram discutir a questão do «culto da personalidade» de Stáline numa «sessão secreta», depois da eleição do novo Comité Central do PCUS, segundo um relatório preparado por Khruchov, sem que ele tivesse sido discutido anteriormente pelo *Presidium* do Comité Central do PCUS? Hoje, mais de 40 anos depois desse acontecimento, esta concessão dos veteranos pode ser qualificada objectivamente como um grave erro histórico.

¹⁸ *Rapport Khrouchtchev*, pág.73.

¹⁹ Idem, pág.76.

²⁰ Idem, pág.76.

²¹ Prefácio ao *Rapport Khrouchtchev*, pág.5 (O relatório em causa foi na verdade publicado pela primeira vez na URSS na revista do CC do PCUS *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, págs. 128-170 - nota do editor).

Por que é que os veteranos cometeram esse grave erro histórico? Podemos responder à questão da seguinte forma:

1. Em primeiro lugar, os veteranos foram apanhados de surpresa por Khruchov que colocou a questão inesperada do «culto da personalidade» de Stáline na véspera do Congresso. Eles não tinham suspeitado de que Khruchov fosse capaz de uma tal hipocrisia e de uma tal desonestidade. Surpreendidos, não tiveram tempo de avaliar todas as consequências do relatório sobre o «culto da personalidade» de Stáline apresentado ao XX Congresso.

2. Depois, os veteranos não tinham observado e não tinham avaliado o facto de que, durante os três anos após a morte de Stáline, Khruchov, como primeiro-secretário do Comité Central do PCUS se tinha preparado para este acontecimento. Ele tinha-se rodeado no aparelho do Estado e do Partido, e sobretudo nos *media*, de quadros escolhidos entre os antigos condenados e os seus próximos. Assim, na preparação e a realização da «sessão secreta» do XX Congresso, ele não estava só. Justamente porque não estava só, é que colocou o seu ultimato com uma tal «coragem» perante o *Presidium* do CC do PCUS e na «sessão secreta» do XX Congresso.

3. Hoje é claro que os veteranos se deixaram enganar pela grande ilusão criada por Khruchov, de que ao levantar a questão do «culto da personalidade de Stáline» numa sessão secreta do XX Congresso, ela se manteria dentro das paredes do Congresso. Como se os veteranos tivessem esquecido o postulado de Stáline de que «o segredo do Partido pode ser guardado unicamente no Bureau Político, e que a transmissão de não importa que problema, mesmo no Plenário do Comité Central, quer dizer que é exposto na rua».²²

4. Em quarto lugar, e este é talvez o mais decisivo: a apreciação da correlação de forças não jogava a seu favor no Congresso. E no seu desejo de não atacar abertamente Khruchov com medo do risco de cisão no Congresso e no Partido, eles aceitaram deixar a tese do «culto da personalidade» de Stáline ao XX Congresso, na esperança de darem mais tarde uma resposta decisiva a Khruchov.

Com efeito, um ano mais tarde, no mês de Junho de 1957, o *Presidium* do Comité Central do PCUS decidiu colocar no Plenário do Comité Central a proposta de demitir Khruchov do posto de primeiro-secretário do CC do PCUS. Mas o hábil Khruchov tinha conseguido, por uma série de manobras junto dos membros e dos candidatos-membros do *Presidium* e do Secretariado do Comité Central do PCUS, mudar esta decisão do *Presidium* do CC do PCUS. Khruchov tinha também conseguido atrair às suas manipulações o marechal da URSS, G.K. Júkov que, enquanto ministro da Defesa Nacional assegurou o apoio do Exército à manutenção de Khruchov como primeiro-secretário do CC do PCUS. E muito pelo contrário, no discurso pronunciado no Plenário pelo partidário de Khruchov, Súslov, os veteranos foram apresentados como opondo-se ao Partido, e foram excluídos do PCUS.

Somente alguns meses mais tarde, como por uma ironia da sorte, o próprio Marechal Júkov foi demitido das suas funções no posto de ministro da Defesa Nacional e afastado do *Presidium* do Comité Central pelo mesmo Khruchov, como «prémio» pelo apoio que tinha dado à sua sobrevivência política, permitindo-lhe manter o seu posto de primeiro-secretário do Comité Central depois do XX Congresso.

No seu relatório, afastando toda a discussão, Khruchov escreveu: «No presente relatório não se coloca o objectivo de fazer uma avaliação completa da vida e obra de Stáline.»²³

²²Roi Medvédev, *N.S. Khrouchtchev, Biographie Politique*, extractos publicados na revista *Studentcheski Méridian*, N.º 3, 1989, pág. 32.

²³Citação traduzida do russo pelo editor do «Relatório de Khruchov» publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.128 (nota do editor).

Esse postulado unilateral de Khruchov não aparece por acaso: uma discussão sobre a avaliação completa da vida e obra de Stáline teria certamente levantado questões, intervenções, opiniões e discussões não somente na URSS, mas também no estrangeiro, porque Stáline era um dirigente reconhecido no movimento comunista internacional. Mas isso não impediu Khruchov de tratar de maneira mentirosa as questões mais importantes ligadas à actividade de Stáline: sobre a colegialidade na direcção do Partido e do Estado, sobre a preparação do país para a defesa, sobre a direcção da Grande Guerra Patriótica por Stáline, sobre a direcção da política externa da URSS por Stáline, mesmo sobre o assim chamado «testamento» de Lénine respeitante a Stáline. Tudo isto foi feito por Khruchov no seu relatório, com o fim de denegrir a personalidade de Stáline, a sua obra e o seu papel na edificação do socialismo na URSS e de desvalorizar a sua vitória na Grande Guerra Patriótica.

É por isto que devemos analisar todas estas questões levantadas no relatório de Khruchov.

Capítulo II

O «testamento» de Lénine

Para manter a tese do «culto da personalidade» de Stáline, Khruchov utiliza também o assim chamado «testamento» de V.I. Lénine. Khruchov dedica uma atenção particular a este assunto no seu relatório. Devemos em primeiro lugar esclarecer previamente dois pontos:

- Primeiro, que Lénine não chama a nenhum dos seus artigos ou cartas ditadas «testamento». Sabe-se que depois do agravamento da sua doença, em 22 de Dezembro de 1922, ele não podia escrever, e que ditava os seus artigos e as suas cartas. E depois de 10 de Março de 1923, deixou de poder ditar, porque tinha perdido a fala.

- Duas das apreciações que ele tinha ditado em 24 e 25 de Dezembro de 1922 dizem respeito aos membros do Bureau Político do Comité Central do Partido bolchevique, incluindo Stáline.

Nos seus últimos artigos e cartas de 23 de Dezembro de 1922 a 4 de Março de 1923, Lénine tinha ditado os seus pontos de vista e as suas recomendações sobre toda uma série de problemas importantes para o futuro do Partido e do país. Esses ditados foram registados pelo secretariado do Conselho dos Comissários do Povo – L.A. Fotiéva, secretária adjunta, M.P. Volódicheva e outros colaboradores. Estão publicados no tomo 45 da segunda edição das Obras Completas de Lénine, pág.343 a 402 (edição búlgara de 1983) pela seguinte ordem:

1. «Carta ao Congresso» – trata-se do próximo XII Congresso do Partido Comunista (bolchevique), registada por Volódicheva, em 24 de Dezembro de 1922;
2. «Continuação da correspondência» – registada por Volódicheva em 24 de Dezembro de 1922;
3. «Anexo à carta de 24 de Dezembro de 1922» – registado por Fotieva, em 4 de Janeiro de 1923;
4. «Continuação da correspondência» – registada em 26 de Dezembro de 1922;
5. «Sobre a transmissão de funções legislativas ao *Gosplan*/a planificação de Estado) - registado por Volódicheva em 27, 28 e 29 de Dezembro de 1922;
6. «Respeitante ao número de membros do Comité Central» – registada por Volódicheva em 29 de Dezembro de 1922;
7. «Sobre a questão das nacionalidades e da sua autonomia» – registado por Voloditcheva em 30 e 31 de Dezembro de 1922;
8. «Páginas do diário de Lénine» – registado pelo secretário em 4 de Janeiro de 1923;
9. «Sobre as cooperativas» – registado pelo secretário em 6 de Janeiro de 1923 (dactilografado);
- 10 «Sobre a nossa Revolução (a propósito das notas de N. Sukhanov)» – registado pelo secretário, em 17 de Janeiro de 1923 (dactilografado)
11. «Como reorganizar os Rabkrin» (Inspeção Operária e Camponesa) – proposta ao XII Congresso do Partido, de 16 de Janeiro a 25 de Janeiro de 1923» – registado pelo secretário (dactilografado);
12. «Vale mais menos, mas melhor», é a última ditada, registada em 4 de Março de 1923 pelo secretário.²⁴

[Observe-se que a partir de 4 de Janeiro de 1923, Voloditcheva deixa de registar as cartas-ditadas de Lénine. Segundo o anexo registado por Fotiéva, essa tarefa torna-se anónima mediante a assinatura de «Secretário». Para além disso, as cartas são também, a partir dessa data, dactilografadas – portanto sem traços de escrita (nota do tradutor francês)].

²⁴V. I. Lénine, *Oeuvres Complètes*, tomo 45 (segunda edição) - Sofia, 1983, pág. 343- 402.

Como se vê, os últimos escritos de Lênine contêm ideias e recomendações bem preciosas sobre uma série de problemas importantes para o futuro do Partido e do país. Neste sentido, podem ser considerados como um testamento do dirigente do Partido e do país, e não uma posição unilateral e tendenciosa, como o relatório de Khruchov.

Segundo Khruchov, a única e a mais importante coisa que Lênine tinha ditado e deixado ao Partido como «testamento» é o anexo da carta-ditada de 24 de Dezembro de 1922, registada com a data de 4 de Janeiro de 1923, na qual ele teria proposto que Stáline fosse demitido do posto de secretário-geral do Partido Bolchevique.

Mas prossigamos o desenvolvimento deste enunciado numa ordem cronológica.

Na sua carta ao Congresso, registada por Volóditcheva em 23, 24 e 25 de Dezembro de 1922, Lênine trata vários problemas muito importantes. Um deles diz respeito à estabilidade do Comité Central do Partido Bolchevique. Por estabilidade do Comité Central Lênine entendia a unidade, a tomada de medidas para evitar a cisão no Comité Central do Partido Bolchevique. Lênine considerava que o aumento do número de membros do Comité Central com representantes da classe operária era o principal meio para reforçar a estabilidade do Comité Central. Nesse sentido, Lênine faz uma apreciação dos membros do Bureau Político do Comité Central do Partido. Ele dita:

«Penso que o fundamental na questão da estabilidade, deste ponto de vista, reside em membros do Comité Central tais como Stáline e Trótski (...)

«O camarada Stáline, tornando-se secretário-geral concentrou nas suas mãos um poder imenso e não estou certo de que ele saberá sempre utilizar esse poder com suficiente prudência. Por outro lado, o camarada Trótski, como já demonstrou a sua luta contra o Comité Central a propósito do CPVC [Comissariado do Povo das Vias de Comunicação], não se distingue apenas pelas suas capacidades notáveis. Pessoalmente, ele é, talvez, o membro mais dotado do CC actual, mas tem demasiada autoconfiança e um excessivo entusiasmo pelo lado puramente administrativo das questões.»²⁵

No mesmo ditado, no seguimento das notas de 24 de Dezembro de 1922, Lênine faz uma apreciação breve de Zinóviev, Kámenev, Bukhárine e Piátakov.

Mais adiante, num anexo à carta-ditada de 24 de Dezembro de 1922, mas registada por Fotiéva em 4 de Janeiro de 1923, Lênine teria ditado:

«Stáline é demasiado rude e este defeito, que no nosso meio e nas relações entre nós, comunistas, é totalmente tolerável, torna-se intolerável nas funções de secretário-geral. Por isso, proponho aos camaradas que ponderem a forma de retirar Stáline deste posto e designar para este lugar outra pessoa, que em todos os outros aspectos se distingue do camarada Stáline apenas pela única vantagem de, exactamente, ser mais tolerante, mais leal, mais cortês e mais atencioso com os camaradas, menos caprichoso, etc. Esta circunstância pode parecer uma minudência insignificante. Mas eu penso que do ponto de vista da preservação face à cisão e do ponto de vista das relações por mim acima descritas entre Stáline e Trótski, esta não é uma minudência, ou é uma tal minudência que pode adquirir uma importância decisiva.»²⁶

A este respeito podemos afirmar categoricamente:

1. Que assinalamos que este «Anexo»-carta-ditada de Lênine tem a data de 4 de Janeiro de 1923, ou seja, dez dias depois da carta-ditada de 24 de Dezembro de 1922 à qual está anexada.

2. Que ela foi ditada após a conversa entre Stáline e Krúpskaia, de 22 de Dezembro de 1922, ao telefone, durante a qual Stáline se lhe teria dirigido com rudeza.

²⁵Esta citação e seguintes da «Carta ao Congresso» foram traduzidas pelo editor do original russo incluído em *V.I. Lênine, Obras Completas*, 5.^a edição, *Institut Marksizma-Leninizma pri TsK KPSS*, Moscovo, 1970, Tomo 45, pág. 345 (nota do editor)

²⁶Idem, pág. 346 (nota do editor).

Analisando o conteúdo deste «Anexo» à carta-ditada de Lênine, hoje, passados mais de 76 anos, temos todas as razões para considerar que as notas autênticas foram retrabalhadas, redigidas posteriormente ou muito simplesmente inventadas por pessoas interessadas. E tais pessoas não faltavam na época, sem qualquer dúvida.

Quais são as razões da nossa posição? Primeiramente pelo facto de que, sem os meios técnicos de registo da voz autêntica de Lênine ao ditar, a transformação, a redacção ou a invenção de um tal “anexo” é tecnicamente possível. Por outro lado, este ditado anexo foi registado em 4 de Janeiro de 1923, mas transmitido ao Comité Central do Partido Comunista (bolchevique) por um protocolo especial, em 18 de Maio de 1924, quer dizer um ano e quatro meses depois da sua transcrição, e depois da morte de Lênine.²⁷

É difícil de acreditar que durante todo esse tempo o conteúdo autêntico desse «Anexo»-carta-ditada tivesse sido conservado, se tivesse realmente existido.

A nossa posição explica-se também pelo seguinte facto:

Na carta-ditado de 24 de Dezembro de 1922, Lênine exprime uma desconfiança política em relação a Trótski, e previne sobre a instabilidade política de Zinóviev e Kámenev. Caracterizando Bukhárine e Piátakov, Lênine nota que Piatakov tem demasiado entusiasmo pelo lado administrativo do trabalho.

No que diz respeito a Stáline, Lênine dita: «O camarada Stáline, tornando-se secretário-geral [Stáline foi eleito secretário-geral do Partido em 2 de Abril de 1922 no XI Congresso do Partido, por proposta de Lênine] concentrou nas suas mãos um poder imenso e não estou certo de que ele saberá sempre utilizar esse poder com suficiente prudência».²⁸

É uma dúvida, uma preocupação, uma advertência de Lênine. Não há qualquer alusão à substituição de Stáline no cargo de secretário-geral do Partido Bolchevique. Contudo, no «Anexo»-carta-ditada de Lênine de 4 de Janeiro de 1923, ou seja, dez dias mais tarde, teria feito a proposta de substituir Stáline no cargo de secretário-geral do CC do Partido, unicamente em consequência de uma atitude «rude» de Stáline para com Krúpskaia ao telefone.

É inverosímil.

- Não é verosímil que Lênine dite reflexões estranhas à sua atitude tolerante para com um colaborador e camarada de longa data: de antes da Revolução de Outubro.

- Não é verosímil que Lênine pudesse tomar uma tal decisão «de tribunal»: substituir Stáline no cargo de secretário-geral do Comité Central do Partido, e propor ao mesmo Comité Central que reflectisse *apenas* sobre a maneira como isso deveria processar-se.

- Não é verosímil que Lênine proponha aos camaradas do Comité Central que *designem* outra pessoa para o cargo de secretário-geral do Partido em vez de o *elegerem*, como estava estabelecido estatutariamente no Partido. Isso quer dizer que se atribui a Lênine a transgressão aos estatutos do Partido e uma atitude administrativa sobre a questão do secretário-geral do partido.

- Não é verosímil que Lênine não propusesse o membro do Comité Central mais apto para substituir Stáline no cargo de secretário-geral, se tivesse efectivamente proposto a sua substituição.

- Não é verosímil que Lênine tenha tomado uma decisão tão importante como a substituição de Stáline no cargo de secretário-geral sem submeter essa proposta imediatamente à atenção do Comité Central, e tenha pedido a Krúpskaia para a anotar num «Anexo»-carta-ditada em 4 de Janeiro de 1923, a remeter ao Comité Central do Partido após a sua morte, quando isso poderia já ser demasiado tarde e sem objectivo.²⁹

²⁷V.I. Lênine, *Oeuvres Complètes*, tomo 45 (segunda edição) - Sofia, 1983, pág. 592.

²⁸Ver nota n.º 25 (nota do editor).

²⁹V. I. Lênine, *Oeuvres Complètes*, tomo 45 (segunda edição) - Sofia, 1983, pág. 592.

- Não é verosímil que Lénine, que sabia que Stáline era não somente secretário-geral do Comité Central, mas também pessoalmente responsável por vigiar o seu tratamento médico, propusesse a sua substituição no cargo de secretário-geral somente porque ele tinha sido verbalmente rude com Krúpskaia, isto é por um motivo emocional, sem que tivesse pedido a Stáline que se explicasse previamente.

Tudo o que enunciámos acima faz surgir sérias dúvidas sobre a autenticidade de um tal «Anexo»-carta-ditada de Lénine de 4 de Janeiro de 1923, e de um tal conteúdo.

Como anteriormente sublinhámos, em 18 de Maio de 1924, segundo a vontade de Lénine, Krúpskaia envia com um protocolo especial ao Comité Central do Partido este «Anexo»-carta-ditada, assim como as cartas ditadas de 24 e 25 de Dezembro de 1922.

No XIII Congresso, que teve lugar de 23 a 31 de Maio de 1924, ou seja quatro meses depois da morte de Lénine, depois de terem discutido o «Anexo»-carta ditada de Lénine de 4 de Janeiro de 1923, os delegados pronunciaram-se a favor da continuação de Stáline no cargo de secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista (bolchevique). Os delegados levaram em conta o papel importante de Stáline na resposta aos ataques dos trotskistas contra a autoridade do leninismo no Partido. O XIII Congresso do Partido Bolchevique confirmou deste modo que Iossif Vissáronovitch Stáline era reconhecido pelo Partido como o mais apto e o substituto mais merecedor de Vladimir Ilitch Lénine.

Todavia, mais adiante no seu relatório, Khruchov escreveu: «Camaradas, tenho que relatar ao Congresso do Partido dois novos documentos que completam a caracterização de Stáline feita por Lénine no seu “testamento”.»

Estes novos documentos são uma carta de Krúpskaia a Kámenev de 23 de Dezembro de 1922, e uma carta pessoal de Lénine a Stáline de 5 de Março de 1923.

1. Carta de Krúpskaia:

«Lev Boríssovitch,

A propósito da breve carta que escrevi ditada por Vladimir Ilitch com autorização dos médicos, Stáline permitiu-se ter ontem para comigo uma atitude extremamente grosseira. Não estou no Partido desde ontem. Em 30 anos, nunca ouvi uma só palavra rude de um camarada. Os interesses do Partido e de Ilitch não me são menos caros do que a Stáline. Agora preciso de ter o máximo de autodomínio. Sei o que posso e não posso falar com Ilitch melhor do que qualquer médico, porque sei o que o pode preocupar, em todo o caso, melhor do que Stáline. Dirijo-me a si e a Zinoviev, enquanto os camaradas mais próximos de Vladimir Ilitch, e peço-vos que me protejam de intromissões grosseiras na minha vida pessoal, de injúrias indignas e de ameaças. Não duvido da decisão unânime tomada na Comissão de Controlo, com que Stáline se permite ameaçar, mas não tenho nem as forças, nem o tempo para me ocupar com esta estúpida disputa. Sou também um ser humano e tenho os nervos em franja.»³⁰

(N. Krúpskaia, 23 de Dezembro de 1922).

2. Carta de V.I. Lénine

«Ao camarada Stáline /cópia: a Kámenev e Zinoviev.

Respeitado camarada Stáline,

Você cometeu a grosseria de telefonar à minha mulher e insultá-la. Apesar de ela lhe ter manifestado concordância em esquecer o que foi dito, entretanto, por seu intermédio, este facto tornou-se conhecido de Zinoviev e de Kámenev. Eu não tenciono esquecer tão facilmente o que foi feito contra mim, e é inútil sublinhar que, o que foi feito contra a minha

³⁰Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, págs.131-132 (nota do editor).

mulher, considero que também foi feito contra mim. Por isso peço-lhe que pondere se aceita retirar as suas palavras e pedir desculpas ou se prefere romper as nossas relações.

Respeitosamente: Lénine.
5 de Março de 1923»³¹

Com estes dois novos documentos, Khruchov tinha querido persuadir definitivamente os membros do Comité Central do PCUS da apreciação negativa que Lénine teria feito sobre Stáline. É de notar que esta carta-ditada não tinha sido entregue ao CC do PC (b), em 18 de Maio de 1924, juntamente com as outras cartas-ditadas de 24 e 25 de Dezembro de 1922 e o «Anexo»-carta ditada de 4 de Janeiro de 1923.³²

Para percebermos o objectivo de Khruchov com a introdução destes dois novos documentos, temos de analisar brevemente as circunstâncias em que são produzidos. Sabemos que a partir da segunda metade de 1921, o Bureau Político do Partido Bolchevique tinha pedido a Stáline que conduzisse o trabalho de organização das reuniões do Bureau Político nos plenários do Comité Central. No fundo, Stáline executava as obrigações de secretário das questões de organização. E é claro que isto tinha sido feito com o conhecimento e o acordo de Lénine.

Lénine estava à cabeça do Estado soviético. Formalmente ele não tinha cargo no Partido, nem no Comité Central. Mas conduzia as reuniões do Bureau Político e os plenários do Comité Central. De facto, ele era o dirigente do governo, mas também do Partido.

Por proposta de Lénine no XI Congresso do Partido Comunista (bolchevique), Stáline foi eleito secretário-geral do Comité Central do Partido em 2 de Abril de 1922. Assim, a partir da Primavera de 1922 e até ao fim desse mesmo ano, Stáline tinha tido encontros regulares e discussões com Lénine sobre todas as questões do Partido e do Estado, sobretudo depois da primeira doença de Lénine de 25 de Maio de 1922.

Somente no período «de 11 de Julho a 24 de Dezembro de 1922, ou seja em seis meses, estão oficialmente registados 32 encontros-debates e cartas entre Lénine e Stáline».³³

Assim, por exemplo, «na sua discussão com Stáline de 30 de Agosto de 1922, Lénine tinha-se interessado pelas previsões das colheitas, o estado da indústria, o orçamento, o curso do rublo, a situação internacional das repúblicas soviéticas, a actividade anti-soviética dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários, etc.»³⁴

Na noite de 15 para 16 de Dezembro de 1922, deu-se um brusco agravamento na saúde de Lénine. Em 18 de Dezembro de 1922, por decisão especial do Plenário do Comité Central do Partido, Stáline foi encarregado de vigiar e responsabilizar-se pelo tratamento prescrito pelos médicos a Lénine. Em 21 de Dezembro de 1922 Lénine ditou a Krúpskaia uma carta a Trótski sobre o monopólio do comércio externo.

Em 22 de Dezembro de 1922, Stáline, informado da existência dessa carta, discute com Krúpskaia ao telefone por esta ter transgredido o regime de tratamento de Lénine, sem o consultar. Krúpskaia, vexada com o comportamento rude de Stáline escreve a sua carta a Kámenev, em 23 de Dezembro de 1922.

Ao avaliarmos a carta de Krúpskaia a Kámenev hoje, passados mais de 60 anos, podemos constatar:

- Primeiro, os momentos emocionais dessa carta: «Agora preciso de ter o máximo de autodomínio» (...) Não tenho nem as forças, nem o tempo (...) Sou também um ser humano e tenho os nervos em franja.» Tudo isto parece hoje como uma autocrítica.

³¹Idem, pág. 132 (nota do editor).

³²V. I. Lénine, *Oeuvres Complètes*, Tomo 45 (segunda edição) - Sofia, 1983, pág. 592.

³³Idem, págs. 680-708.

³⁴Idem, pág. 681.

- Segundo, não podemos considerar nem objectiva, nem justa a sua pretensão de saber melhor do que qualquer médico, o que pode ou não ser dito a Lénine.

- Terceiro, não se pode admitir como justa a afirmação de Krúpskaia de que Kámenev e Zinoviev eram os camaradas mais próximos de Lénine. Os factos não confirmam isso.

- Quarto, não podemos admitir a afirmação de Krúpskaia de que pelo seu comportamento grosseiro ao telefone, Stáline se tinha ingerido na sua vida privada. Se considerarmos a atitude de Stáline para com Krúpskaia como rude, facto pelo qual apresentou desculpas encerrando assim o incidente, é preciso também reconhecer que Stáline estava pessoalmente encarregado pelo Comité Central de vigiar o tratamento de Lénine, e que, deste modo, estava a cumprir estritamente o seu dever para com o Partido.

Ainda mais importante e essencial, certamente, é rever a carta de Lénine a Stáline de 5 de Março de 1923.

- Primeiramente é necessário sublinhar o facto de que essa carta-ditada, a que Khruchov chama «um novo documento», – se é que foi efectivamente ditada por Lénine – surgiu depois da informação que Lénine recebeu sobre a conversa telefónica entre Stáline e Krúpskaia. No entanto, é inexplicável que essa carta-ditada tenha sido escrita tão tarde – dois meses e meio depois dessa informação – e sobretudo por que é que Lénine toma mais uma vez posição sobre este problema, quando tinha já expressado a sua posição no seu «Anexo»-carta-ditada de 4 de Janeiro de 1923. Tanto mais que é inverosímil que Lénine volte a este problema, uma vez que «esta estúpida disputa», como lhe chama a própria Krúpskaia, já estava ultrapassada.

- Não é verosímil que, por uma «pequena história estúpida», Lénine coloque a questão de romper as suas relações com Stáline, o secretário-geral do Partido.

- É também inverosímil devido à existência de um outro documento da mesma época, escrito por Stáline em princípios de Março de 1923, que nos fala de um relacionamento muito diferente de Lénine com Stáline. O conteúdo desse documento foi apresentado pela primeira vez na televisão russa pelo general Volkogonov³⁵, em 21 de Abril de 1994 às 18,45 horas. Sobre esse documento, Volkogonov revelou o seguinte:

«Num dos seus encontros com Stáline, Lénine, quando ainda podia falar, tinha pedido a Stáline que lhe fornecesse veneno. Stáline respondeu-lhe que ia reflectir. Stáline descreve pessoalmente em duas páginas o seu encontro com Lénine sublinhando que o pedido de Lénine não devia em caso nenhum ser executado (...) Esse documento foi entregue por Stáline aos membros do Bureau Político, que depois de terem tomado conhecimento, aprovaram a posição de Stáline e assinaram o relatório.»³⁶

Que significa este facto? Significa que Lénine, nesses dias difíceis para ele, tinha em Stáline um colaborador e camarada muito próximo, o único a quem podia confiar-se.

Não é lógico que, no mesmo momento em que Lénine ameaça romper relações com Stáline (segundo a carta-ditada de 5 de Março de 1923), lhe peça que lhe forneça veneno.

Assim não é verosímil que a «carta-ditada» de 5 de Março de 1923 tivesse o conteúdo que Khruchov anuncia ao XX Congresso. É mais provável que uma tal «carta-ditada» (se ela tivesse verdadeiramente existido) fosse redigida e retrabalhada por Khruchov e seus colaboradores para denegrir Stáline, servindo-se de Lénine, quer dizer, opondo Lénine a Stáline.

Isso não é somente provável como corresponde ao estilo de Khruchov. Porquê? Porque o próprio Khruchov, imediatamente depois da sessão à porta fechada de XX Congresso do

³⁵O general Volkogonov, que na qualidade de conselheiro militar de Iéltsine conduziu pessoalmente o ataque mortal contra o parlamento russo em 3 de Outubro de 1993, teve acesso aos arquivos secretos do Bureau Político do CC do PCUS, onde encontrou o referido relatório escrito pela mão de Stáline (*nota do autor*)

³⁶D. Volkogonov, emissão debate na televisão de Moscovo, transmitida às 18,45 horas de 21 de Abril de 1994.

PCUS, declarou por duas vezes perante o mundo inteiro que não tinha apresentado nenhum relatório sobre o «culto da personalidade» de Stáline, que um tal documento não existia. O que era uma mentira evidente, na qual nenhuma pessoa acreditava, uma vez que o documento se tornou conhecido no mundo inteiro logo após o XX Congresso.

De resto, no relatório Khruchov, lido na «sessão secreta» do XX Congresso, há outras mentiras caluniosas de que falaremos mais adiante.

Para não deixar que se instalem dúvidas nos membros do CC do PCUS quanto à apreciação de Lénine sobre Stáline, Khruchov produziu sem escrúpulos uma mentira incrível. Escreveu: «Preocupado com os destinos futuros do Partido e do Estado Soviético, Lénine fez uma caracterização inteiramente justa de Stáline, indicando que era necessário considerar a questão do afastamento de Stáline do cargo de secretário-geral, dado que ele era uma pessoa demasiado rude, insuficientemente atencioso com os camaradas, caprichoso e que abusava do poder.»³⁷

Ora, mesmo no «Anexo»-carta-ditada que Khruchov cita, não é dito que Stáline abusava do poder. Esta declaração de Khruchov é uma acusação pela qual ele merecia ser perseguido em justiça.

É a mentira-calúnia n.º 1 do relatório Khruchov. E é não somente uma calúnia contra Stáline, mas também uma calúnia contra Lénine, pois Khruchov atribui-lhe apreciações contrárias aos princípios do Partido, do que não podemos, de resto, encontrar traços em parte alguma dos seus escritos.

Desta forma Khruchov tenta «provar» aos delegados do XX Congresso e aos membros do Comité Central do PCUS que ele, Khruchov, está a «executar», por assim dizer, «o testamento» do dirigente do Partido, Lénine.

³⁷Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág. 130 (nota do editor)

Capítulo III

Sobre o trabalho colectivo na direcção do PCUS e da URSS

No seu relatório Khruchov escreve que «Stáline revela uma intolerância absoluta com a colegialidade na direcção e no trabalho. (...) Ele não agia mediante a persuasão, a explicação, o trabalho meticuloso com as pessoas, mas através da imposição das suas orientações, exigindo a submissão incondicional à sua opinião. Aquele que se opunha a isso ou tentava demonstrar o seu ponto de vista, a sua razão, estava condenado à exclusão do colectivo dirigente, seguindo-se a sua destruição moral e física.»³⁸

Esta é a calúnia-mentira n.º 2 contra Stáline do relatório Khruchov.

Mas eis que encontramos uma prova gritante do contrário dada pelo próprio Khruchov no mesmo relatório:

«Quando em 1942 na região de Kharkov, as condições dos nossos exércitos se tornaram extremamente difíceis, nós [isto é, o comando dos exércitos onde se incluía o próprio Khruchov - *nota do autor*] tomámos a decisão correcta de suspender as operações para cercar Kharkov, uma vez que na situação real daquele momento, o prosseguimento de uma operação daquele tipo ameaçava ter consequências fatais para as nossas tropas.

Comunicámos isso a Stáline, declarando que a situação impunha alterar o plano de acção de forma a não dar a possibilidade ao inimigo de aniquilar grandes agrupamentos de tropas nossas.

Contrariado o bom senso, Stáline rejeitou a nossa proposta e ordenou a continuação da operação de cerco de Kharkov.»³⁹

Constatamos que Khruchov defendeu uma posição contrária à de Stáline. Mas esta oposição de Khruchov não foi seguida do seu afastamento, nem da sua destruição moral e física. Pelo contrário, depois da guerra, Khruchov foi promovido a um posto de responsabilidade mais elevada. Isto diz respeito não somente a Khruchov, mas também a muitos outros dirigentes soviéticos do Partido e do Estado. Muito típicas nesse sentido eram as discussões entre Stáline e o marechal Júkov, que foi um dos dirigentes militares soviéticos que sempre defendeu as suas opiniões próprias muitas vezes contrárias às de Stáline. Mas disso não resultou o afastamento do marechal Júkov do seu papel dirigente no Exército Soviético, nem a sua destruição moral e física. Pelo contrário, o marechal Júkov foi o primeiro substituto de Stáline na Grande Guerra Patriótica e recebeu o maior número de condecorações militares e de títulos honoríficos.

No decurso da Grande Guerra Patriótica, Khruchov estava longe do comando supremo e do Estado-Maior do Exército Soviético. Para se ter uma ideia precisa dos métodos de direcção de Stáline durante os anos da guerra, é mais interessante dar a palavra àqueles que trabalharam directamente com ele, e lhe fizeram relatórios da situação duas a três vezes por dia, incluindo durante a noite.

Vejamos o que disse o próprio marechal Júkov a este respeito, depois do XX Congresso:

«Durante os longos anos da guerra tive a convicção de que Stáline não era de todo um homem perante o qual não se ousasse colocar questões arriscadas ou mesmo debater com ele defendendo opiniões próprias. Se há quem afirme o contrário, direi que as suas afirmações são pura e simplesmente falsas. O estilo de trabalho era sério, sem excitações, cada um podia exprimir a sua tese. O dirigente supremo comportava-se com toda a gente da mesma maneira, rigorosa e oficial.»⁴⁰

E o marechal Júkov prossegue sobre o mesmo assunto:

³⁸Idem, págs. 131-132 (nota do editor).

³⁹Idem, pág. 149 (nota do editor).

⁴⁰G. K. Júkov - *Mémoires et réflexions*, Sofia, 1983, págs. 320-321.

«Stáline tinha um alto apreço pelo trabalho do Estado-Maior e outorgava-lhe total confiança. Por princípio, não tomava decisões importantes sem ter ouvido a análise da situação feita pelo Estado-Maior e sem ter estudado as suas propostas.»⁴¹

Por sua vez, o chefe do Estado-Maior do Exército Soviético, S.M. Chteménko, escreve: «A discussão de cada problema desencadeava-se no Comando Supremo num ambiente laborioso e calmo. Cada um de nós tinha a possibilidade de expressar o seu ponto de vista.»⁴²

A propósito da operação militar de Berlim, o marechal I.S. Kónev escreveu o seguinte:

«Stáline ouviu atentamente as considerações dos comandantes das frentes, tomou conhecimento das opiniões do Estado-Maior e definiu os traços da operação de Berlim, e estabeleceu em seguida claramente as tarefas operacionais em cada frente.»⁴³

O marechal A.M. Vassiliévski, que foi durante muito tempo chefe do Estado-Maior do Exército Soviético e o braço direito de Stáline durante a Grande Guerra Patriótica, escreveu a este respeito:

«O Bureau Político do Comité Central e a direcção das forças armadas apoiavam-se sobretudo no pensamento colectivo para a elaboração dos planos estratégicos e para a tomada de decisões com respeito aos grandes problemas económicos.»⁴⁴

Para compreender a enorme importância que Stáline dava ao trabalho colectivo, invocamos o seguinte exemplo:

«Em 1942, quando o departamento se tornou definitivamente operacional (trata-se do Departamento de Estudo da Experiência da Guerra junto do Estado-Maior – *nota do autor*) e tinha já adquirido uma certa experiência no seu trabalho, a pedido de Stáline foram elaborados os estatutos militares da Infantaria. Segundo as suas indicações, os estatutos foram elaborados de maneira particular. As primeiras notas foram redigidas em Moscovo, após o que os vários grupos de comandantes partiram para a frente. E foi com a colaboração dos comandantes entre os mais capazes e mais experientes – de companhias, batalhões, regimentos – que os estatutos foram definitivamente estabelecidos e escritos localmente. Depois foi criada uma comissão especial que os reviu e introduziu as últimas alterações. Em seguida, durante duas jornadas de trabalho, foram discutidos numa sessão do Comando Supremo, em presença dos comandantes das diferentes graduações, que haviam sido chamados da frente. Somente após este trabalho, em 9 de Novembro de 1942, é que o Comissário do Povo para a Defesa, Iossif Stáline, aprovou os estatutos e a sua aplicação.»⁴⁵

Como se costuma dizer: sem comentários!

Um outro argumento de Khruchov para provar a sua tese da «intolerância» de Stáline em relação ao trabalho colectivo na direcção do PCUS baseia-se na «irregularidade dos Congressos e dos Plenários do PCUS». Escreve o seguinte:

«Será que se pode considerar como normal o facto de entre o XVIII e o XIX Congressos do Partido se terem passado mais de 13 anos, durante os quais o nosso Partido e o nosso país viveram tantos acontecimentos? Estes acontecimentos exigiam insistentemente que o nosso Partido tomasse decisões sobre a defesa do País nas condições da guerra patriótica e sobre os problemas da edificação pacífica nos anos do pós guerra.»⁴⁶

Podemos tirar duas conclusões deste argumento de Khruchov:

⁴¹Idem, pág. 307-308.

⁴²S.M. Chteménko, *L'Etat-major pendant la guerre*, Tomo 1, Sofia, 1969, pág. 223.

⁴³I.S. Konev. *Notes du commandant du front* - Sofia, 1975, pág. 454.

⁴⁴A.M. Vassilévski, *Une oeuvre pour toute la vie* - Sofia, 1976, pág.122.

⁴⁵S.M. Chteménko, *L'Etat-major pendant la guerre*, Tomo 1, Sofia, 1969, pág. 24.

⁴⁶Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág. 136 (nota do editor).

Primeiro, ele insinua que de 1939 a 1952, período em que não se realizaram congressos e plenários do Partido, as decisões necessárias sobre a defesa ou sobre a reconstrução do após-guerra não foram tomadas. Quase que nem é preciso atacar esta insinuação sem fundamento. O próprio facto do desfecho vitorioso da Grande Guerra Patriótica denuncia a insensatez desta ideia de Khruchov.

Em seguida, insinua que, depois de Iossif Stáline se ter tornado secretário-geral do Partido, de 1922 a 1939, os congressos do Partido não se teriam realizado regularmente, apesar de apenas o XIX Congresso ter sido adiado para 1952.

Que podemos dizer desta afirmação de Khruchov?

Primeiramente, é preciso pôr em relevo o facto de que, depois do XVIII Congresso do PCUS realizado em 1939, o processo de reagrupamento de forças na arena internacional tinha começado, a Grande Guerra Patriótica da União Soviética tinha começado também, e tinha durado até Setembro de 1945. Realizar congressos em tempo de guerra é, o menos que se pode dizer, irresponsável.

Quanto à regularidade dos plenários do Comité Central do PCUS, Khruchov acrescenta: «Quase que não se convocaram plenários do Comité Central. Basta dizer que durante todos os anos da guerra patriótica não se realizou efectivamente nenhum plenário do CC. Na verdade, foi feita uma tentativa de convocar um plenário do CC em Outubro de 1941, altura em que os membros do Comité Central de todo o país foram chamados especialmente a Moscovo. Mas esperaram dois dias em vão pela abertura do plenário. Stáline nem sequer quis encontrar-se e conversar com os membros do Comité Central.»⁴⁷

Seguindo esta lógica até poderíamos acrescentar que Stáline não quis sequer sentar-se para beber uma vodka. Não basta dizermos que estas são palavras de um indivíduo ingénuo. De facto, elas reflectem um palavrear irresponsável, mas tendencioso. Recordemos a situação de Moscovo em Outubro de 1941. Os exércitos alemães estavam a escassos 25 quilómetros da cidade e preparavam-se para invadi-la. Numa tal situação, quando o destino de Moscovo se decidia, e por consequência o futuro da União Soviética, arrancar Stáline do seu posto de trabalho, quando ele trabalhava nesta época 15 a 16 horas por dia, arrancá-lo à direcção das acções militares dos exércitos para dirigir um plenário do Comité Central ou conversar com os membros do CC, como sugere Khruchov, é algo que só pode ser considerado como uma tagarelice irresponsável, nada mais.

Nesses dias de Outubro, Stáline permanecia dia e noite no seu posto como Comandante Supremo, trabalhando com o órgão mais competente, o Estado-Maior do Exército Soviético. As decisões mais importantes e decisivas para o país eram tomadas com base nas propostas do Plenário do Estado-Maior do Exército Soviético, composto por várias centenas de membros. Este plenário permanente trabalhou dia e noite durante todos os anos da Grande Guerra Patriótica. Não pode ser subestimada a sua contribuição para a vitória sobre o exército fascista. Khruchov, como se não tivesse visto nem compreendido, não apreciou o justo valor de tudo isto. Ou antes, não o quis admitir nem confessar, com um objectivo preciso.

Os congressos do Partido podem ser substituídos em certos casos por conferências ou plenários do Partido. Isso depende da situação. Mas mesmo a realização de dois congressos por ano não é uma garantia de que o trabalho colectivo na direcção do Partido seja assegurado.

Não utilizou Khruchov os plenários e os congressos do Partido que reunia regularmente para instaurar a linha revisionista no PCUS? Não conseguiu Gorbachov realizar a sua demagogia e a sua traição enquanto mantinha regularmente os congressos e os plenários do PCUS?

⁴⁷Idem, ibidem (nota do editor).

O trabalho colectivo pode também ser realizado nas sessões do Bureau Político do Comité Central, nas sessões do Conselho de Ministros e nos órgãos do Estado. Mesmo os encontros ordinários e as discussões de Stáline com os diferentes ministros que lhe apresentavam as suas propostas e recomendações sobre os colectivos ministeriais, apresentavam uma troca de ideias e de experiências especializadas entre os ministérios e o primeiro dirigente da URSS.

O ministro da Agricultura sob Stáline, I.A. Benediktov, afirmou:

«Apesar da opinião corrente, nesses anos, todas as questões, incluindo as que se relacionavam com a destituição de figuras destacadas do Partido, do Estado e Exército, eram decididas no *Politburo* de forma colegial. Nas reuniões do *Politburo* havia frequentemente debates e discussões inflamadas, onde eram expressas opiniões diferentes, por vezes opostas, naturalmente enquadradas nos objectivos angulares do Partido. Não havia uma unanimidade implícita e submissa – Stáline e os seus camaradas não suportavam tal coisa. Digo isto com inteiro fundamento porquanto estive muitas vezes presente nas reuniões do *Politburo*.

«É verdade que o ponto de vista de Stáline, regra geral, impunha-se. Mas isto acontecia porque ele objectivamente equacionava os problemas de forma aprofundada, via mais longe e mais fundo que os outros. As pessoas são pessoas e gradualmente habituavam-se a isto, seguindo a lei do menor esforço, e deixavam de defender os seus pontos de vista até ao fim. Stáline dava-se conta do perigo que isto representava, zangava-se, mostrava como exemplo N.A. Voznessenski, que defendia firme e conseqüentemente as suas opiniões. Contudo não conseguiu alterar a situação. Ao passar a barreira dos 70 anos, começou a ceder notoriamente. A idade e a tremenda tensão dos assuntos de Estado produziam, visivelmente, os seus efeitos. Mas no final dos anos 30, a colegialidade no trabalho do *Politburo* revela-se de forma muito precisa. Houve casos, bastante raros é certo, em que Stáline ficou em minoria nas votações. Isto aconteceu em particular no referente às repressões, matéria em que Stáline tinha posições mais “suaves” dos que muitos outros membros do *Politburo*.»⁴⁸

Em 13 de Dezembro de 1931 houve um encontro entre Stáline e o escritor alemão Emile Ludwig. Este colocou a Stáline a seguinte questão:

«Nesta mesa, à volta da qual estamos sentados, há 16 cadeiras. No estrangeiro, por um lado sabe-se que a União Soviética é um país onde tudo deve ser decidido colectivamente e, por outro lado, sabe-se que tudo é decidido individualmente. Quem é que finalmente decide?»

Stáline respondeu: «Não, individualmente não se pode decidir. As decisões individuais são sempre ou quase sempre, decisões unilaterais. Em todos os colégios, em todos os colectivos, há pessoas cuja opinião deve ser tomada em conta. Em todos os colégios, em todos os colectivos, há pessoas que podem também expressar opiniões erradas. Com base na nossa experiência de três revoluções, sabemos que aproximadamente de 100 decisões individuais, não verificadas, não corrigidas colectivamente, 90 decisões são unilaterais.»⁴⁹

Acusando Stáline de transgressão ao princípio da colegialidade no trabalho de direcção, Khruchov escreve:

«(...) Stáline, aproveitando-se de um poder ilimitado, cometeu muitos abusos, agindo em nome do CC, não auscultando a opinião dos membros do CC e mesmo dos membros do

⁴⁸ I.A. Benediktov, *Stáline e Khruchov*, tradução portuguesa do russo em www.hist-socialismo.net, pág. 21 (Ivan Aleksandrovitch Benediktov ocupou postos chave na governação da URSS entre 1938 e 1959, designadamente como Ministro da Agricultura do país - nota do editor).

⁴⁹ Citação traduzida pelo editor do original em russo de «Conversa com o escritor alemão Emile Ludwig», publicada em 13 de Dezembro de 1931, na revista *Bolchevik*, n.º 8, incluída em I.V. Stáline, *Obras*, tomo 13, *Gossudarstvenoi Politicheskoi Literaturi*, Moscovo, 1951, pág. 106.

Politburo do CC, frequentemente não os informando sobre decisões individuais tomadas por Stáline sobre questões muito importantes do Partido e do Estado.»⁵⁰

Sobre muitos problemas, sobretudo no decurso da Grande Guerra Patriótica, as circunstâncias obrigavam Stáline, como chefe supremo do Exército Soviético, a tomar decisões muito rapidamente. No entanto, ele baseava-se nos princípios do Comité Central do PCUS e consultava sempre antes da tomada de posições os seus colaboradores mais competentes que se encontravam em lugares de responsabilidade. Vejamos o que escreve o marechal Júkov a este respeito:

«Depois da morte de Stáline foi espalhado o rumor de que Stáline tomava decisões sozinho sobre estratégia militar. Não posso aceitar essa opinião.»⁵¹

Em confirmação da opinião do marechal Júkov vamos tomar um exemplo de grande importância histórica – a preparação e a realização da grande parada histórica do Exército Vermelho na Praça Vermelha em 7 de Novembro de 1941.

O chefe da guarnição de Moscovo, o tenente-general Artemiev descreve a preparação desta parada da seguinte forma:

«Um dia, em fins de Outubro, fiz o relatório ao Comandante Supremo, Iossif Stáline sobre a situação no flanco Oeste, o avanço da edificação das linhas de defesa, a chegada das reservas. Esses relatórios eram feitos diariamente. Dessa vez, depois de ter ouvido as minhas informações, perguntou-me se contávamos preparar as unidades da guarnição de Moscovo para a parada militar. Referindo-me à situação, manifestei dúvidas sobre a utilidade de organizar essa parada. O Comandante Supremo chamou a minha atenção para o significado político dessa realização. E ordenou que a parada tivesse lugar no 7 de Novembro, exigindo que nela participassem tanto a artilharia como os carros de combate. Foi dada a ordem de que a parada fosse recebida pelo marechal da União Soviética, Budiónni e que eu deveria tomar o comando. Stáline sublinhou que, de momento, só seríamos três pessoas a estar ao corrente da preparação da parada. Budiónni seria posto ao corrente um dia antes: ele é um cavaleiro experiente, não tem necessidade de preparação prévia. A parada começou no 7 de Novembro às 8 horas. Participaram nela alunos da Escola Militar representando o Conselho Superior da República Soviética da Rússia, unidades de tiro, marinheiros de guerra, secções de operários moscovitas armados, esquadrões de cavalaria, unidades de artilharia. E a parada terminou com o desfile de 200 carros de combate. A parada deu confiança aos soviéticos, aos soldados do Exército Vermelho, foi a garantia de que Moscovo ia resistir, que o inimigo seria aniquilado.»⁵²

Por que é que Stáline agiu assim? Não tinha confiança nos membros do Bureau político do Comité Central e no Comité de Estado da Defesa? É claro que tinha. Mas Iossif Stáline agiu deste modo porque analisava correctamente a situação político-militar na véspera do 7 de Novembro de 1941, quando os exércitos alemães se preparavam para o seu último assalto a Moscovo... Todos os seus serviços de informação tinham os olhos e os ouvidos virados para Moscovo, o maior segredo impunha-se para a organização da parada.

Iossif Stáline agiu assim porque sabia que para a organização da parada eram suficientes os esforços de um representante do Estado-Maior e do chefe da guarnição de Moscovo.

Tinha agido assim porque sabia pela sua experiência que gestos, mesmo involuntários, dos membros do Comité Central, poderiam dar indícios aos serviços de informação alemães sobre a preparação da parada.

Ele agiu desta forma para assegurar o sucesso da parada que, como ele dizia, deveria ter um impacto político e psicológico importante. Efectivamente, o desfile militar de 7 de

⁵⁰Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág. 135 (nota do editor).

⁵¹G.K. Júkov - *Mémoires et réflexions*, pág. 561.

⁵²*Pavel Artémiev*, jornal *Narodna Armia* de 5.12.1976

Novembro de 1941 foi uma surpresa para o comando alemão e para o mundo inteiro. Desempenhou o papel histórico imaginado por Stáline. Mostrou a força inesgotável da URSS e perturbou a intervenção do Japão e da Turquia contra a União Soviética. Reforçou a coligação anti-hileriana e elevou o moral do Exército Soviético e dos povos soviéticos.

O facto de Stáline não ter convocado um plenário especial do Comité Central do PCUS ou mesmo uma sessão do Bureau Político para a organização do desfile de 7 de Novembro de 1941, significará que Stáline transgrediu o princípio da direcção colectiva do PCUS? É claro que não.

Há outros casos em que Stáline tomou decisões secretas. Uma dessas decisões foi a preparação da batalha de Stálingrado. É do conhecimento público que, no seguimento de uma longa reunião unicamente com os seus assessores directos, os marechais Júkov e Vassiléviski, Stáline, como Comandante Supremo do Exército Soviético, tomou a decisão da preparação da operação de Stálingrado. O marechal Júkov cita no seu livro, *Memórias e Reflexões*, as indicações de Stáline a propósito do segredo da preparação da operação de Stálingrado.

«A discussão sobre esta operação será retomada mais tarde. De momento, o que se discute aqui não deve ser conhecido por mais ninguém, para além de nós os três.»⁵³

Será correcto agir deste modo? Sim, a história mostra que o segredo da preparação de um acontecimento de uma tal importância histórica é a condição do seu sucesso. O sucesso era o mais importante para Stáline, e o segredo – decisivo para a vitória.

Mas Khruchov, no seu relatório, tentando a todo o custo acusar Stáline de transgressão do princípio da colegialidade, escreve:

«(...) Stáline não viajava para lado nenhum, não se encontrava com operários e *kolkhozianos* e não conhecia a situação real nas localidades.

«Ele estudava o país e a agricultura só através dos filmes.»⁵⁴

É a calúnia-mentira N.º 3 de Khruchov contra Stáline. Será possível dirigir a construção do socialismo num grande país como a URSS, conhecendo-o unicamente pelos filmes?

De acordo com Khruchov, quanto mais um dirigente viajasse, tanto mais aplicaria o princípio da colegialidade. É um desconhecimento do que é o trabalho colectivo, uma simplificação, uma ingenuidade. Khruchov tinha um objectivo preciso: denegrir e caluniar a personalidade de Iossif Stáline.

⁵³G.K. Júkov - *Mémoires et réflexions*, pág. 479.

⁵⁴Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.160 (nota do editor).

Capítulo IV

Sobre a preparação da defesa do país e a grande guerra patriótica dirigida por I.V. Stáline

Segundo Khruchov, Iossif Stáline não tomou medidas suficientes para a preparação do país para a defesa, como dirigente do PCUS e da União Soviética. No seu relatório escreve:

«Apesar de todas indicações extraordinariamente importantes, não foram tomadas medidas suficientes para preparar bem o País para a defesa e excluir a possibilidade de um ataque de surpresa.»

«Tínhamos o tempo e a possibilidade para um tal preparação? Sim, havia tempo e possibilidades.»⁵⁵

É a mentira-calúnia N.º 4 do relatório Khruchov. É uma mentira, não só em relação a Stáline, mas também ao PCUS, ao governo e ao povo soviético.

Nesta afirmação de Khruchov colocam-se dois problemas: um sobre a preparação do País para a defesa e o outro sobre a possibilidade de impedir a surpresa da invasão alemã.

No que diz respeito à primeira afirmação, é preciso dizer o seguinte: se relermos a história da URSS, constatar-se-á a grande actividade desenvolvida durante vários anos pelo PCUS, pelo governo da União Soviética e pelo povo soviético para preparar o país para a defesa. Trata-se não somente da preparação das forças armadas, da indústria militar e da economia do país. Trata-se também da preparação militar, política e moral de todo o povo soviético, dos homens, das mulheres, da juventude comunista e dos pioneiros. Esta preparação de todo o povo foi um dos factores presentes no decurso de toda a guerra que contribuíram para o sucesso.

À luz destes factos, a calúnia de Khruchov surge como uma impostura. De resto, é necessário acrescentar que o tempo era muito limitado, apesar do adiamento de quase dois anos, obtido graças ao pacto germano-soviético de não-agressão, assinado entre a Alemanha e a União Soviética em Agosto de 1939.

Nas condições muito difíceis da construção do socialismo na URSS, o que foi feito pela preparação do país para a defesa estava nos limites do possível.

Para ser mais convincente, Khruchov escreve:

«Lembro-me que nesses dias [no princípio da guerra – *nota do autor*] telefonei de Kiev a Malenkov e disse-lhe:

- O povo entrou no exército e pede armas. Enviem-nos armas.

E Malenkov respondeu-me:

- Não podemos enviar-vos armas. Todas as espingardas estão a ser enviadas para Leninegrado. Armai-vos vós próprios.

Era esta a situação que existia no que toca ao armamento.»⁵⁶

Em primeiro lugar esta conversa parece improvável. A guerra já tinha começado e é somente então que Khruchov resolve pedir armas a Moscovo! Como se todos os entrepostos de armas da mobilização se encontrassem em Moscovo, e como se depois do início da guerra fosse necessário enviá-las para a Ucrânia, para o Cazaquistão ou para o Extremo-Oriente! Para qualquer pessoa minimamente instruída é claro que o aprovisionamento em armas das unidades mobilizadas se efectua nos seus próprios entrepostos, segundo os planos de mobilização. É impossível que em toda a Ucrânia não houvesse reservas de armas destinadas ao armamento das unidades mobilizadas na Ucrânia. Admite-se que tenha havido desorganização na mobilização em Kiev, mas neste caso a responsabilidade incumbe ao próprio Khruchov e não a Stáline. É uma situação estranha: no princípio da guerra, Khruchov, que era então primeiro secretário do Partido Comunista da Ucrânia e membro

⁵⁵Idem, pág. 147 (nota do editor).

⁵⁶Idem, ibidem (nota do editor).

do Conselho Militar da região militar de Kiev, ter-se indignado contra o que ele próprio não devia ter deixado acontecer. Se ele tivesse telefonado a Stáline e não a Malenkov⁵⁷, a conversa não se teria passado tão facilmente na situação de então.

Vamos de seguida ilustrar com alguns dos numerosos testemunhos dados pelos mais ilustres dirigentes do Exército Soviético, que asseguraram a defesa do país, que demonstram o enorme trabalho que o Comité Central do PCUS, o governo soviético e pessoalmente Stáline realizaram para a preparação do país para a defesa. O marechal Júkov, que era o chefe do Estado-Maior e primeiro substituto de Iossif Stáline durante a Grande Guerra Patriótica, escreveu:

«No conjunto, o enorme poder económico criado durante os dois quinquénios, e sobretudo nos três últimos anos antes da guerra, assegurou a base da defesa do país.»⁵⁸ «A taxa anual da produção aumentava em média 13%, e a indústria da defesa em 39%. Numerosas fábricas de construção mecânica e de outras produções de grande porte foram reconvertidas para a produção de técnicas de defesa. A construção de poderosas fábricas militares especializadas foi também empreendida.» (...) «Devo dizer que Stáline desenvolvia pessoalmente uma grande actividade respeitante às acções militares, conhecia dezenas de directores de fábricas, responsáveis da organização do Partido, engenheiros-chefes, encontrava-se frequentemente com eles e vigiava a execução da planificação estabelecida.»⁵⁹

«Stáline considerava a artilharia como o meio militar mais importante e insistia para o seu aperfeiçoamento. O Comissário do Povo para o Armamento era D.F. Ustinov, o da Indústria de Munições antes e durante a guerra era B.L. Vannikov, os construtores dos sistemas de artilharia eram os generais I.I. Ivánov e V.G. Grabin. Stáline conhecia-os bem a todos, encontrava-se frequentemente com eles e confiava na sua eficácia.»⁶⁰

«O Comité Central do Partido e Stáline consagraram muito tempo e atenção aos construtores de aviões. Pode dizer-se que Stáline tinha uma atracção pela aviação.»⁶¹

E o chefe do Estado-Maior, o general S.M. Chteménko escreveu:

«Teremos nós admitido a hipótese de uma agressão da Alemanha em 1941 e teremos feito alguma coisa na prática para resistir a essa agressão? Sim, considerámos isso! Sim, preparávamo-nos para isso! Pouco antes da guerra, nas zonas fronteiriças, tínhamos começado secretamente a concentrar exércitos suplementares. Transferimos do interior para a frente Oeste cinco exércitos (...) Da região militar de Moscovo partiu para Vinitsa um grupo operacional que tomou a direcção da frente Sul. O Comissariado do Povo pela Frota de Guerra reforçou por decreto as informações e a protecção da marinha, transferiu bases de uma parte das forças da marinha do Báltico de Libava e de Tálin para lugares mais seguros. E mesmo na véspera da guerra, as frotas do Báltico, do Norte e do Mar Negro foram colocadas em alerta.»⁶²

E ainda:

«Como se pode esquecer tudo isto? Como se pode negar todo este trabalho que o Partido e o governo realizaram na véspera da guerra para preparar o país e o exército para repelir o inimigo? Uma outra questão é que, por falta de tempo, não tivéssemos podido resolver inteiramente as tarefas que nos incumbiam.»⁶³

⁵⁷Gueorgui Makssimilianóvitch Malenkóv (1902-1988), membro do PCUS desde 1920, membro do CC entre 1939 e 1957, era no início da guerra secretário do CC e membro-candidato do *Politburo* do CC (nota do editor).

⁵⁸G.K. Júkov - *Mémoires et réflexions*, pág. 202.

⁵⁹Idem, pág. 200.

⁶⁰Idem, pág. 208.

⁶¹Idem, pág. 211.

⁶²S.M. Chteménko, *L'Etat-major pendant la guerre*, Tomo I - Sofia, 1969, pág. 26.

⁶³Idem, pág.27

A segunda questão que Khruchov levanta é a possibilidade de prever a rapidez instantânea do ataque da Alemanha nazi. Para provar essa possibilidade, Khruchov toma como argumento o plano de acção proposto pelo general Kirponóss. Khruchov escreve:

«Pouco antes do ataque dos exércitos hitlerianos à União Soviética, Kirponóss⁶⁴, que viria a ser o comandante da região militar especial de Kiev [mais tarde foi morto na frente – *nota do autor*] escreveu a Stáline que os exércitos alemães tinham chegado ao [rio] Bug⁶⁵, que preparavam intensamente tudo para o ataque e que, ao que tudo indicava, brevemente passariam à ofensiva. Tendo tudo isto em conta, Kirponóss propôs criar uma defesa fiável, retirar 300 mil habitantes das regiões fronteiriças e criar aí várias zonas poderosamente fortificadas: abrir trincheiras anti-tanques, construir abrigos para os soldados, etc.

«A estas propostas, a resposta de Moscovo foi isso seria uma provocação, que não devem ser feitos quaisquer trabalhos preparatórios na fronteira, que não se devia dar aos alemães o pretexto para desencadear acções militares contra nós. E assim, as nossas fronteiras não foram verdadeiramente preparadas para repelir o inimigo.»⁶⁶

Em primeiro lugar não se pode considerar verídica a afirmação de Khruchov de que o general Kirponóss tivesse efectivamente dirigido uma carta desse género a Stáline. Khruchov não anexa cópia autêntica da carta, mas cita-a de memória. Não é provável que o general não estivesse ao corrente do plano de Estado-Maior para a defesa do país, e que propusesse retirar 300 mil habitantes da fronteira para ali construir zonas fortificadas, na véspera da invasão alemã.

Não é provável que o general sobrestimasse o papel das zonas fortificadas e que admitisse, como sugere Khruchov, que a guerra se decidiria numa zona fronteiriça com trincheiras de quatro metros de profundidade. Não podemos acreditar que o general Kirponóss não conhecesse a experiência alemã na linha Maginot para confiar dessa forma nas zonas fortificadas.

Essas medidas, mesmo se tivessem sido tomadas, não teriam podido evitar o ataque surpresa alemão. Pelo contrário, a sua execução teria podido servir de pretexto político para justificar a agressão hitleriana. Mesmo sem essa «provocação soviética», o embaixador alemão em Moscovo, Shulenburg, tinha declarado que «a Alemanha, sentindo-se ameaçada pela concentração de exércitos soviéticos na sua fronteira Leste, tinha empreendido contra-medidas.»⁶⁷

No que respeita à surpresa do ataque, ela resultou da ruptura inesperada do pacto de não-agressão entre a URSS e a Alemanha, no avanço dos exércitos alemães em todas as frentes, sem aviso prévio e sem declaração de guerra à URSS.

Na manhã de 22 de Junho de 1941, no Kremlin, Stáline descreveu a Gueorgui Dimitrov o início da guerra: «Atacaram-nos sem pedir negociações, manhosamente como bandidos.»⁶⁸

E o marechal Júkov escreveu a este propósito: «A surpresa não consistiu na passagem inesperada da fronteira, não se tratava de um vulgar ataque-surpresa. O grande perigo para nós foi a surpresa do poder de ataque do exército alemão, a surpresa para nós foi a sua superioridade de seis a oito vezes maior nas principais direcções, a surpresa consistiu na escala da concentração dos seus exércitos, na sua força ofensiva. Foi isso que provocou as

⁶⁴Mikhail Petróvitch Kirponóss (1892-1941), general comandante, membro do PCUS desde 1918, foi comandante de divisão na Guerra Soviético-Finlandesa e comandou os exércitos soviéticos do Sudeste na II Guerra Mundial. Foi morto em combate (nota do editor).

⁶⁵O Rio Bug nasce na região central da Ucrânia e corre para o Oeste, formando parte da fronteira com a Polónia. O Bug Ocidental foi a linha fronteiriça entre as forças alemãs e os soviéticos na sequência da invasão da Polónia em 1939 (nota do editor).

⁶⁶Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, págs.147-148 (nota do editor).

⁶⁷Jornal *Edinstvo*, N.º 16. 1992.

⁶⁸Idem.

nossas maiores perdas no primeiro período da guerra. E não a passagem súbita da fronteira.»⁶⁹

«Foi o próprio carácter do ataque que nos surpreendeu, a sua grandeza, que não foi completamente prevista por nós, ou seja, a sua escala, com todas as forças em presença, desenvolvidas previamente em todas as direcções estratégicas. Nem o Comissário do Povo, nem eu próprio, nem os meus antecessores Chápochnikov, Meretskóv e os chefes do Estado-Maior supúnhamos que o adversário tivesse concentrado uma tal massa de exércitos motorizados e de carros blindados, atirando-os para o combate desde o primeiro dia, em poderosos agrupamentos compactos em todas as direcções estratégicas, a fim de produzir golpes devastadores.»⁷⁰

A concepção do Estado-Maior hitleriano do ataque, os principais golpes, as direcções, os meios empregues e os objectivos tornaram-se claros a partir dos primeiros dias e semanas da guerra.

Mais adiante, o marechal Júkov escreve a propósito disto: «Teria sido possível ao Comissariado do Povo para a Defesa e aos serviços de informação militar associados detectar a tempo o ponto da penetração da fronteira da URSS na invasão de 22 de Junho? Nas condições de então isso era extremamente difícil. De resto, como descobrimos nos documentos e mapas encontrados na Alemanha depois da guerra, a concentração de forças sobre a fronteira foi realizada no último momento, e os exércitos de carros blindados que se encontravam longe foram transferidos para os locais da invasão na própria noite de 22 de Junho. Mesmo com as informações recebidas, infelizmente, não conseguimos chegar sempre às boas conclusões para orientar de maneira segura o Comando Supremo.»⁷¹

É desta forma que o marechal Júkov trata o problema da surpresa da invasão e da possibilidade de evitá-la. Quanto à forma como Khruchov, que não tinha formação militar, teria evitado a surpresa da invasão, isso nunca foi conhecido.

É necessário citar também Berezkóv que se encontrava no corpo diplomático da URSS em Berlim, e que confessa que nem o corpo diplomático na Alemanha, nem ele próprio, estavam seguros da data, embora, desde o mês de Abril, Moscovo tivesse sido avisado de um eventual ataque. Mas nenhuma das datas avançadas se tinha confirmado.⁷²

O doutor em Ciências Históricas, Gamakharia, escreve a este propósito:

«Era possível considerar a data de 22 de Junho comunicada por Sorge⁷³ como a mais justa e indiscutível, dado que diferentes datas tinham sido lançadas como datas da invasão: 14 de Maio, depois 20 de Maio, e enfim – entre 15 de Maio e 15 de Junho. Havia também dados dos serviços de informação com um conteúdo completamente diferente.»⁷⁴

Também Mólotov conta nas suas memórias:

«Mais tarde li os dados dos serviços de informação. O que é que não se encontrava lá, quantos prazos não tinham sido comunicados. Se nos tivéssemos fiado neles, a guerra teria começado muito mais cedo.»⁷⁵

E apesar da situação complexa e contraditória, no momento do avanço dos exércitos hitlerianos, o Comando Supremo tomou a melhor decisão: na noite de 21 para 22 de Junho

⁶⁹Jornal *Narodna Armia*, 27 Novembro de 1987.

⁷⁰G.K. Júkov, *Mémoires et réflexions*, pág. 265.

⁷¹Idem, pág. 240.

⁷²Jornal *Komunistitchesko Délo*, N.º 15, 1995.

⁷³Richard Sorge (Rikhard Zorgue), (1895-1944), espião da URSS, membro do PCUS desde 1925. Nos anos 30 e 40 residiu como jornalista na Alemanha, China e Japão, obtendo valiosa informação para a URSS. Em Outubro de 1941 é preso pela polícia japonesa e executado em Novembro de 1944, (nota do editor).

⁷⁴A. M. Samsonov - *Savoir et se souvenir*, Moscovo, 1989, pág.110.

⁷⁵V.M. Mólotov – *Mémoires*, in jornal *Tribuna* N.º 21, 1994.

de 1941 os exércitos e a técnica militar foram transferidos e colocados em condições de ripostar, saindo das guarnições.

A acusação de Khruchov de que o Comando Supremo da URSS e, mais particularmente, Stáline não tinham dado a tempo instruções quanto à invasão é falsa e tendenciosa. Sabe-se que «o general Tiulénev, o presidente do Conselho Municipal de Moscovo, Prónine, e o secretário do Comité Regional do Partido de Stálinegrado, Tchuianov, afirmaram justamente que Stáline deu instruções no dia 21 de Junho para que se preparassem para a invasão do país pela Alemanha.»⁷⁶

Mesmo Milovan Djilas, que não se pode contar entre os admiradores de Stáline, afirmou que o próprio Khruchov reconheceu que, em 21 de Junho, Stáline telefonou-lhe para Kiev prevenindo-o de que os alemães poderiam começar a guerra contra a URSS em 22 de Junho.»⁷⁷

Khruchov, 15 anos depois do início da guerra, em 1956, ainda não tinha compreendido a ideia de Stáline de evitar uma provocação, de modo a colocar Hitler como agressor e a URSS como vítima da agressão, para assim criar condições com vista à construção de uma coligação anti-hitleriana a nível internacional. Este foi justamente um grande êxito histórico da URSS. Isso permitiu também ganhar tempo para transferir os exércitos soviéticos do Extremo Oriente para Oeste, após ter sido recebida a informação de Sorge sobre a neutralidade do Japão.

Sobre a direcção de Stáline na Guerra Patriótica, Khruchov escreveu:

«Mas o problema não foi apenas o início da guerra (...) Já depois do começo da guerra, o mesmo o nervosismo e o mesmo histerismo, que Stáline revelava quando se ingeria⁷⁸ no curso das operações militares, causaram sérios danos ao nosso exército.

«Stáline ingeria-se directamente no desenrolar das operações e dava ordens.»

(...) E é preciso dizer que Stáline planeava as operações sobre um globo. Sim, camaradas, ele pegava no globo e indicava ali a linha da frente.»⁷⁹

Na nossa enumeração das mentiras de Khruchov, esta é a mentira-calúnia N.º5 contra Iossif Stáline. Não é somente uma mentira raivosa, mas sobretudo de muito baixo nível. Porque a planificação das operações militares de que Stáline estava encarregado como Comandante Supremo das forças armadas da União Soviética, é um processo muito complexo que não pode ser feito sobre um globo, nem consiste na indicação das linhas da frente.

As dezenas de apreciações feitas pelos maiores dirigentes militares soviéticos que trabalharam dia e noite com Stáline durante os anos da Guerra Patriótica denunciaram esta mentira baixa. Vamos citar alguns deles.

Marechal Júkov: «Devo dizer que ao ser nomeado Stáline como presidente do Comité de Estado para a Defesa, como Comandante Supremo do Estado-Maior e como Comissário do Povo para a Defesa, para o Planeamento Nacional e para a Agricultura, nós sentimos imediatamente a sua direcção de mestre.»⁸⁰

«O Comandante Supremo tinha instaurado uma disciplina sem falhas, que obrigava o Estado-Maior a fazer-lhe relatórios duas vezes por dia sobre a situação nas frentes, com todas as alterações verificadas nesse intervalo de tempo. O relatório incluía uma nota explicativa pelo chefe do Estado-Maior.»⁸¹

⁷⁶Revista *Sovietski Patriot*, N.º 1, 1990, pág. 32.

⁷⁷Revista *Sména* N.º 1, 1990, pág. 147.

⁷⁸Note-se que Khruchov usa a palavra «ingerir» quando Stáline era o Comandante Supremo (nota do autor).

⁷⁹Citações do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.149 (nota do editor).

⁸⁰G.K. Júkov - *Mémoires et réflexions*, pág. 295.

⁸¹Idem, págs. 308-309.

«Era necessário estar bem preparado para informar o Comandante Supremo. Apresentar-se com mapas contendo pontos em branco, comunicar dados aproximativos ou exagerados era algo de inconcebível. Ele não tolerava respostas evasivas, exigia clareza e exaustividade. Tinha a intuição dos aspectos fracos nos relatórios ou nos documentos, encontrava-os imediatamente e repreendia aqueles que trouxessem uma informação pouco precisa. Com uma excelente memória, lembrava-se do que tinha sido dito e não se esquecia de lembrar rigorosamente o que tinha sido esquecido. Era por isso que preparávamos os documentos do Estado-Maior com todo o rigor de que éramos capazes nesses anos de guerra.»⁸²

«A sua memória inata, a sua experiência de direcção política, a sua intuição, os seus amplos conhecimentos ajudavam Stáline na direcção da luta armada. Tinha o dom de encontrar o elo principal na situação estratégica para se opor ao inimigo. Sem dúvida alguma, era um comandante de valor. A versão que foi espalhada de que o Comandante Supremo estudava a situação e tomava decisões sobre o globo terrestre não corresponde à verdade.»⁸³

«Reflectindo sobre o passado, permito-me dizer que nenhuma direcção político-militar de qualquer outro país teria podido manter toda esta capacidade de resistência, teria podido encontrar soluções para uma situação tão extremamente desfavorável.»⁸⁴

O marechal Kónev escreve: «O Comandante Supremo dirigia a operação de Berlim com a sua perseverança habitual, seguia atentamente a sua evolução e coordenava pessoalmente as acções da 1ª frente da Bielorrússia e da 1ª frente da Ucrânia, dando uma ajuda indispensável. Os seus profundos conhecimentos no domínio da estratégia e da história permitiam-lhe analisar a situação política externa, os planos e os reagrupamentos do inimigo, a situação económica, as possibilidades das técnicas e do armamento, o estado moral e político dos exércitos. Um traço característico de Stáline era ter em conta todas as particularidades da situação convergindo para a planificação das operações.»⁸⁵

O marechal da URSS Vassiliévski escreve: «Posso apresentar muitos documentos testemunhando o papel do Comando Supremo e do seu Comandante na direcção das frentes que provam que o Comandante Supremo estava à altura, como dirigente e organizador das acções, dos nossos exércitos.»⁸⁶

«Estou perfeitamente de acordo com Júkov quanto ao infeliz globo terrestre. O globo encontrava-se na sala de repouso onde raramente alguém entrava. Havia sempre os mapas de trabalho necessários de todos os teatros da guerra preparados pelo Estado-Maior.»⁸⁷

«As minhas boas relações com Khruchov continuaram nos primeiros anos depois da guerra. Mas deterioraram-se bruscamente pelo facto de que não o apoiei nas suas declarações de que Stáline não compreendia as questões estratégicas das operações e que dirigia as acções do exército com incompetência.»⁸⁸

Numa grande reunião no Kremlin, depois do XX Congresso do PCUS, Khruchov declarou: «Está aqui presente o chefe do Estado-Maior, Sokolóvski. Ele que confirme que Stáline não compreendia as questões militares. Tenho razão?». «De maneira nenhuma, Nikita Serguéievitch» – respondeu o marechal Sokolóvski diante de todo o auditório⁸⁹.

⁸²Idem, págs. 320-321.

⁸³Idem, pág. 323.

⁸⁴Idem, pág. 299.

⁸⁵I. S. Konev, *Notes du commandant du front*, pág. 454.

⁸⁶A.M. Vassiliévski - *Une oeuvre pour toute la vie* - Sofia, 1976, pág. 454.

⁸⁷Idem, pág. 521.

⁸⁸Idem, pág. 251.

⁸⁹V.D. Sokolóvski, jornal *Tribuna*, N.º 25, 1994.

É de notar que os marechais da União Soviética escreveram estas linhas depois da morte de Stáline e depois do relatório calunioso de Khruchov ao XX Congresso.

Não é supérfluo invocar também a avaliação do inimigo sobre a direcção da Grande Guerra Patriótica por Stáline, mais particularmente sobre a direcção da batalha de Moscovo, que é pouco relatada na literatura soviética. Na etapa final da operação alemã «Ciclone» para a tomada de Moscovo, desencadeada em 15 de Novembro de 1941, passou-se o seguinte: a tomada de Moscovo estava prevista por dois poderosos ataques, de Noroeste para Kalínine e de sudoeste para Tula. O Comando Supremo soviético percebeu essa intenção. Com o objectivo de fazer malograr essa operação, preparou uma defesa amplamente escalonada de Moscovo. De 5 a 12 de Novembro foram transferidos mais de mil aviões de outras frentes e foram realizados vários ataques aéreos contra as tropas alemãs que preparavam a ofensiva sobre Moscovo. Paralelamente preparavam-se as reservas estratégicas para a contra-ofensiva do exército soviético.

O cientista alemão, Klaus Reinhardt, escreve a propósito disto:

«Nesta etapa, a 13 de Novembro, Stáline ordenou ao marechal Júkov que lançasse curtos contra-ataques sobre os exércitos alemães em posição de avanço, utilizando o 16.º e o 49.º exércitos assim como com a 2ª divisão de cavalaria. O marechal Júkov, alegando que os seus exércitos estavam prontos para a defesa, dadas as poucas forças de que dispunha, e que a ofensiva alemã estava para breve, opôs-se a Stáline, que lhe respondeu que a decisão estava tomada e que era necessário executá-la.»⁹⁰

E mais adiante: «Na sequência dos contra-ataques empreendidos pelos russos sobre o flanco direito do 4.º exército, em 17 de Novembro, Kluge decidiu passar ao ataque somente com o flanco esquerdo do seu exército, não iniciando toda a operação no mesmo dia mas em dois dias, em 18 e 19 de Novembro. O comandante da operação opôs-se imediatamente a estas ofensivas parciais, mas não foi tempo de intervir porque as ordens já tinham sido dadas.»⁹¹

Do ponto de vista militar, os ataques soviéticos são incorrectamente chamados neste texto de «contra-ataques». Muito breves e com objectivos limitados, em dois dias – de 13 a 15 de Novembro – eles surpreenderam os alemães pela sua rapidez e por se terem desenvolvido em direcções importantes. Provocaram o pânico nas fileiras alemãs, interromperam o sistema de direcção e modificaram o plano da ofensiva simultânea de Noroeste e Sudoeste contra Moscovo, o que teve um resultado muito negativo na ofensiva geral dos exércitos alemães.

Reinhardt escreve: «Estes contra-ataques tiveram sobre o exército alemão, e sobretudo sobre o comandante Kluge e o seu Estado-Maior, uma tal influência psicológica, que a sua importância não pode ser subestimada.»⁹²

Verificamos aqui um dos resultados do facto de Stáline se «ingerir» nas operações militares durante a Grande Guerra Patriótica. É sabido que, quando a operação «ciclone» falhou, Hitler destituiu o comandante da operação Van Bock, assim como outros oficiais superiores.

O marechal Júkov escreveu: «Quando me perguntam qual é a minha recordação mais forte desta guerra, digo sempre: a batalha de Moscovo.»⁹³

E ainda, falando da batalha de Moscovo e do papel conjunto do presidente do Comité de Estado para a Defesa, Iossif Stáline, e da sua equipa, o marechal Júkov sublinha:

«Iossif V. Stáline esteve todo o tempo em Moscovo, organizando as forças e os meios para a derrota do inimigo. É preciso reconhecer-lhe que, dirigindo o Comité de Estado para

⁹⁰Klaus Reinhardt - *Le Retournement sous Moscou* – Moscovo, 1980, pág. 176.

⁹¹Idem, págs. 183-184.

⁹²Idem, pág. 299.

⁹³G.K. Júkov, revista *Sovietskoe Voennoe Obozrenie*, N.º 2, 1981, pág. 14.

a Defesa e apoiando-se na equipa dirigente do Conselho de Ministros, realizou um trabalho inestimável de organização das reservas estratégicas indispensáveis e dos meios técnicos em material. Pela sua exigência resoluta, podemos dizer que conseguia o impossível.»⁹⁴

Para além das qualidades pessoais de Iossif Stáline e de outros factores, um papel preponderante no êxito da direcção das operações militares que dirigiu foi desempenhado pela combinação do génio militar com o génio político.

O teórico militar alemão bem conhecido, Claus Clausewitz⁹⁵, escreveu: «O ideal é reunir o militar e o político na mesma pessoa. O político-militar, que obrigatoriamente conhece a política internacional, deve estar ao facto da situação do seu País. É indispensável que conheça também as possibilidades económicas, as condições políticas internas do país e o estado de espírito do seu povo.»⁹⁶

Stáline era o próprio exemplo da reunião de todas essas qualidades. Durante a Grande Guerra Patriótica reuniu cinco postos de muita responsabilidade, que desempenhou com honra. A vitória da Grande Guerra Patriótica prova-o. É um facto histórico que ninguém, nenhum relatório, pode negar!

Sobre a anulação do Plenário do Comité Central do PCUS do mês de Outubro de 1941, quando existia uma situação grave às portas de Moscovo, Khruchov escreve:

«Esse facto (a anulação do Plenário – *nota do autor*) mostra a que ponto Stáline estava desmoralizado nos primeiros meses da guerra (...)»⁹⁷ E ainda: «Não seria exacto se não dissesse que depois dos primeiros pesados insucessos e derrotas, Stáline considerou que tinha chegado o fim. Numa conversa que teve nesses dias ele disse:

- Tudo o que Lénine criou, tudo isto, nós perdemos irremediavelmente.

Depois disto, durante muito tempo, ele não dirigia realmente as operações militares e em geral não retomou o trabalho».⁹⁸

É a mentira-calúnia N.º 6 de Khruchov contra Stáline. Khruchov não menciona quando nem a quem Stáline teria dito tal coisa. Mas, pelo contrário, há factos e documentos que demonstram o inverso.

Primeiro é preciso sublinhar que no momento da invasão hitleriana, Khruchov se encontra em Kiev e que não podia seguir o comportamento de Stáline.

Em seguida, é preciso sublinhar um facto que é conhecido há pouco tempo, anunciado pelo professor Pokrovski: «em 22 de Junho de 1941 Mólotov dirigiu-se aos povos da URSS pela rádio porque Stáline estava doente, com uma febre de 40 graus.»⁹⁹

Apesar disso, Stáline manteve-se no seu posto no Kremlin no momento da invasão hitleriana. O seu comportamento nas primeiras horas e nos primeiros dias da guerra pode ser conhecido através de outros testemunhos.

⁹⁴G.K. Júkov - revista *Recueil Militaire et Historique*, N.º 6, 1981, pág.13.

⁹⁵Carl von Clausewitz, general, filósofo e historiador prussiano (1780-1831), descobriu as leis e os princípios da acção militar, aplicáveis a todas as formas de guerra que ele comparou a um modelo teórico de «guerra absoluta»: todas as acções isoladas devem concorrer para um mesmo fim e ser dirigidas por um mesmo pensamento. Entre os marxistas, Clausewitz terá as mais profundas ressonâncias. Marx e Engels admiraram o «pragmatismo dinâmico» do seu pensamento. Lénine estudou-o a partir de 1915 e aprofundou a fórmula: «a guerra é a continuação da política». Encarregou Frunze de elaborar uma doutrina militar soviética a partir da teoria de Clausewitz. Stáline aplicará durante a Guerra Patriótica o seu princípio: «uma defesa activa no ponto culminante da ofensiva é a forma mais forte do combate para atingir o assaltante», (fonte: *Larousse Enciclopédico* - nota do tradutor francês).

⁹⁶C. Clausewitz, jornal *Armée bulgare*, 4 Janeiro de 1995.

⁹⁷Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.136 (nota do editor).

⁹⁸Idem, pág. 148.

⁹⁹V.M. Joukhraï, *Staline, vérité et mensonge*, Éditions Svarog, 1996, pág. 8.

Gueorgui Dimitrov escreve no seu diário, em 22 de Junho de 1941: «No encontro no gabinete de Stáline estavam Mólotov, Voróchilov, Kaganóvitch e Malenkóv. Stáline e todos os presentes manifestavam uma calma extraordinária, determinação e confiança.»¹⁰⁰

Ao célebre escritor russo, Ivan Stadniuk, foi colocada a seguinte questão: «Você é o único escritor até agora que estudou os arquivos pessoais de Stáline e os relatórios da informação militar. Diga-nos qual é a verdade sobre a maneira como Stáline trabalhava nos primeiros dias da guerra.»

Ele respondeu: «Criou-se um grupo de 18 historiadores especializados em assuntos militares, no qual eu estava incluído, para estabelecer o trabalho de Stáline nos primeiros dias da guerra. O grupo estudou este período em horas e minutos e não em dias. Ficou provado pelos documentos e pelos testemunhos de centenas de pessoas que rodeavam Stáline nesse momento, que o Comandante Supremo não foi tomado pelo pânico, nem se tinha fechado na sua *datcha*.»¹⁰¹

Eis uma lista parcial da actividade de Stáline nos primeiros dez dias da guerra:

«- Em 22 de Junho de 1941, Bureau Político: Stáline prepara o apelo ao povo, lido por Mólotov; é aprovado o decreto sobre a mobilização, os comandantes das frentes são nomeados, etc:

- em 23 de Junho de 1941 é criada a direcção do comando supremo;
- em 24 de Junho de 1941 realiza-se uma reunião no gabinete de Stáline com os responsáveis da indústria;
- em 25 de Junho de 1941 é formado um grupo de exércitos de reserva, com Budionni à cabeça;
- em 27 de Junho de 1941 é tomada a decisão do Comité Central do Partido bolchevique para a mobilização dos comunistas e da juventude comunista;
- em 29 de Junho de 1941 é adoptada a directiva do governo e do Comité Central, anunciada em 3 de Julho de 1941 no discurso histórico de Stáline. Depois, visita com os membros do Bureau Político o Comissariado Nacional da Defesa;
- em 30 de Junho de 1941 é criado o Comité de Estado para a Defesa com Iossif Stáline à cabeça.»¹⁰²

Quando em Outubro e Novembro de 1941 a situação se tornou extremamente difícil e perigosa, Stáline permaneceu no seu posto em Moscovo, recusando ser evacuado: «Fico em Moscovo!» – disse então. Isto fala-nos, não de uma desmoralização, mas de uma confiança, de um sangue-frio e de um sentido muito elevado das suas responsabilidades. Podemos imaginar o que teria acontecido se Stáline tivesse abandonado Moscovo nesses dias difíceis.

Um dos defensores de Stálingrado, com 76 anos, escreveu a este propósito:

«Parece ser claro que, se em Outubro de 1941 Stáline tivesse abandonado Moscovo para ir para ir para Kuibichev, a guerra teria terminado uma semana mais tarde com a vitória de Hitler (...), que somente graças à recusa de Stáline em deixar Moscovo é que nos salvámos da derrota.»¹⁰³

Em vez de deixar Moscovo, Stáline organizou e realizou a parada histórica do Exército soviético na Praça Vermelha, em 7 de Novembro de 1941, que desempenhou um papel tão importante a nível militar, e sobretudo a nível político e moral. Sobre esta parada do Exército soviético na Praça Vermelha, em 7 de Novembro de 1941, o tenente-general Teleguine, que era na época membro do Conselho militar junto do Ministério da Defesa e da zona de defesa de Moscovo, escreveu o seguinte:

¹⁰⁰Gueorgui Dimitrov – extractos do seu diário, in jornal *Edinstvo*, N.º 16, 1992.

¹⁰¹I. Stadniuk, revista *Patriote*, N.º 12, 1982.

¹⁰²Jornal *Komunisticheskoe Delo*, N.º 1, 1995.

¹⁰³Jornal *Krasnaya Zvezda*, 11 Agosto de 1990.

«Um grande perigo abatia-se sobre Moscovo – o enorme exército inimigo, que tinha transformado em ruínas as capitais de vários países da Europa, estava às suas portas. E num momento tão crucial, realizar uma reunião solene e uma parada militar por ocasião do 24.º aniversário do Grande Outubro, era um acto de coragem e de confiança na nossa vitória final.»¹⁰⁴

Acima denunciámos a mentira-calúnia N.º 6 de Khruchov. Há ainda o dobro dessas mentiras caluniando Stáline no relatório Khruchov. Contudo, para não aborrecer o leitor não evocaremos as outras mentiras-calúnias.

O leitor deve ter-se interrogado porque é que as mentiras de Khruchov foram chamadas por nós mentiras-calúnias. Vamos responder da seguinte maneira: Há diferentes espécies de mentiras. Há mentiras infantis que servem para colorir as brincadeiras das crianças. Fazem-nos sorrir ou rir. Há mentiras utilizadas para esconder ou negar factos e actos, afim de escapar à responsabilidade e ao castigo. Essas mentiras provocam um sentimento de rejeição ou de condenação.

Mas as mentiras de Khruchov não são simples invenções. Não são simplesmente falsas afirmações. Elas têm um fim determinado: caluniar e denegrir a personalidade e a obra de Stáline, enquanto dirigente do Partido Bolchevique e da União Soviética. Pronunciadas perante um grande fórum como o Congresso do Partido, pelo secretário-geral do PCUS, sem permitir que outros se manifestassem diferentemente sobre a questão, estas mentiras-calúnias tornam-se um fenómeno social perigoso e nocivo. Essas mentiras provocam não somente a rejeição, mas também a repugnância.

¹⁰⁴K.F. Teleguine, jornal *Litératurnaia gazéta*, 4 de Novembro de 1981.

Capítulo V

Sobre a direcção da política externa da URSS por Stáline

Khruchov escreveu a propósito da política externa de Stáline:

«O arbítrio de Stáline revelava-se não só nas decisões sobre questões da vida interna do país, mas também no domínio das relações externas da União Soviética.

«No Plenário de Julho do Comité Central¹⁰⁵, discutimos as razões do surgimento do conflito com a Jugoslávia. A este propósito foi assinalado o papel extremamente feio de Stáline. É que no “caso jugoslavo” não havia problemas que não pudessem ser resolvidos através de uma discussão entre camaradas de partido. Não havia fundamentos sérios para o surgimento deste «caso», era perfeitamente possível ter evitado a ruptura com este país. Isto não quer dizer, no entanto, que os dirigentes jugoslavos não tivessem erros ou faltas. Mas esses erros e faltas foram monstruosamente exagerados por Stáline, o que levou à ruptura das relações com um país nosso amigo.»¹⁰⁶

O relatório Khruchov não teria ficado completo se ele não tivesse utilizado a questão da deterioração das relações entre a URSS e a Jugoslávia de Tito, para fazer cair a responsabilidade sobre Stáline e subestimar assim o papel deste na política externa da URSS.

Com toda a evidência, Khruchov subestimava as posições revisionistas de Tito e o perigo para o socialismo na Jugoslávia, um país que tinha sido libertado com a ajuda decisiva do Exército Soviético. Agora está claro que Khruchov introduziu ele próprio o revisionismo no marxismo-leninismo.

Os erros e faltas de Tito revelaram-se ser erros e faltas que punham em perigo o socialismo na Jugoslávia. Stáline compreendeu-o a tempo e não podia deixar de chamar a atenção para esse problema.

A posição de Stáline era também um aviso rigoroso sobre o perigo para os outros países socialistas. E Khruchov chama a isso «um papel extremamente feio».

Falando da direcção da política externa da URSS por Stáline, Khruchov não recorda sequer os sucessos históricos de Stáline nesse domínio, a saber: a criação da coligação anti-hitleriana, a libertação de um número importante de países da Europa do fascismo, a libertação do povo chinês da ocupação japonesa e a formação da República Popular da China.

É bem conhecido que os Estados Unidos da América, a Inglaterra e a França aspiravam fazer da Alemanha a ponta de lança para uma agressão contra a URSS, a fim de destruir o primeiro país socialista do mundo, que era o perigo principal para o futuro do sistema capitalista mundial.

Eis o que escreve a este respeito o publicista americano Charles Hayam:

«Desde o princípio dos anos 1930, quando a probabilidade da guerra mundial começou a desenhar-se, os banqueiros mais importantes dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Alemanha, da Itália e do Japão puseram-se de acordo em manter estreitas relações entre eles, mesmo se os seus países se encontrassem em guerra. O Banco de Pagamentos Internacionais, cujo papel inicial fora a cobrança das reparações de guerra da Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial, foi utilizado para esse fim. Esse Banco foi rapidamente transformado na principal artéria por intermédio da qual se transferiam os investimentos

¹⁰⁵ Plenário realizado em Julho de 1955 (nota do autor).

¹⁰⁶ Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.154 (nota do editor).

americanos e ingleses para a Alemanha e permitiam a edificação da máquina de guerra hitleriana.»¹⁰⁷

O marechal Júkov, como especialista militar, é mais preciso e mais concreto, a este respeito:

«Em Janeiro de 1933, o fascismo chegou ao poder na Alemanha, orientando-se desde o início para o domínio mundial. Os povos da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França suspeitariam do serviço que estavam a prestar à Alemanha ajudando a reconstruir a sua indústria pesada? 78% dos seus créditos a longo prazo provinham dos Estados Unidos. O afluxo das divisas estrangeiras injectadas na Alemanha reforçou-se mesmo depois da chegada de Hitler ao poder.»¹⁰⁸

E ainda:

«No período de 1934 a 1938, a parte das despesas militares no orçamento do Japão, da Itália e da Alemanha cresceu em média de 30 para 40%. No Japão passou de 43 para 70%, na Itália - de 20% para 52% e na Alemanha de 21% para 61%.»¹⁰⁹

Depois da subida de Hitler ao poder, «300 grandes fábricas militares foram construídas na Alemanha com a ajuda dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França. Na véspera da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha não possuía se não sete das 28 matérias-primas estratégicas de base. Perto de 50% das importações dessas matérias-primas e de material estratégico provinham dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França. O principal fornecedor de produtos petrolíferos da Alemanha na véspera da Guerra era os Estados Unidos.»¹¹⁰

Em 1938, em Munique, Chamberlain e Daladier deram luz verde a Hitler para atacar a União Soviética.

Como antigo engenheiro de minas, «Harburt Hoover, antes da Primeira Guerra Mundial, tinha capitais investidos nos poços petrolíferos e nas minas russas.»¹¹¹ Como presidente dos Estados Unidos (1929-1933), Hoover «ajudou a recuperar o potencial militar-industrial da Alemanha e a agressão japonesa no Extremo Oriente, tendo como objectivo que esses dois países se voltassem em seguida contra a URSS» (...) «Como ex-presidente, Hoover fez uma visita e teve um encontro com Hitler na Alemanha fascista, saudando os acordos de Munique de 1938.»¹¹²

Apesar dessa actividade anti-soviética, estudando as contradições imperialistas e as tendências da sua evolução, Stáline conseguiu com o pacto de não-agressão entre a Alemanha e a URSS, e através da coligação antifascista criada em 1941, dividir a frente imperialista anti-soviética e forçar os seus inimigos a baterem-se um contra o outro. Foi um êxito histórico inaudito.

De facto, Stáline anulou o pacto «anti-Komintern» concluído entre a Alemanha, a Itália e o Japão. Mólotov escreve a este propósito das suas memórias:

«Stáline obrigou Hitler a assinar o pacto de não-agressão (em Agosto de 1939 – *nota do autor*) sem coordenação com o seu aliado japonês. Isso provocou o furor de Tóquio, com o que ele contava, justamente. Foi isso que se tornou decisivo para o sucesso das negociações

¹⁰⁷ Charles Hayam, revista *Mejdunarodnaia Jizn*, N.º 4, 1984, pág.105: extractos do seu livro *Commerce avec l'ennemi*, New-York, 1983, capítulo «*Dénonciation de l'entente financière américano-nazi*».

¹⁰⁸ G.K. Júkov, *Mémoires et réflexions*, pág.110.

¹⁰⁹ Idem, pág.147.

¹¹⁰ V. M. Joukhraï, *Staline, vérités et mensonges*, Editions *Sporog*, 1996, pág. 23.

¹¹¹ M. Sayers et A. Kahn - *Le grand complot contre la Russie*, Londres, 1946, éditions *Vanessa*, 1996 pág. 127.

¹¹² *Grande Encyclopédie Soviétique*, t. 7, pág. 432 – Terceira edição, Moscovo, 1972.

com o ministro japonês dos Negócios Estrangeiros, Matzuoka em Moscovo, em Abril de 1941.»¹¹³

Como é sabido, em Abril de 1941, durante a visita do ministro japonês dos Negócios Estrangeiros a Moscovo, dois meses antes da agressão da Alemanha hitleriana contra a URSS, Matzuoka e Mólotov assinaram um pacto de não-agressão. Tal foi feito sem que o Japão concertasse posições com a Alemanha, como estipulavam as cláusulas do pacto «anti-Komintern», entre o Japão, a Alemanha e a Itália de Mussolini. Deste modo, Stáline desferiu um golpe fatal contra o pacto «anti-Komintern» e desviou os actos agressivos do Japão para outras regiões da Ásia Oriental e do Oceano Pacífico. Foi um sucesso histórico enorme que permitiu à URSS evitar uma guerra em duas frentes.

Estes factos são inseparáveis da clarividência e previsão de Stáline. Mas Khruchov nem sequer os menciona no seu relatório. Para Khruchov a política externa podia ser feita na base de *bluffs*, com aventuras do género das que realizou nas Caraíbas ou então batendo com o sapato na mesa da sala de conferências da ONU, como fez durante o período em que governou o país.

Khruchov chamou ao seu relatório «Sobre o culto da personalidade e as suas consequências». Ora, poderíamos perguntar-lhe se a deterioração das relações com a Jugoslávia de Tito foi consequência do «culto» da personalidade de Stáline, será que os sucessos da coligação anti-hitleriana, da vitória da Grande Guerra Patriótica, da libertação dos povos europeus do fascismo e do povo chinês da ocupação japonesa também se devera, ao «culto» da personalidade de Stáline?

É claro que Khruchov já cá não está para responder a esta pergunta. Mas os seus émulos também não podem dar uma resposta sensata e convincente porque a própria noção de «culto» da personalidade de Stáline no relatório Khruchov é um dos maiores e mais descarados absurdos.

¹¹³ V.M. Mólotov, *Mémoires*, in jornal *Tribuna*, N.º 21, 1994.

Capítulo VI

Sobre as «repressões»

Khruchov deu a maior atenção e o máximo espaço no seu relatório ao problema das «repressões».

É um assunto complexo que comporta uma carga emocional e um efeito social importante e é passível de ser eficazmente explorado para manipular a opinião pública. É necessário notar que Khruchov utilizou muito habilmente este tema no seu relatório, onde escreveu:

«Stáline aplicava as mais extremas medidas, repressões em massa»¹¹⁴

«Prisões massivas e o exílio de milhares e milhares de pessoas.»¹¹⁵

«Stáline (...) começou a utilizar o terror em massa contra os quadros do Partido.»¹¹⁶

«Stáline passou do campo da luta ideológica para a via do esmagamento administrativo, para a via das repressões em massa, para a via do terror.»¹¹⁷

...E assim por diante, sempre neste estilo. Deduz-se do relatório Khruchov que os despedimentos e condenações – chamados de «repressões» por Khruchov – são da exclusiva responsabilidade pessoal de Stáline e de forma alguma decisões do Comité Central do Partido e do governo soviético e das suas instâncias. É importante sublinhar que Khruchov tomou uma parte activa nas decisões das chamadas «repressões» e na sua aplicação enquanto membro do Comité Central do Partido Bolchevique.

É de notar que em lugar nenhum no seu relatório Khruchov indica o número dos condenados. Não fala se não de «milhares e milhares de pessoas» e de «repressões em massa». O que não impediu os inimigos da URSS e do socialismo de utilizarem o relatório Khruchov para inventarem números mirabolantes sobre o total de «reprimidos» na URSS.

Assim, por exemplo, Roi Medvédev, historiador, politólogo conhecido e émulo fiel de Khruchov, escreve que: «o número de reprimidos na URSS foi de 40 a 60 milhões.»¹¹⁸

E o célebre dissidente soviético Aleksandr Soljenitsine calculou que «os reprimidos na URSS foram 66 milhões», nem mais, nem menos.¹¹⁹

Porém, um simples cálculo mostrou-nos o seguinte: «Antes da Primeira Guerra Mundial, o Império Russo tinha uma população de 154 milhões de habitantes. Levando em conta os nascimentos e os óbitos, a emigração e as “vítimas da repressão”, de acordo com a contabilidade de Medvédev, a URSS devia ter, em 1941, 90 milhões de habitantes. No entanto as estatísticas demonstram que, em 1941, a população da URSS era de 190 milhões de habitantes.»¹²⁰

E assim se esvai o sonho dos inimigos ferozes da URSS de poderem demonstrar que pelo menos 50 por cento da população da URSS foi vitimada pelas repressões durante os anos da edificação do socialismo!

Apesar de todas as evidências, a historiadora-sovietóloga francesa, Hélène Carrière-d’Encausse, escreveu: «Sempre me preocupou o destino de centenas de milhões de pessoas esmagadas pelo monstruoso sistema soviético.»¹²¹

¹¹⁴Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.135 (nota do editor).

¹¹⁵Idem, pág. 133 (nota do editor).

¹¹⁶Idem, pág. 137 (nota do editor).

¹¹⁷Idem, pág. 133 (nota do editor).

¹¹⁸Revista *Molodáia Gvárdia*, N.º 3, 1991, pág.252.

¹¹⁹Idem, pág. 252.

¹²⁰Idem, pág.253.

¹²¹Jornal *Anténi*, N.º 47 de 25 Novembro de 1992.

O ódio e o desprezo de classe desta francesa não necessitam de demonstração. Precisariamos apenas e mudar os títulos desta «cientista» e em vez de a considerar «historiadora-soviétologa», qualificá-la de «histórica-anti-soviética».

Certos inimigos búlgaros do socialismo e da URSS não se deixaram atrasar na propaganda caluniosa sobre as «repressões». Assim, um tristemente pobre filósofo búlgaro, dissidente de 1990, escreveu:

«Toda a aventura¹²² terminou com um terror político de uma escala inconcebível e com inúmeras vítimas humanas da ordem de dezenas de milhões.»¹²³ Este tristemente pequeno filósofo-dissidente búlgaro chama-se Jélio Mitev Jélev¹²⁴.

Por que é que escrevem tudo isto? Qual é o objectivo destas calúnias odientas? O seu objectivo é apresentar a violência como uma consequência inevitável do socialismo enquanto sistema político. Esta absolutização da violência do poder soviético é um argumento conveniente dos inimigos do socialismo para manipular a opinião pública. E a criminalização do socialismo implica lançar calúnias sobre o poder soviético e, é claro, sobre o seu dirigente Iossif Stáline. De facto, trata-se da absolutização do ódio pelo marxismo-leninismo e pelo socialismo.

Qual é de facto a realidade dos «reprimidos» na URSS? Mólotov escreve a este respeito:

«Os condenados em todo o período da direcção de Stáline, segundo os arquivos abertos na época de Gorbatchov, elevam-se a aproximadamente 600 mil pessoas, incluídos os criminosos militares e os criminosos de direito comum.»¹²⁵ O que quer dizer menos de 0,5 por cento da população da URSS.

Constata-se, pois, que mesmo as pessoas que rodeavam Gorbatchov deram números que não têm nada a ver com as dezenas de milhões de vítimas que dissidentes e intelectuais desesperadamente irados contaram *pessoalmente*.

Quanto às condenações na URSS, é preciso dizer previamente que elas *eram inevitáveis*, porque a resistência da classe reaccionária que tinha perdido o poder era logicamente inevitável. Nenhuma revolução se realiza sem a resistência da contra-revolução. Toda a revolução gera a contra-revolução. Karl Marx escreveu a este respeito:

«A revolução provoca uma contra-revolução poderosa e solidária, gera o inimigo, contra o qual o partido deve lutar, e esta luta fá-lo crescer como partido autenticamente revolucionário.»¹²⁶

A história das revoluções burguesas nos países capitalistas ocidentais confirma esta relação. Por exemplo, na época da revolução burguesa inglesa do século XVII, que passou por duas guerras civis, em 1642 e em 1648, os exércitos de Cromwell levaram o exército real à derrota e provocaram milhares de vítimas. O próprio rei Carlos I foi preso e, sob pressão das massas populares, executado em 1649.

Durante a revolução burguesa francesa do século XVIII houve também muitas vítimas. A guilhotina então inventada funcionou sem interrupção. Os bebés eram atirados ao rio Sena como «inimigos da revolução».¹²⁷ Segundo algumas fontes, «somente na Vendéia contaram-se 90 mil guilhotinados, mortos por balas ou afogados».¹²⁸ O rei de França, Luís XVI, foi executado.

Sabe-se que nos Estados Unidos viviam mais de três milhões de índios há 100 anos. Os seus descendentes não ultrapassam hoje um milhão e vivem em campos de concentração

¹²²Este «filósofo» qualifica de «aventura» a edificação do socialismo na URSS (nota do autor).

¹²³Revista *Septemvri*, N.º 5, 1990.

¹²⁴Presidente da Bulgária de 1990 a 1996, depois da contra-revolução de 1989 (nota do tradutor francês).

¹²⁵V.M. Molotov, *Mémoires*, in jornal *Tribuna*, N.º 29-30, 1995.

¹²⁶K. Marx et F. Engels, *Oeuvres Complètes*, T. 7, Moscovo, 1956, pág. 7.

¹²⁷Jornal *Sovietskaia Rossia*, 31 de Outubro de 1995.

¹²⁸Jornal *Demokrácia*, de 27 de Setembro de 1993.

chamados, não se sabe porquê, «reservas».¹²⁹ Esse genocídio, assim como os das revoluções burguesas, não são tratados de maneira alarmista, não se escreve sobre eles, nem se faz barulho.

Podemos dizer que o número dos condenados ou das vítimas é definido e depende das condições nas quais se realiza cada revolução, dos seus objectivos, do seu carácter e da sua duração. Se a revolução estabelece objectivos decisivos, se as grandes massas participam nela, se tem uma longa duração, se a intervenção contra-revolucionária internacional se envolve violentamente e em grande escala para apoiar a classe desapossada do poder, é evidente que o número das vítimas e das pessoas condenadas pelo poder revolucionário será mais importante.

Neste sentido, a Grande Revolução Socialista de Outubro não tem equivalente histórico. Pela primeira vez na história, ela colocou o grande objectivo revolucionário progressista da construção de uma sociedade socialista sem classes, sem exploração do homem pelo homem. Não se poderia esperar que a classe burguesa no poder na Rússia fosse acolher com sorrisos e abraços os operários e os soldados insurgidos da revolução.

Pela primeira vez na história a Grande Revolução Socialista realizava-se num enorme país atrasado de 150 milhões de habitantes, dos quais 70 por cento eram analfabetos.

Pela primeira vez na história a Grande Revolução Socialista realizava-se apesar da intervenção violenta da contra-revolução imperialista em grande escala.

Desde o seu estabelecimento o país foi atacado por 14 estados capitalistas, entre os quais os Estados Unidos da América, que pretendiam derrubar o novo poder soviético. O grande poeta proletário búlgaro, Christo Smirneski escreveu:

*E a luta é tão cruel!
De onde não vieram inimigos ferozes?
Teria havido um bandido neste mundo
Que não tivesse empunhado uma faca sangrenta
Para semear o horror e as trevas?*

O ex-presidente dos Estados Unidos H. Hoover (1929-1933) declarou sincera e cinicamente: «Para dizer a verdade – o objectivo da minha vida é aniquilar a União Soviética.»¹³⁰

É certo que os condenados na URSS teriam sido infinitamente menos numerosos se não tivesse havido esta agressão internacional em grande escala da contra-revolução imperialista, que apoiou com especialistas, com dinheiro e armas a classe burguesa derrubada na Rússia, que organizava e ataçava a resistência contra o novo poder soviético.

Por consequência, a culpa principal do surgimento e da importância das «repressões» na URSS incumbe ao imperialismo, e particularmente ao imperialismo norte-americano, que mais especificamente organizava, apoiava e instigava a resistência contra o novo poder soviético, constringido a defender por todos os meios os interesses fundamentais das massas.

Há pessoas que pensam que a revolução é um acto único. Segundo elas, a revolução teria quase começado com as palavras do marinheiro Jelezniak¹³¹, dirigindo-se aos ministros do governo provisório da Rússia: «Quem são aqui os provisórios?» e teria terminado com a sua prisão. Esta é uma visão ingénua e errada da revolução. A experiência histórica mostra que

¹²⁹Jornal *Komunistitcheskoe Délo*, N.º 1, 1996.

¹³⁰Jornal *San-Francisco News*, de 1 Agosto de 1934.

¹³¹Anatoli G. Jelezniak, operário agrícola, fogueiro num navio da frota do Mar Negro, participante na tomada do Palácio de Inverno em 1917 (nota do editor).

a revolução socialista se realiza nas condições de uma luta de classes ininterrupta e cada vez mais aguda ao longo de decênios.

Khruchov descreve de uma maneira raivosa e caluniosa as purgas no Exército:

«Consequências por demais pesadas, em especial no período inicial da guerra, teve a circunstância de, entre 1937 a 1941, em consequência da suspeição de Stáline, por denúncias caluniosas terem sido exterminados numerosos quadros dos comandos militares e funcionários políticos. Durante estes anos foram reprimidos quadros de comando dos vários níveis, começando literalmente na companhia e batalhões até aos mais altos centros militares».¹³²

Qual é a verdade nesta questão? Perante a ameaça crescente da agressão armada da Alemanha fascista contra a União Soviética, o Comité Central do Partido e o governo soviético decidiram tomar medidas para reforçar o exército soviético, incluindo o afastamento da sua direcção de oficiais corrompidos e instáveis. No artigo «Sobre as repressões dos anos 1930 e a situação dos quadros oficiais do Exército Vermelho na véspera da Segunda Guerra Mundial», publicado na revista soviética, *Soviétskoe Voennoe Obozrenie*, Nº 5 de 1989, páginas 54 e 55, afirma-se:

«No departamento dos quadros militares existe o documento que foi entregue a Voróchilov, assinado pelo vice-presidente do Comité Popular da Defesa para os Quadros, Effime Chtchadenko, em 5 de Maio de 1940. Esse documento, designado «Relatório da actividade da direcção do pessoal dirigente para 1939», refere, na sua parte 11, intitulada «As purgas no exército e revisão dos excluídos do exército», que o número total dos excluídos das listas do Exército Vermelho de 1937 a 1939 eleva-se a cerca de 37 mil pessoas. Estes foram expulsos pelas seguintes razões:

- a) presos por actividade contra-revolucionária;
- b) expulsos por relações com conspiradores, conforme a decisão do Comité Central de 29 de Março de 1937;
- c) expulsos conforme a directiva do Comissariado do Povo para a Defesa da URSS de 24 de Junho de 1938, respeitante a polacos, alemães, lituanos, letões, finlandeses, estonianos, etc., nascidos no estrangeiro;
- d) expulsos por razões político-morais, (alcoólicos, delapidadores da economia colectiva, etc.);
- e) excluídos por razões de saúde, de invalidez ou de morte.»

Neste relatório afirma-se: «No total de oficiais expulsos, houve casos de prisões e despedimentos efectuados por erro. Por esta razão, muitas cartas chegaram ao Comité Popular para a Defesa, ao Comité Central do Partido e a Stáline pessoalmente. Uma comissão especial foi criada em Agosto de 1938 para estudar os pedidos dos comandantes licenciados, que tratou os dossiers com cuidado. Mais precisamente, essa comissão trabalhou:

- em presença dos interessados;
- indo ao local nas suas administrações;
- recolhendo os dados junto das organizações do Partido, dos comunistas e dos comandantes que conheciam os licenciados;
- interrogando os órgãos do Ministério do Interior, etc.

A Comissão estudou 30 mil recursos, pedidos e intervenções de diferentes personalidades. Em resultado do trabalho da Comissão, 11.178 comandantes foram reintegrados no primeiro de Janeiro de 1940. Os expulsos por razões políticas e não reintegrados representaram três por cento do corpo do exército. No primeiro de Janeiro de 1941, havia 580 mil oficiais no Exército Vermelho. Em Maio de 1941 foram enviados 100

¹³²Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.148 (nota do editor).

mil novos oficiais para o exército, saídos dos estabelecimentos da Escola Militar. Na véspera da guerra, o corpo de oficiais das forças armadas estava completo. Em muitas batalhas e operações militares do começo da guerra, muitas unidades deram provas de um alto grau de perícia operacional da arte militar. Isto foi reconhecido mesmo pelo comando alemão. Por exemplo o general Adler escreveu no seu diário: «O nosso grupo de exércitos-Sul avança lentamente, sofrendo muitas perdas infelizmente. Sentimos no adversário, que age contra nós, uma direcção resoluta e enérgica.»¹³³

Esta é a verdade sobre as purgas no exército. E que falta acrescentar sobre isto?

Em primeiro lugar, que as decisões sobre as purgas eram tomadas pelo Comité Central do Partido e pelo Comissariado para a Defesa, e não por Stáline pessoalmente, como diz Khruchov no seu relatório. Essas decisões eram tomadas pelo poderes públicos e pelos órgãos do Partido. Khruchov, como secretário do Comité Central da Ucrânia, participava activamente na sua execução, como o prova o seguinte documento de Março de 1938, por ele assinado:

«Decreto do Conselho militar da região militar sobre a situação dos quadros de comando, dos quadros de direcção e dos quadros políticos da região»:

1. O grande trabalho de depuração, com a eliminação dos elementos hostis e a promoção de pessoas fiéis ao Partido de Lénine e de Stáline, assegurou a estabilidade política e o sucesso da campanha de reforço do poder militar do país. (...)

2. Os inimigos conseguiram provocar determinados danos na composição dos quadros. O conselho militar está encarregado de desenraizar os restos dos elementos hostis, inquirindo sobre cada comandante, dirigente ou funcionário político antes da sua promoção, mantendo apenas as pessoas fiéis e seguras. (...)

Este documento é assinado pelo comandante dos exércitos de Kiev, Timochenko, pelo membro do Conselho Militar, Smirnov, e pelo membro do Conselho Militar e secretário do CC do Partido Bolchevique, Khruchov.

Os mesmos declaram mais adiante que, no seguimento das rigorosas purgas de 25 de Março de 1938 contra os elementos trotskistas, bukharinistas e burgueses nacionalistas (...) foram renovados cerca de 20 mil quadros no exército.¹³⁴ Encontramos aqui uma prova insofismável da hipocrisia de Khruchov sobre a questão das «repressões».

Em segundo lugar, é preciso sublinhar o facto de que as decisões de expulsão eram tomadas na base de critérios bem definidos, cujo objectivo era assegurar a capacidade de defesa do Exército Vermelho na véspera do ataque alemão, correspondendo à responsabilidade histórica do Comité Central e do Conselho de Ministros da URSS. Estas são razões claras e justificadas.

Em terceiro lugar, é preciso sublinhar o facto de que no terreno os critérios não foram sempre aplicados correctamente, e daí as contestações de certos quadros expulsos. Depois da reapreciação dos processos pela comissão especial, 45 por cento destes foram reintegrados no exército. O que quer dizer que o mecanismo de reapreciação e de reintegração dos oficiais injustamente expulsos era seguro e deu boas provas.

É claro que a própria existência de oficiais ou de civis reprimidos injustamente é uma infelicidade para o Exército Vermelho e para a União Soviética, mas a culpa não pode ser atribuída ao Comité Central do Partido Bolchevique, nem ao governo soviético. Isto porque, dadas as condições em que decorreram essas purgas, *não era possível evitar* esse género de situações, já que havia pessoas que queriam mostrar zelo, que caluniavam ou denunciavam – fraquezas humanas que a revolução socialista não pode erradicar de um dia para o outro. Mas é preciso não esquecer que havia também *actos conscientes* de agentes da quinta

¹³³Revista *Soviétskoe Voennoe Obozrenie*, Nº 5 de 1989, págs 64-65.

¹³⁴M. Lobanov, *Staline dans la mémoire de ses contemporains et dans les documents de l'époque*, Moscovo, 1995, págs. 631-632.

coluna do inimigo, cujo objectivo era fazer sofrer inocentes e pessoas honestas para assim enfraquecer o Exército Vermelho.

Citaremos alguns exemplos:

O tenente-coronel na reserva A. Grinko escreve:

«Durante esses anos, o meu pai, assim como alguns camaradas bem conhecidos do Komsomol foram reprimidos injustamente. Considerámos que tal se deveu ao excesso de zelo de funcionários demasiadamente empenhados. Mas ninguém acusou Stáline por isso. Como poderia ele conhecer o meu pai, um operário dos caminhos-de-ferro, ou então o professor de alemão ou ainda o militante do Komsomol da nossa região? Estávamos persuadidos de que os verdadeiros inimigos do povo levavam a cabo a sua obra destrutiva nas costas de Stáline. Depois da reabilitação das pessoas condenadas, participei no trabalho da comissão do Partido que estudou o dossier pessoal de um dos lambe-botas de Ejóv¹³⁵. Os métodos não autorizados de interrogatório que este tinha utilizado estavam descritos em três dossiers. Quando lhe perguntaram porque é que tinha violado a legalidade socialista, respondeu: “Foi Stáline que mandou.” Mas foi imediatamente provado que tais instruções nunca tinham sido dadas. Ele tinha simplesmente usado de maneira abusiva do poder de que dispunha, com objectivos arrivistas.»¹³⁶

Eis o que escreve Mólotov sobre o zelo, o carreirismo e a má vontade do responsável dos Assuntos Internos, Ejóv.

«Antes de ocupar este posto, Ejóv era um homem honesto (...) Mas o cargo pôs-lhe a cabeça à roda – quis mostrar que o merecia. E deixou-se levar pelo carreirismo. Queria a quantidade. Alguns começaram a mostrar zelo (...) O que resultou num trabalho muito prejudicial.»¹³⁷

E sobre Iágoda¹³⁸, Mólotov escreve:

«Quando Iágoda se encontrou à frente da Segurança do Estado, não se tratava só de zelo. Perante o tribunal ele declarou: “Os opositores mantiveram-se muito tempo em postos elevados porque eu os ajudei. Agora reconheço o meu erro e peço o vosso perdão (...) possuo o registo estenográfico das suas palavras. Ele disse: “É por isso que os direitistas e os trotskistas foram desmascarados tão tardiamente, porque eu o impedia. Agora vou denunciá-los a todos e vocês devem poupar-me por esta razão (...) Vejam que personagem se encontrava ao lado de Dzerjinski¹³⁹! E com que horríveis personagens nos encontrávamos a trabalhar, que culpavam expressamente pessoas inocentes – digamos duas em cada dez.»¹⁴⁰

O antigo ministro da Agricultura da URSS, Benedíktov, afirmou:

«Não tenho dúvidas de que Stáline sabia das arbitrariedades e ilegalidades praticadas no decorrer das repressões, sofreu com isso e tomou medidas concretas para a correcção dos excessos cometidos e para a libertação de pessoas honestas da prisão. (...)

«(...) O Plenário de Janeiro do CC do PCU(b) [Partido Comunista de toda a União (bolchevique)] em 1938, reconheceu publicamente as ilegalidades cometidas em relação a comunistas e pessoas sem partido honestos, aprovando sobre este assunto uma resolução

¹³⁵Nikolái Ivánovitch Ejóv (1895-1940) dirigiu o NKVD (Comissariado do Povo dos Assuntos Internos) entre 1936-1938, sendo preso em 1939 e executado em 4 de Fevereiro de 1940 (nota do editor).

¹³⁶A. M. Samsonov, *Savoir et se souvenir*, pág. 219.

¹³⁷V.M. Mólotov, *Mémoires*, in *Tribuna*, N.º 28, 1994.

¹³⁸Guerikh Grigorievitch Iágoda (1891-1938), antecessor de Ejóv no Comissariado do Povos dos Assuntos Internos (1934-36), foi preso em 1938 e condenado no processo do «Bloco Trotskista de Direita», sendo executado com outros 20 condenados (nota do editor).

¹³⁹Féliks Edmundovitch Dzerjinski (1877-1926), membro do Partido desde 1895, torna-se presidente em 1917 da Comissão Extraordinária de Toda a Rússia (*Tcheka* - órgão de segurança interna) e Comissário do Povo para os Assuntos internos (1919-23) - (nota do editor).

¹⁴⁰V.M. Mólotov, *Mémoires*, in *Tribuna*, N.ºs 21-22 e N.ºs 23-24, 1995.

específica que foi, aliás, publicada em todos os jornais nacionais. De forma igualmente aberta, o XVII Congresso do PCU (b), em 1939, referiu-se aos danos causados em todo o país pelas repressões infundamentadas.»¹⁴¹

Benedíktov continua:

«Aliás, naquele período, não se fazia muita cerimónia com os caluniadores e denunciadores. Muitos deles, após os desmascaramentos, eram metidos nos mesmos campos para onde tinham sido enviadas as suas vítimas. Paradoxalmente, muitos deles, soltos no período de Khruchov, vendo-se em liberdade, desataram a apregoar mais alto que todos sobre as ilegalidades stalinistas, conseguindo até publicar memórias sobre o assunto. (...) O aparelho do NKVD foi provavelmente o mais atingido pelas repressões, uma grande parte exactamente por ter sido chamada a responder pelos abusos de poder e represálias sobre pessoas honestas. A responsabilidade maior por essas repressões coube a Iágoda e a Ejóv, antigos Comissários do Povo para os Assuntos Internos.»¹⁴²

E a filha do grande piloto soviético, Valéri Tchkálov, conta:

«Stáline era muito amigo de Tchkálov e ouvia com atenção a sua opinião. Muitas pessoas foram salvas graças à intervenção directa de Tchkálov junto de Stáline.»¹⁴³

Mesmo depois da vitória na Grande Guerra Patriótica, houve uma tentativa de caluniar alguns dirigentes militares em 1947, nomeadamente o marechal Júkov, acusado de ter fomentado um golpe de Estado militar contra o Comité Central do Partido. Stáline não permitiu que ele fosse preso e declarou:

«Não acredito pessoalmente nos factos atribuídos a Júkov. É um homem recto, que não hesita em dizer abertamente as coisas mais desagradáveis, mas que nunca iria contra o Comité Central.»¹⁴⁴

Certamente que, depois da morte de Stáline, se era necessário continuar o trabalho de reabilitação dos cidadãos injustamente reprimidos, isso devia ter sido organizado e realizado seriamente:

- não pela recusa de teoria marxista-leninista sobre o carácter da luta de classes no período transitório do capitalismo ao socialismo, mas pelo contrário, reconhecendo o seu carácter inevitável e a sua agudização;

- não pelo denegrimento da pessoa e da obra de Stáline (que foi de resto uma obra comum com o Partido Comunista e com o governo da URSS), mas mediante uma avaliação objectiva das realidades soviéticas dos anos 30 que colocaram a necessidade das purgas e das expulsões para a defesa do socialismo;

- não pela libertação de todos os condenados depois uma curta entrevista, mas pelas vias jurídicas e respeitando as leis.

Não foi isso que se passou, pois Khruchov perseguia um objectivo viciado.

Em quarto lugar, é necessário sublinhar que as «purgas» não enfraqueceram o Exército Soviético, como Khruchov alega, mas pelo contrário reforçaram-no, apesar da falta de quadros suficientemente preparados para discernir e anular os inimigos camuflados da URSS. Tanto mais que os inimigos do povo, que se puseram ao serviço do exército fascista alemão nas cidades ocupadas durante a guerra, sabiam esconder muito habilmente a sua actividade. Em Julho de 1942, o segundo exército comandado pelo general Vlássov, entregou-se ao inimigo. O marechal Júkov escreve a este propósito:

¹⁴¹I.A.Benedíktov, *Stáline e Khruchov*, tradução portuguesa do russo em www.hist-socialismo.net, pág. 19 (nota do editor).

¹⁴²Idem, *ibidem*.

¹⁴³Revista *Soviétski Patriot*, N.º 1, pág. 21, 1990.

¹⁴⁴Jornal *Pravda*, de 20 Janeiro de 1989.

«Ao que parece este golpe fora concebido na época em que Vlássov servia nas unidades da região de Kiev e era um dos grandes oradores na conferências regionais: era a sua máscara.»¹⁴⁵

O marechal Meretskov, que conhecia bem Vlássov, caracteriza-o: «Vlássov era um arrivista sem escrúpulos. O seu comportamento antes da traição pode ser considerado como uma máscara, a sua adesão ao Partido Comunista, como um trampolim para chegar aos postos elevados.»¹⁴⁶

O marechal Vassiliévski também observa: «Em toda a literatura progressista, no estrangeiro tal como na União Soviética, Vlássov é considerado como um traidor. Somente Soljenítsine, que se passou para o serviço das forças imperialista reaccionárias, é que glorifica e canta louvores aos vlassovianos e a outros traidores da Pátria soviética, na sua cínica obra anti-soviética, *O Arquipélago do Goulag*.»¹⁴⁷

Segundo documentos do inimigo, Vlássov explicou aos fascistas a sua traição da seguinte forma: «Jurou que tinha entrado no Partido Bolchevique para fazer a sua carreira militar. Repetia constantemente que detestava o poder soviético e que desde há muito fazia parte do *complot* da União dos Oficiais Russos.»¹⁴⁸

E quantos outros inimigos da URSS, como Vlássov, se entregaram aos fascistas e se bateram ao seu lado contra o seu próprio país? Durante toda a guerra, o general Vlássov recrutava traidores nos campos fascistas, a fim de formar o Exército de Libertação da Rússia. Formou duas divisões que se bateram contra o Exército Soviético até ao fim de Segunda Guerra mundial. E apenas em Maio de 1945 Vlássov e o seu Estado-Maior foram capturados na Checoslováquia com os restos do seu exército, sendo reconduzidos à URSS e julgados.¹⁴⁹

E o que teria acontecido se tivesse havido não um, mas vários generais como Vlássov, comandantes de exércitos que se rendessem voluntariamente às mãos dos fascistas? Será possível imaginar as consequências de uma tal situação para a URSS?

Torna-se claro, portanto, que não descobrir e anular os inimigos teria sido uma grande desgraça para a União Soviética, apesar de tal ter levado a reprimir injustamente quadros militares, quadros do Partido ou cidadãos inocentes. Mas esses são fenómenos históricos inevitáveis.

Depois de analisarem e avaliarem correctamente a situação, o Comité Central e o governo soviético tomaram a decisão de eliminar a «quinta coluna» do inimigo para reforçar o Exército Soviético na véspera do ataque alemão contra a URSS. «Somente durante o período entre o fim de 1940 e o princípio de 1941, foram liquidados 66 agentes bem implantados e camuflados dos serviços secretos alemães, mais de 1600 agentes fascistas, dos quais 1400 nas regiões oeste da URSS.»¹⁵⁰ Era o mais importante e o mais decisivo para o resultado da guerra nesses anos.

Não é difícil imaginar qual teria sido o resultado da guerra, se esta quinta coluna do inimigo não tivesse sido liquidada. A vitória histórica da URSS na Guerra Patriótica mostra de maneira categórica a justeza da decisão do Comité Central do Partido Bolchevique e do governo soviético de ordenar a liquidação dos inimigos da quinta coluna.

À questão se nos anos de 1930, à cabeça do Comité Central e da URSS, estivessem Marx ou Engels em lugar de Stáline, teria havido purgas? A resposta é: sim. Porque Marx e Engels escreveram que cada revolução faz nascer a contra-revolução como consequência da

¹⁴⁵Journal *Nedélia*, N.º 49, 1987.

¹⁴⁶Jornal *Krasnaia Zvezda*, de 10 de Novembro de 1980.

¹⁴⁷A.M. Vassiliévski, *Une oeuvre pour toute une vie*, pág. 177.

¹⁴⁸Jornal *Literatúrnaia Gazéta*, N.º 37, 1989.

¹⁴⁹Emissão da televisão de Moscovo de 8 Janeiro de 1995 às 14 horas.

¹⁵⁰V.M. Joukhraï, *Staline, vérités et mensonges*, Moscovo, 1996, pág. 16.

resistência da classe desapossada do poder. A revolução proletária não teria podido ser salva nem o poder popular estabilizado, nas condições do cerco capitalista tal como ele existia à volta da URSS nessa época, sem a luta contra a resistência dos elementos reaccionários e da contra-revolução.

E à questão: teria havido repressões injustas? Sim, teria havido porque os quadros que comandavam as operações – com o seu grau de experiência, com as suas possibilidades, com as suas fraquezas e os seus defeitos, determinavam o fenómeno inevitável de condenações injustas de cidadãos, na situação histórica dos anos 1930 na URSS.

Khruchov escreveu:

«Stáline era uma pessoa cheia de cismas, de uma desconfiança doentia (...).»¹⁵¹

«Depois do ignóbil assassinio de S.M. Kírov¹⁵², começaram as repressões em massa e violações grosseiras à legalidade socialista.»¹⁵³

“O poder pessoal de Stáline teve consequências especialmente graves .»¹⁵⁴

«Stáline introduziu a noção de “inimigo do povo”.»¹⁵⁵

Khruchov escreve ainda: «O nosso partido conduzia a luta pela concretização dos planos leninistas da edificação do socialismo. Esta era uma luta de ideias.»¹⁵⁶

Que concepção estreita da luta de classes! O Partido não conduzia somente uma luta de ideias, mas sim uma ampla luta contra o inimigo de classe.

Khruchov continua: «As repressões em massa e o exílio de milhares e milhares de pessoas, execuções extra-judiciais e sem um julgamento normal geraram insegurança nas pessoas, provocaram o medo e mesmo exasperação.

«Isto, é claro, não favoreceu o cerrar de fileiras no Partido, de todas as camadas do povo trabalhador, mas, pelo contrário, conduziu à eliminação, à exclusão do Partido de funcionários honestos, mas indesejáveis para Stáline.»¹⁵⁷

Mas Khruchov não explica como nasceu o grande entusiasmo pela edificação da sociedade socialista. Como nasceu o romantismo dos planos quinquenais de Stáline!

Em 1931 o escritor alemão Emile Ludwig ao entrevistar Stáline perguntou-lhe:

«Parece-me que uma grande parte da população da União Soviética experimenta o sentimento de temor, de medo, perante o Poder Soviético e que é nesse sentimento de medo que, em certa medida, assenta o poder soviético. (...)»

Stáline respondeu:

«Você está errado. Mas o seu erro é o erro de muitos. Será que pensam realmente que teria sido possível manter o poder e contar com o apoio de milhões de massas ao longo de 14 anos graças ao método da atemorização e intimidação? Não, isso é impossível. (...)»

«É certo que existe uma pequena parte da população que efectivamente teme o poder soviético e o combate. Refiro-me ao que resta das classes agonizantes e liquidadas, antes de mais, a uma parte insignificante dos camponeses – os *kulakes*¹⁵⁸ (...).

«Mas se tomarmos a população trabalhadora da URSS, os operários e camponeses, que representam não menos de 90 por cento da população, então temos que eles defendem o

¹⁵¹ Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.144 (nota do editor).

¹⁵² Serguei Mikhailovitch Kostrikov (Kírov) (1886-1934), membro do PCUS desde 1904, primeiro secretário do Partido na região de Leninegrado (1926), membro do CC em 1923 e do *Politburo* em 1930. Vítimado por um atentado (nota do editor).

¹⁵³ Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, págs.137-138 (nota do editor).

¹⁵⁴ Idem, pág. 145 (nota do editor).

¹⁵⁵ Idem, pág. 132 (nota do editor).

¹⁵⁶ Idem, pág. 133 (nota do editor).

¹⁵⁷ Idem, ibidem (nota do editor).

¹⁵⁸ Os *kulakes* eram grandes proprietários de terras (nota do editor).

Poder Soviético e que, a sua esmagadora maioria apoia activamente o regime soviético. Apoiam a sociedade soviética não por causa do medo, mas porque ela está ao serviço dos interesses profundos dos operários e dos camponeses.

É aqui que reside o fundamento da solidez do Poder Soviético, e não na chamada política de atemorização.»¹⁵⁹

Mais adiante Khruchov escreve: «(...) Os opositores ideológicos tinham sido há muito politicamente destroçados (...)».¹⁶⁰

Trata-se de uma ideia errónea de Khruchov de que a luta de classes é um acto consumado. Tanto mais que a luta de classes se tinha mantido e amplificado devido à vitalidade das classes desalojadas do poder na URSS e também por causa do carácter internacional da luta de classes.

No relatório Khruchov não existe uma análise do imperialismo, nem do carácter, das tendências e do dinamismo da luta de classes na URSS nas vésperas da Segunda Guerra Mundial. Em vez disso afirma o seguinte:

«No relatório de Stáline ao Plenário do CC de Fevereiro-Março de 1937, intitulado “Sobre as insuficiências no trabalho do Partido e as medidas de liquidação dos trotskistas e outros dúplices” foi feita a tentativa de fundamentar teoricamente a política de repressões em massa sob o pretexto de que à medida em que avançamos em direcção ao socialismo a luta de classes deveria alegadamente agudizar-se cada vez mais. Além disso, Stáline afirmou que é isso que a história nos ensina, é isso que Lénine nos ensina.»¹⁶¹

Khruchov, que escreve 19 anos depois desse Plenário, conclui: «Depois de terem sido já liquidadas todas as classes exploradoras no nosso país, não havia nenhuns fundamentos, quaisquer que fossem, para a utilização em massa de medidas extremas, para o terror em massa.»¹⁶²

Em 1937 Khruchov era membro do Comité Central, mas não parece que tenha manifestado desacordo com a decisão sobre as purgas e a luta contra o inimigo de classe. Pelo contrário, é sabido que Khruchov teve a mais activa participação nas purgas. Mesmo o seu émulo, Roi Medvédev, escreve: «O próprio Khruchov e os seus mais próximos colaboradores não estavam inocentes. Tinham também as suas responsabilidades.»¹⁶³

Khruchov subestimou sobretudo a acção da quinta coluna e o inimigo de classe que se encontrava nas fileiras do Partido, cujo perigo era muito grande para o Partido e para o país. Tinha esquecido os sérios avisos de Lénine desde os primeiros anos do poder soviético, sobre o perigo da «infiltração no Partido de elementos hostis, de arrivistas e de pessoas que se amoldam ao poder». Nesta base, Lénine preconizava purgas no Partido. No seu artigo no *Pravda*, de 21 de Setembro de 1921, escreveu: «As purgas no Partido são uma tarefa.»¹⁶⁴

Assim, o Partido sempre retirou cartões de membro tanto sob Lénine como sob Stáline. Mas depois do XX Congresso esta lei da vida do Partido foi esquecida, sobretudo com o «degelo» khruchoviano. Foi assim que nele se encontraram traidores como Gorbachov, Iéltine, Iákovlev, Chevarnádze e tantos outros. A história ensina-nos que a luta de classes tomou formas diferentes no decurso da evolução histórica da sociedade. Ensina-nos

¹⁵⁹Citação traduzida pelo editor do original em russo de «Conversa com o Escritor Alemão Emile Ludwig», publicada em 13 de Dezembro de 1931, na revista *Bolchevik*, n.º 8, incluída em *I.V. Stáline, Obras*, tomo 13, *Gossudarstvenoi Polititcheskoi Literaturi*, Moscovo, 1951, pág. 108, 110 e 111 (nota do editor).

¹⁶⁰Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.132 (nota do editor).

¹⁶¹Idem, pág.139 (nota do editor).

¹⁶²Idem, ibidem (nota do editor).

¹⁶³Roi Medvédev, revista *Studéntcheski Méridian*, N.º 3, pág. 33, 1989.

¹⁶⁴Jornal *Pravda*, de 21 Setembro de 1921.

também que a tática do «Cavalo de Tróia» é a mais eficaz. Ou seja, a tática da tomada da praça-forte a partir do interior, através da infiltração de agentes do inimigo: a quinta coluna, o agente com cartão do partido. Lênine também avisou que a luta de classes continuava muito tempo depois da tomada do poder político pelos operários. Isto deve-se às seguintes circunstâncias:

- Primeiro, a classe exploradora deposta tenta reencontrar o seu paraíso perdido, sem nunca desistir e utilizando todos os meios;

- Em segundo lugar, a pequeno-burguesia engendra sempre novos elementos capitalistas;

- Em terceiro lugar, sob a influência da burguesia, os renegados políticos e os novos elementos capitalistas podem nascer das fileiras da classe operária e noutras camadas trabalhadoras;

- Em quarto lugar, as condições externas que determinam o prolongamento da luta de classes num país socialista decorrem do cerco pelo capitalismo internacional que ameaça com a intervenção militar imperialista e a acção subversiva, a fim de obter a decomposição não armada do Estado socialista.¹⁶⁵

É importante recordar os factos e as realizações dos anos 1930 na URSS e encará-los sob o ângulo da teoria leninista da luta de classes, na fase da edificação do socialismo. Em 7 de Janeiro de 1933, no seu relatório «Os resultados do primeiro plano quinquenal», Stáline disse perante o Plenário Alargado do Comité Central do Partido Bolchevique:

«Em resultado da realização do plano quinquenal no domínio da indústria, da agricultura e do comércio consolidámos o princípio socialista em todas as esferas da economia, expulsando daí os elementos capitalistas.

A que é que isto deveria ter conduzido no que se refere aos elementos capitalistas e a que é que efectivamente conduziu?

Isto conduziu a que os últimos restos das classes agonizantes foram postos fora dos carris: os industriais e os seus lacaios, os comerciantes e os seus comparsas, os antigos aristocratas e os sacerdotes, os *kulakes* e os seus sequazes, os antigos oficiais brancos e sargentos, antigos polícias e gendarmes, todo o tipo de intelectuais burgueses de tendência chauvinista e todos os demais elementos anti-soviéticos.

Tendo sido arrancados dos carris e dispersados por toda a União Soviética, estas pessoas disseminaram-se nas nossas fábricas, instituições e organizações de comércio, nas empresas de transporte ferroviário e fluvial e sobretudo nos *kolkhozes* e *sovkhozes*. Disseminaram-se e esconderam-se aí, vestindo a máscara de “operários” e “camponeses”, além de que alguns conseguiram mesmo penetrar no Partido.

«Chegaram aí com o quê? Claramente com um sentimento de ódio ao Poder Soviético, com um sentimento de hostilidade feroz às novas formas económicas, de vida, da cultura.

«Mas estes senhores já não têm forças para se lançar no ataque directo contra o Poder Soviético. Eles e as suas classes conduziram já por várias vezes semelhantes ataques, mas foram destroçados e desfeitos. Por isso a única coisa que lhes resta fazer – é causar dano e prejudicar os operários, os *kolkhozianos*, o Poder Soviético, o Partido. E eles causam danos logo que o podem fazer, agindo com trabalho de sapa. Incendeiam armazéns, destroem máquinas, organizam a sabotagem. Organizam a sabotagem nos *kolkhozes*, nos *sovkhozes*, para além de que, alguns deles, nos quais também se incluem certos professores, no seu ímpeto sabotador chegam ao ponto de inocular no gado dos *kolkhozes* e *sovkhozes* peste e antraz maligno, facilitam o contágio de meningite nos cavalos, etc.

«Mas o principal não é isto. O principal na “actividade” desta gente do antigamente é o facto de organizarem o roubo em massa e a pilhagem dos bens do Estado, dos bens das cooperativas e da propriedade dos *kolkhozes*. Roubos e pilhagens nas fábricas, roubos e

¹⁶⁵Jornal *Rabotnitcheskoe Délo*, de 15 Julho de 1963.

pilhagens das mercadorias transportadas por via férrea, roubos e pilhagens nos depósitos e nas empresas de comércio, – em especial roubos e pilhagens nos *sovkhoses* e *kolkhoses* – é esta forma fundamental da “actividade” desta gente do antigamente. Eles sentem como por instinto de classe que a base da economia soviética constitui a propriedade social e que é precisamente esta base que precisam de abalar para causar dano ao Poder Soviético – e eles efectivamente esforçam-se por abalar a propriedade social através da organização do roubo em massa e da pilhagem.»¹⁶⁶

Stáline explica ainda que os elementos contra-revolucionários penetraram sobretudo no campo porque aí não existe classe operária, os camponeses são iletrados, os *kulakes*, mais cultivados e experientes exercem influência sobre eles, e podem encontrar pessoas que, por uma garrafa de vodka, são capazes de incendiar os depósitos de cereais, provocando escassez de pão para o exército e para o povo. Essa destruição provoca a fome nas cidades, o que se transforma em descontentamento e em divórcio com o poder.

Mais adiante Stáline observa:

«Certos camaradas entenderam a tese sobre a eliminação das classes, a criação de uma sociedade sem classes e a extinção do Estado como uma justificação da preguiça e placidez, uma justificação da teoria contra-revolucionária do enfraquecimento da luta de classes e enfraquecimento do poder do Estado. Não é preciso dizer que tais pessoas não podem ter nada de comum com o nosso partido. Estes são renegados ou dúplices que é preciso pôr fora do partido. A eliminação das classes alcança-se não pela via do enfraquecimento da luta de classes, mas sim pela sua máxima intensificação, necessária para acabar com os restos das classes agonizantes e organizar a defesa contra o cerco capitalista, o qual de longe não está eliminado e tão brevemente não será eliminado.»¹⁶⁷

Vinte anos mais tarde Khruchov reduzia tudo à afirmação de que «Stáline passou do campo da luta ideológica para a via do esmagamento administrativo, para a via das repressões em massa, para a via do terror.»¹⁶⁸

Isto apesar de Lénine e Stáline terem sublinhado que quanto maiores fossem os êxitos do socialismo na URSS, maior seria o ódio de classe dos capitalistas derrotados e mais a luta de classes se agudizaria. De resto, Lénine e Stáline ligavam a questão da agudização da luta de classes na URSS ao cerco capitalista e à política de agressão dos países imperialistas contra a URSS. Stáline escreveu nos anos 1930:

«Tornou-se um hábito entre nós falar-se sobre o cerco capitalista sem se reflectir sobre o que isto significa – o cerco capitalista. O cerco capitalista não é uma frase vazia, mas um fenómeno muito real e desagradável. O cerco capitalista significa que existe um país, a União Soviética, que instaurou para si uma ordem socialista e que, a seu lado, existem muitos países burgueses que continuam a promover o modo de vida capitalista, os quais cercam a União Soviética, esperando a oportunidade para atacá-la, destruí-la ou, em todo o caso, minar o seu poder e enfraquecê-la.

«Este facto essencial é esquecido pelos nossos camaradas. No entanto, é precisamente este facto que determina a base das relações entre o cerco capitalista e a União Soviética.

«Tomemos o exemplo dos países burgueses. Pessoas ingénuas podem pensar que existem entre eles relações excepcionalmente boas como países do mesmo tipo. Mas só pessoas ingénuas podem pensar assim. Na realidade as relações entre eles estão muito longe das relações de boa vizinhança. Está demonstrado, como dois e dois são quatro, que os estados burgueses enviam uns aos outros os seus espíões, sabotadores, diversionistas e

¹⁶⁶Citação traduzida pelo editor do russo de «Os resultados do primeiro quinquénio: relatório no plenário conjunto do CC e da CCC do PCU(b), 7 de Janeiro de 1933», in *I.V. Stáline, Obras*, tomo 13, *Gossudarstvenoi Izdatelstvo Politicheskoi Literaturi*, Moscovo, 1951, págs. 206-209.

¹⁶⁷Idem, págs. 210-211 (nota do editor).

¹⁶⁸Ver nota 114 (nota do editor).

por vezes assassinos, dão-lhes a tarefa de introduzir-se nas instituições e nas empresas, de criar a sua rede para, “em caso de necessidade”, fazer explodir as suas retaguardas, para enfraquecê-los e minar o seu poder. É assim no nosso tempo, foi assim no passado. Tomemos, por exemplo, os países europeus na época de Napoleão I. A França fervilhava então de espões e de agentes de diversão do lado dos russos, alemães, austríacos, ingleses. Ao contrário, a Inglaterra, os estados alemães, a Áustria e a Rússia tinham nas suas retaguardas um número não inferior de espões e agentes de diversão do lado dos franceses. Os agentes ingleses atentaram por duas vezes contra a vida de Napoleão e por várias vezes instigaram os camponeses da Vendeia em França contra o governo de Napoleão. E qual era a natureza do governo de Napoleão? Era um governo burguês que estrangulou a Revolução Francesa e conservou apenas aquelas conquistas que eram favoráveis à grande burguesia. De resto, o governo de Napoleão não ficou atrás dos seus vizinhos e também empreendeu operações de diversão. Isto foi no passado, há 130 anos. E assim é hoje, transcorridos 130 anos sobre Napoleão I. Nos nossos dias, a Inglaterra e a França fervilham de espões alemães e, inversamente, espões anglo-franceses actuam por sua vez na Alemanha. A América fervilha de espões e agentes de diversão japoneses, enquanto o Japão está cheio de espões americanos.

«É esta a lei das relações entre estados burgueses.

«Pergunta-se, por que é que os estados burgueses deveriam relacionar-se de forma mais suave e fazer melhor vizinhança com o Estado socialista soviético do que com estados burgueses do mesmo tipo? Por que razão enviariam eles para a retaguarda da União Soviética menos espões, sabotadores, agentes de diversão e assassinos do que aqueles que enviam para as retaguardas dos estados burgueses aparentados? Onde é que foram buscar tal coisa? Não será mais justo, do ponto de vista do marxismo, pressupor que para a retaguarda da União Soviética os estados burgueses deveriam enviar duas ou três vezes mais sabotadores, espões, agentes de diversão e assassinos do que para a retaguarda de qualquer outro estado burguês?

«Não será claro que, enquanto existir cerco capitalista, existirão entre nós sabotadores, espões, agentes de diversão e assassinos enviados para a nossa retaguarda como agentes de estados estrangeiros?

«Tudo isto tem sido esquecido pelos nossos camaradas do partido, e ao esquecê-lo, foram apanhados de surpresa.

«Eis por que o trabalho de espionagem e diversão dos agentes trotskistas dos serviços de secretos nipónico-alemães se revelou para alguns dos nossos camaradas uma completa surpresa.»¹⁶⁹

Noutro momento Stáline acrescentou:

«Este revés explica-se pela subestimação da força e importância do mecanismo dos estados burgueses que nos cercam e dos seus serviços de informação, que se esforçam para utilizar as fraquezas humanas, a sua vaidade, a sua falta de carácter, para as enredar nas redes da espionagem e cercar com elas os órgãos do Estado Soviético.»¹⁷⁰

Mas Khruchov não compreendeu isto ou não quis compreendê-lo. Esquecendo em 1956 as contradições históricas que permitiriam ao capitalismo ou ao socialismo tomar a dianteira, ignorou por consequência a luta das classes a nível internacional. Segundo Khruchov, a principal contradição entre as classes teria sido resolvida na sequência dos

¹⁶⁹ Traduzido pelo editor do original russo: «Sobre as insuficiências do trabalho do partido e as medidas para a liquidação dos trotskistas e outros dúplices, discurso no Plenário do CC do PCU(b), de 3 de Março de 1937», in *I.V. Stáline, Obras*, Tomo 14, *Izdatelstvo Pissatel*, Moscovo, 1997, págs. 155-156.

¹⁷⁰ Traduzido pelo editor do original russo: Relatório ao XVIII Congresso sobre o trabalho do CC do PCU(b), em 10 de Março de 1939, in *I.V. Stáline, Obras*, Tomo 14, *Izdatelstvo Pissatel*, Moscovo, 1997, pág. 331.

enormes sucessos da edificação socialista, retirando daí a conclusão de que a luta de classes devia amortecer-se e acabar por desaparecer definitivamente. Segundo Khruchov, o cerco capitalista e a política agressiva imperialista contra a URSS não eram factores susceptíveis de activar, amplificar e agudizar a luta de classes na URSS na fase transitória do capitalismo para o socialismo e para o comunismo. Khruchov não tinha assimilado o que Lénine e Stáline tinham previsto e prevenido, justamente, sobre o perigo que representava para a URSS o cerco capitalista.

Em 1956, no momento do seu relatório à «sessão secreta» do XX Congresso, Khruchov possuía informações e dados suficientes para poder reconhecer as características particulares da luta de classes na época do imperialismo. Em primeiro lugar, precisava de reconhecer que a luta de classes tinha atingido um carácter internacional, ultrapassando as fronteiras nacionais, e que os países capitalistas estavam solidários entre eles para enfraquecer e destruir o socialismo.

Era preciso ter presente a solidariedade demonstrada pela burguesia alemã e francesa na primavera de 1871, que souberam superar as hostilidades de Estados em guerra para uniram o seu ódio de classe contra a Comuna de Paris, esmagando-a com uma crueldade inaudita. Com esse objectivo, o vencedor Bismarck não hesitou em libertar 100 mil reféns do exército francês, permitindo-lhes que marchassem em armas contra Paris, onde a Comuna se defendia.

Anos depois, a burguesia francesa retribuiu a Bismarck a sua solidariedade de classe, devolvendo-lhe 100 mil homens armados, feitos prisioneiros na Primeira Guerra Mundial, para esmagar os conselhos operários formados na Baviera e na Prússia¹⁷¹.

E não deveria ser esquecido que 14 países capitalistas reuniram as suas forças entre 1918 a 1921 para destruir o poder soviético ou que, durante a Segunda Guerra Mundial, os estados imperialistas, entre os quais os Estados Unidos, fizeram tudo para preparar e empurrar a Alemanha a fazer a guerra contra a URSS. Só a visão clara da situação e a previdência de Stáline e do governo soviético foram capazes de atirá-los uns contra os outros e quebrar a sua solidariedade anti-soviética.

Pelos seus resultados objectivos, a posição de Khruchov quanto à luta de classes, expressa no seu relatório, é uma *revisão* da teoria marxista-leninista. Coloca-se, pois, hoje a questão de reavaliarmos «as repressões» dos anos 1930 na URSS.

Certamente que os inimigos do socialismo não sentirão senão desprezo e ódio, agarrando-se à propaganda anticomunista e utilizando todos os enormes meios de que dispõem. De igual modo, os descendentes dos inimigos do socialismo na URSS associar-se-ão ao coro anticomunista.

Podemos admitir que talvez 10 a 20 por cento dos condenados o tenham sido injustamente. É difícil sabê-lo por razões objectivas. É certo que, neste assunto, as desculpas oficiais prestadas pelo governo soviético não são mais do que uma fraca consolação para os injustiçados. Contudo, uma parte dessas pessoas e dos seus descendentes, pela sua elevada consciência política, puderam compreender que os erros eram inevitáveis. Não permitiram que a sua dor se transformasse em fonte de repúdio do socialismo e do marxismo-leninismo. É o caso de oficiais como K. Rokossóvski e K. Meretzkov que, após a sua reabilitação, combateram heroicamente durante toda a Grande Guerra Patriótica, merecendo condecorações e o título de marechais da URSS.

Depois de 45 anos de propaganda e de mentiras que se seguiram ao relatório Khruchov, uma grande parte das pessoas aceitou versões caluniosas sobre a obra de Lénine e Stáline, sobre o marxismo-leninismo e o socialismo, apresentados como sinónimos de terror, de

¹⁷¹ Em Novembro de 1918 chegou a ser proclamada a República Democrática e Socialista da Baviera (nota do editor).

ditadura e de falta de democracia. Manipulados por artigos, livros, filmes, «entrevistas» e «memórias», essas pessoas não têm a possibilidade de conhecer os factos históricos.

Particularmente triste é, sobretudo, o comportamento dos intelectuais que entraram nessa jogada. Jornalistas, publicistas, escritores, tornam-se consciente ou inconscientemente vítimas de acções e ideias estranhas aos interesses da grande massa da população de que fazem parte. Respondendo a um jornalista sobre este assunto, I.A. Benedíktov replica-lhe o seguinte:

«Penso que quando conhecer não apenas uma parte, mas todos os factos e documentos relacionados com o tema das repressões, quando os analisar e reflectir sobre o contexto da tensa e complexa situação da altura, sentirá vergonha das frases falsas ditas por pessoas exasperadas e desorientadas, que perderam a capacidade de raciocinar de forma sadia.»¹⁷²

Uma parte não negligenciável de membros do Partido, atormentada pela manipulação, declara-se vencida e confusa, não sabendo já em quem acreditar. O mais grave é que o próprio Partido oficializou e divulgou as mentiras e as calúnias de Khruchov. É certo que os membros do Partido não procuram senão conhecer a verdade para conseguirem desembaraçar-se da propaganda imperialista. Mas também existe uma parte não negligenciável de membros do Partido que conservaram sempre a sua consciência política, apesar das perseguições e das punições exercidas pelos khruchovianos, não tendo nunca admitido as mentiras e as calúnias, mesmo quando se viram impossibilitados de defender abertamente as suas convicções.

A sabedoria popular assinala que na Primavera, quando se limpam as árvores de fruto e se cortam os ramos velhos e secos, se ferem por vezes involuntariamente os ramos são e vitais.

Os comunistas politicamente conscientes tomarão a cabeça da luta pela reabilitação e pelo regresso à grandeza e ao poderio do PCUS e da URSS.

¹⁷² I.A. Benedíktov, *Stáline e Khruchov*, tradução portuguesa do russo em www.hist-socialismo.net, pág. 10 (nota do editor).

Capítulo VII

O método usado por Khruchov para tratar a questão do «culto» da personalidade de Stáline

A fim de demonstrar e provar que se baseou na teoria marxista-leninista para tratar a questão do «culto» da personalidade de Stáline, Khruchov cita Marx e Engels sobre o assunto:

«Permitam-me, antes de mais, que vos recorde o quão severamente os clássicos do marxismo-leninismo condenaram qualquer manifestação do culto da personalidade. Na sua carta ao político alemão, Wilhelm Boss, Marx declarou:

“(…) Devido à minha hostilidade em relação a qualquer culto da personalidade, durante a existência da Internacional nunca permiti a publicitação de numerosos apelos vindos de diferentes países, nos quais eram reconhecidos os meus méritos, o que me importunava a tal ponto que nunca lhes respondia, já que só raramente admoestava alguém por isso. A primeira adesão de Engels e minha à sociedade secreta dos comunistas efectuou-se sob a condição de que seria ser suprimido dos seus estatutos tudo o que contribuísse para a reverência supersticiosa às autoridades».

«Mais tarde, Engels escreveu:

“Tanto Marx como eu próprio sempre fomos contra todo o tipo de demonstrações públicas em relação a figuras individuais, com excepção unicamente daqueles casos em que havia um qualquer objectivo relevante; mas fomos sobretudo contra que tais demonstrações nos dissessem respeito pessoalmente em vida”»¹⁷³.

É claro que poderíamos citar igualmente Lénine e Stáline contra a glorificação das suas personalidades. Mas uma vez que tratamos da questão do culto da personalidade, temos primeiro de clarificar o conteúdo científico dessa noção, contrapondo-a à noção de autoridade pessoal.

O termo *culto* é de origem latina e significa:

1. Honra religiosa, recolha de orações, juramentos, etc.:
2. Admiração, grande honra, adoração.¹⁷⁴

O termo autoridade é também de origem latina e significa:

1. Influência e consideração reconhecida; força, poder, prestígio;
2. Pessoa que tem autoridade.¹⁷⁵

A diferença entre os dois termos é perceptível.

O culto é atribuído aos santos pelo clero desde há séculos, no silêncio das igrejas e dos mosteiros. O seu objectivo é manter como reféns as consciências das massas para submetê-las aos interesses daqueles que o criam e mantêm. É uma imagem artificial e imaginária: de santos poderosos e irrepreensíveis.

Enquanto a autoridade se refere a uma pessoa real que não é irrepreensível. São pessoas que guiam os outros pelas suas qualidades excepcionais, reconhecidas e aceites por essas qualidades. São pessoas cuja vida é consagrada à obra pública. A verdadeira autoridade é criada nas barricadas da luta de classes.

Associada à noção de culto, a personalidade de Stáline não tem nada a ver com o conteúdo honorífico religioso, de orações ou de juramentos. O nome de Stáline está ligado ao seu prestígio, à sua influência e à sua força. Portanto, trata-se de uma autoridade.

¹⁷³Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.129 (nota do editor).

¹⁷⁴Dicionário de Palavras Estrangeiras na Língua Búlgara, Sofia, 1970, pág. 383.

¹⁷⁵Idem, pág. 25.

Ao relacionar o nome de Stáline com a noção de culto, Khruchov procurou denegrir o seu nome e a sua obra. Isto explica por que Khruchov no seu relatório não refere a posição dos clássicos do marxismo-leninismo no que diz respeito à autoridade enquanto conceito e fenómeno social. E, no entanto, Engels escreveu várias vezes sobre o conteúdo desta noção, sobre a necessidade e o papel da autoridade de um dirigente na revolução. Sobre isto escreveu:

«A necessidade de uma autoridade é evidente, é preciso uma autoridade no mar alto ou em caso de perigo, quando a vida de cada um depende da submissão imediata e sem hesitação de todos à vontade de uma única pessoa.»¹⁷⁶

Não é verdade que o navio da revolução, da edificação do socialismo e, sobretudo, da Grande Guerra Patriótica, sob a direcção de Stáline, navegava em pleno mar alto muito agitado e perigosamente tempestuoso? Teria ele chegado a bom porto sem a grande autoridade de Stáline?

Mais adiante, no mesmo artigo, Engels acrescenta sobre a autoridade: «Quando evocava este argumento em resposta à recusa desesperada da autoridade, respondiam-me que o que nós pedíamos aos nossos delegados, não era ter autoridade, mas sim transmitir uma mensagem. Esses senhores imaginavam que, alterando as noções, mudariam as coisas. Isto é, da parte dos nossos profundos pensadores, fazer troça das pessoas.»¹⁷⁷

Aparentemente Khruchov era parecido a esses pensadores profundos.

Friedrich Engels termina assim o seu artigo: «Uma de duas coisas – ou estes opositores à autoridade não sabem do que falam ou então sabem e, nesse caso, traem o movimento do proletariado. Nos dois casos, eles servem a reacção.»¹⁷⁸

Lénine também escreveu sobre o papel da autoridade na luta revolucionária: «Toda a grande indústria mecanizada – isto é, precisamente a fonte e a base material, produtiva, do socialismo – exige uma *unidade de vontade* absoluta e rigorosíssima que dirija o trabalho comum de centenas, milhares e de dezenas de milhares de pessoas. Tanto tecnicamente, como economicamente e historicamente esta necessidade é evidente e quantos pensaram no socialismo sempre a reconheceram como a sua condição. Mas como pode ser assegurada a mais rigorosa unidade de vontade? - Por meio da subordinação da vontade de milhares à vontade de um só.»¹⁷⁹

Noutra ocasião Lénine escreve: «Numa luta ardente como é a revolução, no posto especial que cada revolucionário ocupa, se o trabalho mesmo de num pequeno colectivo se transforma em divagações, adquire enorme importância a autoridade moral robusta, indiscutível, indubitável, conquistada no decurso da luta, a autoridade que extrai a sua força não de uma moral abstracta, claro, mas da moral do lutador revolucionário, da moral das fileiras e trincheiras das massas revolucionárias.»¹⁸⁰

Lénine diz também noutro texto: «Em todo o lado no mundo onde a classe operária conduz lutas difíceis e encarniçadas pela sua libertação total, é necessária autoridade.»¹⁸¹

E ainda: «O marxismo distingue-se de todas as outras teorias socialistas pela notável junção entre a sobriedade de análise inteiramente científica da situação objectiva das coisas e do curso objectivo da evolução com o mais resolutivo reconhecimento da importância da

¹⁷⁶Engels, *Oeuvres*, Tomo 1, págs. 302-305.

¹⁷⁷Idem, *ibidem*.

¹⁷⁸Idem, *ibidem*.

¹⁷⁹«As tarefas imediatas do Poder Soviético», in *V.I. Lénine, Obras Escolhidas, em Três Tomos, Edições «Avante!»*, Lisboa, 1981, Tomo II, pág. 580 (nota do editor).

¹⁸⁰Citação traduzida pelo editor de original russo, «Discurso em Memória de I.M. Sverdlov», 18 de Março de 1919, in *Obras Completas de V.I. Lénine*, 5ª edição, *Izdatelstvo Politicheskoi Knigui*, Moscovo, 1967, Tomo 38, pág. 77 (nota do editor).

¹⁸¹V.I. Lénine, *Oeuvres Completes*, Sófia, 1979, Tomo 14, pág. 211.

energia revolucionária, da criatividade revolucionária, da iniciativa revolucionária das massas, – bem como, é claro, de figuras individuais, grupos, organizações, partidos capazes de encontrar e realizar a ligação com umas e outras classes.»¹⁸²

No seu discurso no funeral de Sverdlov, em Março de 1919, Lénine disse: «Foi precisamente esta dedicação abnegada à causa revolucionária que (...) formou tais dirigentes, a flor do nosso proletariado.»¹⁸³

Um desses dirigentes era, sem dúvida nenhuma, Stáline.

Contudo, no seu relatório, Khruchov nunca expõe os fundamentos marxistas-leninistas acerca do papel das massas e da personalidade na história, limitando-se a invocar Lénine a este propósito:

«Lénine sempre sublinhou o papel do povo como o artífice da história, o papel dirigente e organizador do partido como um organismo vivo e autónomo, assim como o papel do Comité Central.

«O marxismo não nega o papel dos líderes da classe operária no movimento revolucionário.»¹⁸⁴

Para tratarmos a questão do papel de Stáline em todas as fases da realização da sociedade socialista – desde a preparação e a direcção da Revolução de Outubro, passando pela edificação das bases do socialismo, até à Grande Guerra Patriótica – impõe-se que se tome conhecimento, mesmo brevemente, das posições marxistas-leninistas sobre o papel da personalidade na história. Isto permite-nos confrontar o papel desempenhado por Stáline com a teoria marxista. Precisamente o que relatório Khruchov omite.

A ciência marxista-leninista sobre o papel da personalidade na história contém, sucintamente, as posições seguintes:

«- As massas populares são compostas de classes sociais diferentes;
- As classes são representadas pelos partidos políticos;
- Os partidos políticos são dirigidos por grupos mais ou menos estáveis, compostos por pessoas que têm mais influência, autoridade e experiência, eleitos para cargos responsáveis e designados como dirigentes.»

Lénine dizia que isto era o alfabeto.

Levantar a questão da chamada luta contra a personalidade significa praticamente «opor os dirigentes às massas, abalar as bases da unidade na direcção do partido, fundado na base do centralismo democrático, enfraquecer as suas forças militantes e desestabilizar as fileiras do partido.»¹⁸⁵

Assim o marxismo-leninismo reconhece o papel dos dirigentes no processo histórico revolucionário. Esse papel é definido por um conjunto de factores:

Factor 1 – Em primeiro lugar a situação do país e do povo que a personalidade dirige. No que respeita a Stáline, ele dirigiu um país imenso, atrasado, composto por mais de 40 nacionalidades e onde o analfabetismo representava 70 por cento da população. Em segundo lugar, a experiência dos quadros e as possibilidades do novo poder revolucionário proletário. A URSS foi o primeiro país socialista do mundo, edificando esta sociedade em condições extremamente difíceis, sem poder aproveitar as lições de outras experiências. Portanto, as suas possibilidades eram muito limitadas.

¹⁸²Citação traduzida pelo editor de original russo, «Contra o Boicote, Notas de um Publicista», in *Obras Completas de V.I. Lénine*, 5ª edição, *Izdatelstvo Politicheskoi Knigui*, Moscovo, 1967, Tomo 16, pág. 23 (nota do editor).

¹⁸³Citação traduzida pelo editor de original russo, «Discurso em Memória de I.M. Sverdlov», 18 de Março de 1919, in *Obras Completas de V.I. Lénine*, 5ª edição, *Izdatelstvo Politicheskoi Knigui*, Moscovo, 1967, Tomo 38, pág. 76-77 (nota do editor).

¹⁸⁴Citação do «Relatório de Khruchov» traduzida pelo editor do original russo publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.129 (nota do editor).

¹⁸⁵Jornal *Rabotnicheskoe Délo*, de 15 Julho de 1963, Sofia.

Factor 2 – O papel da personalidade é definido pelas condições da luta de classes nas quais se realiza esse papel e, antes de tudo, pela resistência do inimigo de classe, suas possibilidades, agressividade e escala à qual ele intervém. É claro que se não houvesse resistência interna, nem intervenção externa após a vitória da Revolução de Outubro, o desenvolvimento socialista teria tido um sucesso muito maior e avançado a ritmos muito mais elevados. Mas a realidade histórica foi completamente diferente: resistência massiva, guerra civil, intervenção de 14 países capitalistas com um exército de um milhão de homens, sabotagens e espionagem em todos os domínios da vida.

Factor 3 - A longevidade da direcção do país. Não é a mesma coisa dirigir um país três meses, três anos ou 30 anos. Stáline dirigiu o Partido Comunista e a União Soviética mais de 30 anos.

Factor 4 - As qualidades pessoais dessa pessoa. Podemos afirmar que se as qualidades pessoais abarcarem todos os domínios: ideológico, político, organizacional, diplomático, moral, etc., o papel do dirigente é maior no processo histórico. O marxismo-leninismo considera que o erro é humano, sobretudo nos países e nas situações complexas. Marx diz dele próprio que nada do que é humano lhe é estranho: comove-se, entusiasma-se como qualquer pessoa e comete erros. Stáline disse várias vezes que teve fraquezas e cometeu erros no percurso da revolução, da edificação do socialismo ou durante os anos da Grande Guerra Patriótica.

No prefácio do primeiro volume das suas obras, Stáline assinala a sua concepção errónea sobre a questão camponesa, assim como sobre a questão das condições da vitória da revolução socialista, aspectos em que divergiu da posição justa de Lénine.

Stáline falou publicamente perante o Partido e perante o povo dos erros na edificação do socialismo. É preciso sublinhar que esses erros não tinham um carácter fundamental e não alteraram a marcha em frente pelo socialismo. Esses erros eram inevitáveis nas condições históricas concretas, mas Stáline analisou as causas que induziram aos erros e tomou medidas para eliminá-los.

Um exemplo concreto é a sua carta de 6 de Maio de 1933, sobre os excessos cometidos nos campos, em resposta às duas cartas muito críticas do escritor Mikhail Chólokhov falando dos erros cometidos e das dificuldades sentidas na sua região. Stáline escreveu-lhe:

«Caro camarada Chólokhov!

«Recebi as suas duas cartas, como sabe. A ajuda que pediram já foi enviada.

«Para analisar a situação irá ter convosco à região de Vechinski o camarada Chkiriátov¹⁸⁶, para quem peço encarecidamente a sua ajuda.

«Quanto a isto é tudo. Mas isto não é tudo camarada Chólokhov. Acontece que as suas cartas produzem uma impressão algo unilateral. E sobre isso quero escrever-lhe algumas palavras.

«Agradece-lhe as cartas uma vez que elas revelam a chaga do nosso trabalho partidário e soviético, revelam como, por vezes, os nossos funcionários, querendo refrear o inimigo, atingem descuidadamente os amigos, chegando ao sadismo. Mas isto não significa que eu concorde em tudo consigo. Você vê um lado, e não vê mal. Mas esse é apenas um lado da questão. Para não errarmos em política (as suas cartas não são literatura, mas política do princípio ao fim), é preciso abarcar, conseguir ver também o outro lado. E o outro lado consiste em que os respeitáveis lavradores da sua região (e não apenas da sua região) levaram a cabo uma sabotagem e não se importaram de deixar os operários e o Exército Vermelho sem pão. O facto de a sabotagem ter sido silenciosa e aparentemente inofensiva

186 M. F. Chkiriátov (1853-1954), membro do partido desde 1906, trabalhava em 1933 na Comissão Central de Controlo do PCU(b) e no órgão colegial do Comissariado da Inspeção Operária-camponesa (nota do editor).

(sem sangue) não altera a situação de que os respeitáveis lavradores, no fundo, conduziam uma guerra “silenciosa” contra o poder soviético. Uma guerra de morte, caro camarada Chólokhov...

É claro que esta circunstância, em medida alguma, pode justificar as brutalidades que, como você assegura, foram cometidas pelos nossos funcionários. Os culpados por estas brutalidades devem ser devidamente punidos. Contudo, é claro como o dia que os respeitáveis lavradores não são pessoas assim tão inofensivas como poderia parecer à distância.

Bem, desejo-lhe saúde e aperto-lhe a mão.

Seu Stáline.»

6 de Maio 1933¹⁸⁷

Esta carta de Stáline é um exemplo clássico de crítica e auto-crítica bolcheviques. É uma prova de que as ilegalidades e os erros são confessados e punidos, com uma dor amarga, chamando-lhes «a chaga do nosso trabalho». É um sentimento de responsabilidade que Stáline sente na edificação do socialismo na URSS. Por outro lado, Stáline não censura Chólokhov por ter subestimado a actividade nociva dos inimigos da URSS.

Na desobstrução do caminho da edificação socialista, como numa floresta donde há tiros de todos os lados, era difícil não haver enganos de direcção. Qualquer outra pessoa teria cometido erros e talvez mesmo mais graves ainda.

As condições nas quais Stáline, como Comandante Supremo, assumiu o papel dirigente das forças armadas soviéticas durante os anos da Grande Guerra Patriótica, eram ainda mais difíceis. Sobre isto, o marechal Júkov escreve: «É claro que no princípio, o Comandante Supremo cometia erros, como todos e cada um, mas analisava-os a fundo, tentando tirar daí conclusões que lhe permitissem não repeti-los no futuro.»¹⁸⁸

«Infelizmente, mesmo com as informações recebidas, nem sempre se tiravam as conclusões correctas que possibilitassem orientar o comando supremo de forma segura.»¹⁸⁹

O chefe do Estado-Maior do Exército Soviético, S.M. Chtémenko, escreve sobre a atitude de Stáline em relação aos erros:

«Quando a peça de teatro de Korneitchuk, *A Frente*, apareceu nas páginas do *Pravda*, houve pessoas do Estado-Maior e nos meios dos altos dirigentes militares que a viram como uma diversão contra o Exército Vermelho. Chegaram alguns telegramas ao Comandante Supremo pedindo a interrupção da publicação da peça no *Pravda* e a proibição de que fosse levada à cena. O Comandante Supremo respondeu a um desses telegramas: “Não tem razão na sua avaliação da peça. Ela terá um grande papel educativo para o Exército Vermelho e o seu comando. A peça mostra bem os defeitos do Exército Vermelho, e será mau fechar os olhos a esses defeitos. É preciso ter a coragem de reconhecer os seus próprios defeitos e de tomar as medidas necessárias para eliminá-los. É o único caminho para o melhoramento do Exército Vermelho.»¹⁹⁰

O marechal A.M. Vassiliévski escreve por seu lado:

«Quanto aos erros durante os anos da guerra, Stáline disse abertamente na recepção dada no Kremlin em honra dos comandantes do Exército Vermelho, em 24 de Maio de 1945: “O nosso governo cometeu não poucos erros. Em 1941-42, houve momentos desesperantes. O nosso exército recuava e abandonava passo a passo cidades e aldeias na Ucrânia, na Bielorrússia, na Moldávia, na região de Leninegrado, nos países bálticos, na República da

¹⁸⁷ Traduzido pelo editor do original russo: «Carta a M.A. Chólokhov, 6 de Maio de 1933», in *I.V. Stáline, Obras*, Tomo 18, *Informatsiono-izdatelski Tsentri «Soyuz»*, Tver, 2006, pág. 49 (nota do editor).

¹⁸⁸ G. K. Júkov, *Mémoires et Réflexions*, págs. 318, 319.

¹⁸⁹ Idem, pág. 240.

¹⁹⁰ S.M. Chtémenko, *L'Etat-major pendant la guerre*, Tomo I, pág. 55.

Carélia Finlandesa. Abandonava-as porque não tinha outra saída. Um outro povo poderia ter dito ao governo: vocês não corresponderam à nossa expectativa, vão-se embora, substituir-vos-emos por um outro governo que assine a paz com a Alemanha e nos garanta a calma. Mas o povo russo não fez isso porque acreditava na justeza da política do seu governo, e fez enormes sacrifícios para assegurar a defesa em relação à Alemanha. Esta confiança do povo russo no seu governo foi a força que assegurou a vitória histórica sobre o inimigo da humanidade, o fascismo.»¹⁹¹

No XIX Congresso do PCUS em 1952, Stáline afirmou:

«Especial atenção merecem-nos aqueles partidos comunistas, democráticos ou operários-camponeses que não estão no poder e que continuam a trabalhar sob o calcanhar das draconianas leis burguesas. O trabalho é para eles mais difícil. No entanto, não é tão difícil como foi para nós, comunistas russos (...).

«Por que é que, mesmo assim, para estes partidos não será tão difícil trabalhar em comparação com os comunistas russos do período tsarista?

«Porque, em primeiro lugar, têm à vista o exemplo das lutas e dos êxitos realizados na União Soviética e nos outros países das democracias populares. Consequentemente, podem aprender com os erros e os êxitos destes países e desse modo facilitar o seu trabalho.»¹⁹²

Factor 5 – A avaliação do papel da personalidade na história tem de ter em conta o lado da barricada em que se encontra essa personalidade, *do lado do progresso e da revolução* ou então do lado da contra-revolução. Ninguém teve ainda o mérito de Stáline na revolução e na edificação do socialismo. Os êxitos e avanços que a União Soviética conseguiu sob a sua direcção confirmam da maneira mais convincente o seu papel histórico. O grande escritor inglês Bernard Shaw foi talvez quem conseguiu expressar da forma mais sintética os sucessos da edificação socialista na União Soviética no início dos anos de 1930, observando o entusiasmo do povo soviético na execução dos planos quinquenais de Stáline. No seu regresso a Inglaterra, no aeroporto, declarou: «Regresso do futuro para me afundar no passado.»¹⁹³ O futuro era a União Soviética, o passado a Inglaterra capitalista.

Vinte e oito anos mais tarde Churchill confirmou estas palavras, afirmando: «Stáline herdou uma Rússia do arado e deixou-a com a arma atómica. A história não pode esquecer uma tal personalidade.»¹⁹⁴

As pessoas da equipa de Khruchov que prepararam o relatório «Sobre o culto da personalidade e as suas consequências», ignoraram as posições do marxismo-leninismo sobre o papel da personalidade na história, ou antes, procuraram negar a obra histórica e a personalidade de Stáline. No próprio título deste documento esconde-se uma provocação desonesta, sugerindo que na União Soviética houve um «culto» pela personalidade de Stáline e que esse culto teria originado «pesadas consequências» para o país, como por exemplo:

- 1) Repressões em massa (de que nós já desenvolvemos o carácter e o significado);
- 2) A instalação do medo na população (como explicariam eles então o entusiasmo do povo?);
- 3) A perda da autoridade e da confiança das pessoas do Partido (esquecendo que precisamente a autoridade e confiança atingiram o seu apogeu na época da direcção do país e do Partido por Stáline!).

¹⁹¹ A.M. Vassiliévski, *Une oeuvre pour toute une vie*, pág. 522.

¹⁹² Traduzido pelo editor do original russo: «Discurso no XIX Congresso, 14 de Outubro de 1952», in *I.V. Stáline, Obras*, Tomo 16, *Izdatelstvo Pissatel*, Moscovo 1997, pág. 228 (nota do editor).

¹⁹³ Bernard Show, *Rabotnitchesko Délo*, de 25 de Maio de 1992.

¹⁹⁴ Winston Churchill, jornal *Tribuna*, N.º 12, 1994.

Nem chega a surpreender que Khruchov não se tenha detido nos êxitos e conquistas da URSS e no papel de Stáline na sua realização. Podemos enumerá-las:

- Vitória da grande Revolução Socialista de Outubro;¹⁹⁵
- Vitória na guerra civil;
- Colectivização da agricultura;
- Industrialização da URSS;
- Êxitos na cultura;
- Unidade e solidariedade dos povos soviéticos;¹⁹⁶
- Vitória na Grande Guerra Patriótica;
- Libertação dos povos da Europa e da Ásia do fascismo;
- Ajuda ao grande povo chinês, etc.

Segundo Khruchov, a enorme autoridade de Stáline não teria tido papel algum nestes êxitos históricos. Seguindo o seu raciocínio também poderíamos chegar à conclusão contraditória que tanto todos esses sucessos como as «graves consequências» são o resultado do «culto» da personalidade de Stáline. Isto mostra o quanto são absurdas as afirmações de Khruchov.

Eis a opinião de um simples cidadão soviético, expressa em 1987:

«Fala-se do culto da personalidade de Stáline. E como pode criticar-se uma nação se ela possui um bom dirigente que conduz o seu povo a sucessos reais? Pode condenar-se o que é de louvar?»¹⁹⁷

Apesar dos êxitos históricos da URSS sob a direcção de Stáline, o «degelo» iniciado com o relatório «secreto» ao XX Congresso do PCUS favoreceu uma grande campanha massiva, inaudita e ininterrupta, de mentiras e calúnias, cujo objectivo foi diminuir e negar o papel histórico de Stáline na edificação do socialismo e na Grande Guerra Patriótica.

Passados 45 anos, o absurdo khruchoviano do «culto» da personalidade de Stáline é utilizado pelos inimigos da URSS e do socialismo. Temos que reconhecer que os seus esforços deram frutos.

Em 1970, por ocasião do 25.º aniversário da vitória sobre a Alemanha fascista, Mikhail Chólokhov escreveu: «Não devemos ser estúpidos e diminuir a acção de Stáline. Primeiro, porque é uma desonestidade e depois porque é prejudicial ao país e ao povo soviético. E não é apenas porque não devemos julgar aqueles que ganharam, mas sobretudo, porque tudo isso não corresponde à verdade.»¹⁹⁸

Sem dúvida alguma, as calúnias e a negação da obra histórica de Stáline causaram choque, desaprovação, mas também uma grande confusão entre os membros do Partido e entre os trabalhadores na URSS. E isto privou seguramente a URSS de uma fonte de energia social e de patriotismo soviético. Os acontecimentos que levaram à desagregação da URSS são a prova disso.

Continuando a denunciar a hipocrisia de Khruchov quanto ao «culto» de Stáline, devemos questionar:

1) Foi devido ao «culto» da personalidade de Stáline que o povo soviético respondeu com entusiasmo e heroísmo ao seu apelo para alcançar e mesmo ultrapassar os objectivos dos planos quinquenais?

¹⁹⁵ Stáline assegurou a direcção do Partido com Iákov Sverdlov, tendo preparado com ele a insurreição de Outubro, depois de Lénine se ter refugiado na Finlândia em Agosto de 1917 (nota do tradutor francês).

¹⁹⁶ O primeiro texto teórico de Stáline, datado de 1913, analisa a questão das nacionalidades na Rússia tsarista (nota do tradutor francês).

¹⁹⁷ A.M. Samsonov, *Savoir et se souvenir*, pág. 210.

¹⁹⁸ G.K. Júkov, *Mémoires et réflexions*, pág. 320.

2) Quando os soldados soviéticos se lançavam para o campo de batalha gritando: «Pela Pátria, por Stáline», isso era uma manifestação do «culto» ou bem da certeza da vitória sob a direcção de Stáline?

3) «Na conferência de Teerão, constatando que Churchill protelava a decisão sobre a designação do comandante da segunda frente e a data da sua abertura, Stáline levantou-se bruscamente e, dirigindo-se a Mólotov e a Voróchilov, disse: "Vamo-nos embora, não temos mais nada a fazer aqui. Temos muito trabalho nas frentes de combate". Para aliviar a atmosfera, Roosevelt disse: "Estamos com fome, proponho suspender a sessão para irmos ao almoço que hoje nos é oferecido pelo marechal Stáline.»¹⁹⁹

Nos dias seguintes, foram tomadas as decisões sobre a data e a designação do comandante da segunda frente. Foi graças ao culto ou à autoridade de Stáline que este resultado foi conseguido?

Os colaboradores mais próximos de Stáline nunca falaram de «culto» pela sua pessoa. Nas suas memórias escritas depois do XX Congresso do PCUS, atribuem grande parte dos os êxitos à sua enorme autoridade.

No livro *Memórias e Reflexões*, o marechal Júkov escreve: «A autoridade de Stáline era particularmente grande e a sua escolha como Comandante Supremo foi aceite com um grande entusiasmo pelo povo e pelos exércitos.»²⁰⁰

É estranho que a intelectualidade – sábios, publicistas, escritores, jornalistas e homens políticos tenham podido aceitar sem criticar o absurdo de Khruchov, mamando deleitados o biberão do «culto da personalidade de Stáline», sem cuspir o seu gosto amargo.

Estranho e triste!

¹⁹⁹V.M. Bérezkov, *Pages de l'histoire diplomatique*, Sofia, 1988, pág. 321.

²⁰⁰G.K. Júkov, *Mémoires et réflexions*, pág. 342.

«A força de Stáline era de tal modo grande, que ele se impôs como único entre os dirigentes de Estado de todos os tempos e de todos os povos. (...) A história não esquece tais pessoas.»

Winston Churchill, em 21 de Dezembro de 1959, por ocasião do 80.º aniversário do nascimento de Stáline (Enciclopédia Britânica)

«Se Stáline fosse vivo, o nosso país teria alcançado há muito tempo a primeira posição no mundo (...) De forma simples e breve, teria dito: “Compatriotas, como povo vencedor da guerra, não podemos mais ficar em segundo ou em terceiro lugar. Ergamo-nos para sermos os primeiros.” E nós ter-nos-íamos erguido.»

Um cidadão soviético (Notícias de Moscovo, n.º 18, 1988)

«Você fala da sua “devoção” para comigo. Pode ser uma frase colhida ao acaso. Pode ser... Mas se não é uma frase ocasional, aconselhar-vos-ia a deitar fora o “princípio” da devoção a pessoas. Essa não é uma maneira bolchevique. Tenha devoção à classe operária, ao seu Partido, ao seu Estado. Isso é necessário e positivo. Mas não a misture com a devoção a pessoas, com essa bagatela intelectual, vazia e inútil.

Saudações comunistas.

I. Stáline.»

Carta a Chatunovski, Agosto de 1930.

Capítulo VIII

A autoridade de Stáline

Quais são os traços característicos que definem a autoridade de Stáline, que construíram essa força, esse amor popular, essa influência reconhecida por todos lhe permitiram alcançar o impossível, construir uma obra histórica épica?

Tentaremos enumerar brevemente os traços principais que caracterizavam Stáline, através de testemunhos dos seus mais próximos colaboradores, camaradas e amigos, tal como eles o viam e o descreveram. Identificámos os seguintes traços:

1. Conhecimento aprofundado do marxismo-leninismo;
2. Devoção à revolução, ao socialismo, aos interesses dos trabalhadores;
3. Firmeza de princípios;
4. Uma lógica de ferro, um grande intelecto, espírito perspicaz e linguagem acessível;
5. Capacidade de decisão, firmeza, rigor e exigência sem compromissos;
6. Um colossal talento de organizador;
7. Excepcional capacidade de trabalho;
8. Simplicidade e modéstia no trabalho, no seu modo de vida e nas suas relações com as pessoas.

1. Conhecimento aprofundado do marxismo-leninismo

Desde muito jovem Stáline começou a estudar o marxismo-leninismo. De si próprio disse: «Entre no movimento revolucionário com 15 anos de idade, altura em que me liguei a grupos clandestinos de marxistas russos que residiam então na Transcaucásia. Estes

grupos tiveram uma grande influência em mim e transmitiram-me o gosto pela literatura marxista clandestina.»²⁰¹

O seu camarada de escola, Chota Ivanovitch Kvantaliani, escreveu: «Quando era aluno no seminário, Stáline copiou *O Capital*, de Marx, porque só tínhamos um exemplar.»²⁰²

Segundo um provérbio latino, «quem escreve, lê duas vezes». Foi assim que Stáline estudou *O Capital*, de Marx. E mais tarde, participando nas lutas revolucionárias, tornando-se um revolucionário profissional, estudou as obras do marxismo-leninismo, assim como os filósofos burgueses e, sobretudo, trabalhos históricos. As suas seis deportações na Sibéria foram-lhe benéficas, como seis universidades, onde estudou os clássicos.

Mólotov escreve: «Stáline lia muito, interessava-se pelas mais diversas questões. Trabalhava muito.»²⁰³ «Absorvia rapidamente as inovações, pois tinha uma enorme capacidade de aprender.»²⁰⁴

Stáline desenvolveu e aprofundou importantes questões da teoria marxista-leninista, continuou a obra de Lénine nas condições complexas da edificação do socialismo. Esta edificação não foi um acto espontâneo, realizou-se segundo uma análise concreta e aprofundada das condições da luta de classes. E isto representou um desenvolvimento criativo do marxismo-leninismo nas novas condições históricas.

Mólotov escreve: «Stáline deixou uma preciosa herança histórica sobre a questão nacional, sobre a industrialização, sobre a colectivização, sobre a guerra. Pode haver quem diga que a guerra não é uma teoria, mas sim uma prática. Stáline deixou muitos escritos sobre isso. Via longe e profundamente.»²⁰⁵

A herança histórica de Stáline é no fundo a continuação da teoria marxista-leninista nas novas condições históricas do século XX. Depois da morte de Lénine, Stáline desenvolveu o marxismo-leninismo criativo e vitorioso.

2. Dedicção à revolução, ao socialismo, aos interesses dos trabalhadores

Em resposta às inúmeras felicitações recebidas pelo seu 50.º aniversário, Stáline escreveu: «Podem não duvidar, camaradas, de que estou pronto também no futuro a consagrar todas as minhas forças, todas as minhas capacidades e, se for necessário, todo o meu sangue, gota por gota, à causa da classe operária, à causa da revolução proletária e ao comunismo mundial.»²⁰⁶

Stáline manteve-se fiel à teoria marxista-leninista e consagrou a sua vida à vitória da revolução, da edificação do socialismo, da Grande Guerra Patriótica. É uma verdade histórica.

Mólotov observou: «Somente o facto de ele ter conseguido eliminar inteiramente a propriedade privada num grande país como o nosso mostra o seu intelecto e a sua fidelidade à teoria de Marx e de Lénine.»²⁰⁷

²⁰¹ Citação traduzida pelo editor do original russo de «Conversa com o escritor alemão Emile Ludwig», publicada em 13 de Dezembro de 1931, na revista *Bolchevik*, n.º 8, in *I.V. Stáline, Obras*, tomo 13, *Gossudarstvenoi Politicheskoi Literaturi*, Moscovo, 1951, pág. 113.

²⁰² Ch. Kvantaliani, in *Tribuna*, N.º 24, 1994.

²⁰³ V.M. Molotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 15, 1994.

²⁰⁴ Idem, in *Tribuna*, N.º 29, 1994.

²⁰⁵ Idem in *Tribuna* N.º 25, 1994.

²⁰⁶ Traduzido pelo editor do original russo de «A todas as organizações e camaradas que enviaram saudações por ocasião do 50.º aniversário do camarada Stáline», in *I.V. Stáline, Obras*, tomo 12, *Gossudarstvenoi Politicheskoi Literaturi*, Moscovo, 1949, pág. 140.

²⁰⁷ V.M. Mólotov, jornal *Literaturnaia Gazéta* de 18 Abril de 1990.

«Ninguém depois de Lénine pode ser comparado a Stáline. Nem eu, nem Kalíline, nem Dzerjinski ou qualquer dos outros, não fizemos uma décima parte do que fez Stáline.»²⁰⁸

Um dos colaboradores próximos de Stáline, o general Chtémeko, escreveu: «O trabalho era a sua vida. Como, por exemplo, durante a guerra, Stáline não descansava um instante.»²⁰⁹

Depois da guerra, logo em 1947, Stáline tomou a iniciativa de suprimir em toda a URSS o sistema de racionamento por senhas, o qual foi mantido ainda por longos anos em países como Inglaterra ou a França. Mólotov escreve a esse respeito: «Depois da guerra, de 1947 a 1954, baixámos os preços sete vezes, dividindo-os por dois ou três. Foi extraordinário. Durante esse período, a Inglaterra ainda tinha ainda o sistema de senhas.»²¹⁰

Os colaboradores próximos de Stáline citam muitos exemplos e factos confirmando a sua preocupação pelas massas trabalhadoras: «Aconteceu um facto interessante com o marechal Vassiliévski. Ele contou-me como Stáline o recebeu em sua casa. Começou por lhe colocar várias questões sobre a sua família. O seu pai era um simples padre. E Vassiliévski já não mantinha relações com ele. Stáline sabia isso. E disse-lhe: “Não devemos esquecer os pais. E você, você vai ficar a dever-me uma coisa por muito tempo.” Foi buscar a uma gaveta um dossier cheio de vales do correio. Stáline tinha mandado regularmente dinheiro ao pai de Vassiliévski, fazendo-se passar pelo seu filho. “Fiquei sem palavras” – contou o marechal.»²¹¹

Das muitas cartas conservadas de Stáline aos seus próximos, citaremos duas enviadas à sua mãe, Elena Djugachvili:

«I. V. Stáline a E. Djugachvili, 22 de Dezembro 1931

Saúde, minha mamã!

Recebi a tua carta. Felizmente não te esqueces de mim. Sinto-me culpado por não te ter escrito ultimamente. Tanto trabalho em cima de mim, que não consegui encontrar um bocadinho para te escrever. Toma cuidado contigo. Se te faltar alguma coisa, escreve-me. Nádia manda-te o medicamento. Mantém-te forte e com boa saúde. Eu sinto-me bem. Vive mil anos.

O teu Sosso.»

«I. V. Stáline a E. Djugachvili, 24 de Março, 1934

Saúde, minha mamã! Recebi a tua carta assim como o doce e os figos. Os rapazes gostaram muito e enviam-te agradecimentos e cumprimentos. Ficamos muito contentes por te sentires bem e por te maneres com essa vivacidade de espírito. Estou bem de saúde, não te preocupes comigo. Resistirei ao meu destino. Não sei se tens necessidade de dinheiro. Envio-te 500 rublos, podes precisar. Mando-te fotografias, a minha e dos rapazes. Desejo-te boa saúde, minha mamã. Mantém-te forte.

Beija-te o teu filho Sosso.»²¹²

²⁰⁸Idem, in *Tribuna* N.º 10, 1994.

²⁰⁹S.M. Chtémeko, *L'état-major pendant la guerre* – Tomo II, pág. 41.

²¹⁰V.M. Molotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 21, 1994.

²¹¹A.E. Golovanov, in *Tribuna*, N.º 14, 1994.

²¹²M. Lobanov - *Staline dans la mémoire de ses contemporains et dans les documents de l'époque*, 1995, págs. 269 e 270.

3. Firmeza de princípios

Os seus princípios aplicavam-se toda a gente, tanto aos seus colaboradores como à sua família. O antigo ministro da Agricultura, I.A. Benedíktov, escreve a este respeito: «Não eram tidas em conta quaisquer considerações de fidelidade pessoal ou proximidade com o “chefe”, a chamada “cunha”, já não falando das relações parentesco-familiares. Para além disso, as pessoas com quem Stáline simpatizava particularmente serviam de exemplos para os outros e o grau de exigência era mais rígido e severo. Refiro-me a V.M. Mólotov, a G.K. Júkov, N.A. Voznessénski, ao construtor de aviões A.S. Iákovlev e alguns outros.»²¹³

O filho adoptivo de Stáline, Artem, relatou: «Eu e Iákov tornámos-nos artilheiros, e Vassili, piloto. Partimos os três para a frente. Logo no primeiro dia, Stáline telefonou para que fôssemos mobilizados imediatamente. Foi o único privilégio que recebemos dele como pai. (...) Há cartas de Vassili ao pai. Numa delas pede que lhe envie dinheiro: tinha sido criado um bar na sua divisão e ele queria também mandar fazer um novo uniforme. O nosso pai disse-lhe: “1) Tanto quanto sei, o aprovisionamento do Exército Vermelho é suficiente. 2) Um uniforme especial para o filho de Stáline no Exército Vermelho não está previsto.” E assim, Vássia não recebeu o dinheiro.»²¹⁴

Há também a história dramática do filho de Stáline, Iákov: «Em 1941, Iákov foi feito prisioneiro pelos alemães. Estes tentaram em vão utilizá-lo contra a URSS. Em 1943 fizeram a proposta de trocar Iákov pelo marechal Paulus²¹⁵. Stáline não cedeu a essa pressão. À observação de Mólotov de que Iákov apesar de tudo era seu filho, Stáline respondeu: «Na frente, eles são todos meus filhos.»²¹⁶

Há jornalistas que utilizam este facto para falar da «crueldade» de Stáline. E como teriam reagido os pais dos milhares de prisioneiros de guerra que não podiam ser trocados? E todas vítimas da batalha de Stálinegrado deveriam ser renegadas sem consideração? Os falsos humanistas não podem responder a estas questões.

Quando Iákov foi morto pelos alemães em 1943, Stáline abafou o seu desgosto até ao fim da guerra. Como recordou Mólotov, «Stáline não partilhava o seu desgosto, mesmo com o o seu círculo mais próximo. O único com quem se abriu foi o seu velho amigo de Tbilissi, Kaftarádze, que convidou para sua casa depois da guerra. Ao pequeno-almoço, Stáline disse-lhe em voz baixa: «Eles mataram o meu filho, o georgiano²¹⁷, e com um gesto ritual, embebeu o pão no vinho e pousou-o sobre a mesa. Depois, não voltou a falar nisso.»²¹⁸

²¹³I.A. Benedíktov, *Stáline e Khruchov*, tradução portuguesa do russo em www.hist-socialismo.net, pág. 5 (nota do editor).

²¹⁴Jornal *Tribuna*, N.º 10, 1994.

²¹⁵Marechal Friedrich Paulus, general em 1939, especialista de blindados. Chefe do Estado-Maior alemão e marechal a seguir às campanhas da Polónia e da França na Segunda Guerra Mundial. Preparou a invasão da URSS. Sitiado em Stálinegrado, rendeu-se em 31 de Janeiro de 1943 com 91.000 sobreviventes do seu exército. Foi a viragem da guerra, o início da derrota alemã (nota do tradutor francês – fonte: Enciclopédia *Larousse*).

²¹⁶V.M. Mólotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 10, 1994.

²¹⁷Iákov Djugachvili era o filho mais velho de Stáline nascido do seu primeiro casamento com Ketevan Svanidze, vitimada em 1907 pela tuberculose (nota do editor).

²¹⁸Revista *Molodáia Gvardia*, N.º 3, 1991, pág. 251.

4. Uma lógica de ferro, um grande intelecto, espírito perspicaz e linguagem acessível

Os colaboradores mais próximos de Stáline falam destas qualidades. Mólotov diz: «Não havia e não há homem mais metódico e mais talentoso do que Stáline. Depois da morte de Lénine ninguém se orientava melhor do que ele na situação (...) Reconheço-o como um grande homem insubstituível.»²¹⁹

E ainda: «Stáline tomava pessoalmente notas nas reuniões ou então ditava-as a Poscribichev. Formulava tudo com grande exactidão, com muita rapidez e não somente nas linhas gerais. A maior parte das vezes entregava um documento acabado.»²²⁰

O marechal Júkov escreveu: «As suas capacidades intelectuais, a sua experiência na direcção política, o seu grande conhecimento dos factos e a sua incrível intuição permitiam a Iossif Vissárionovitch Stáline dirigir as operações militares. Era capaz de encontrar o ponto sensível da situação estratégica e agarrava-o para se opor directamente aos projectos do inimigo, virando a operação em ofensiva. Sem qualquer dúvida, merecia ser comandante em chefe.»²²¹

O marechal Vassiliévski testemunha: «I.V. Stáline possuía não somente inteligência, mas também conhecimentos espantosamente vastos.»²²²

«(...)Para demonstrar como o Comandante Supremo avaliava a situação estratégica surgida no Cáucaso, em cuja direcção entendia dirigir as operações futuras dos nossos exércitos nesse sector da frente, citarei um telegrama de Stáline, ditado em 4 de Janeiro de 1943 ao Estado-Maior da frente do Cáucaso, dirigido ao general do exército J.V. Tiulenev. Cito-o para demonstrar o valor de Stáline como Comandante Supremo, como homem de acção, que dirigia as forças armadas numa escala grandiosa. Há muitos outros documentos da guerra provenientes directamente de Stáline onde se pode constatar que ele resolveu problemas operacionais e estratégicos muito importantes. Este telegrama, como muitos outros documentos, permitem apreciar a competência militar do Comandante Supremo. Eis o texto:

«Em primeiro lugar. O inimigo retira-se do Cáucaso do Norte, incendiando os entrepostos e destruindo as estradas. O grupo do Norte de Maslennikov transforma-se em grupo de reserva com a tarefa de perseguir lentamente o inimigo. Não estamos interessados em expulsar o inimigo do Cáucaso do Norte, mas antes em retê-lo, cercá-lo e atacá-lo pelo grupo do Mar Negro, o que não é compreendido nem por Maslennikov nem por Petrov.

«Em segundo lugar. Mobilizem imediatamente o 3.º corpo de infantaria do sector do grupo do Norte e transfiram-no com a maior rapidez para o sector do grupo do Mar Negro. Maslennikov pode pôr em acção o 58.º exército que está em reserva e inactivo no seu sector e poderá ser muito útil no caso de uma ofensiva eficaz.

«A primeira tarefa do grupo do Mar Negro é ocupar Tikhoretskaia, do lado Oeste, para impedir o inimigo de retirar dali o seu material. Serão assistidos pelo 51.º exército e eventualmente pelo 28.º.

«A vossa segunda tarefa, e é a mais importante, é enviar uma poderosa coluna para integrar o grupo do Mar Negro que tomará Bataisk e Azov, entrará em Rostov por Leste e bloqueará o grupo do Cáucaso-Norte do inimigo, com o objectivo de constituí-lo prisioneiro de guerra e anulá-lo. Nesta tarefa serão ajudados pelo flanco esquerdo da frente Sul de Eriomenko, que tem como missão tomar posição ao Norte de Rostov.

²¹⁹V.M. Mólotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 9, 1994.

²²⁰V.M. Mólotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 20, 1994.

²²¹G.K. Júkov, *Mémoires et réflexions*, pág. 323.

²²²A.M. Vassiliévski, *Une oeuvre pour toute une vie*, pág. 513.

«Em terceiro lugar. Ordenem a Petrov que comece a sua ofensiva no prazo previsto, sem a atrasar um segundo e sem esperar a chegada de todas as reservas. Petrov esteve sempre nas linhas defensivas e não tem muita experiência na ofensiva. Expliquem-lhe que ele deve contar cada dia e cada hora.

«Em quarto lugar. Sigam imediatamente para a zona do grupo do Mar Negro e assegurem a execução da presente directiva.»

«Toda a gente compreendia que isto significava bloquear a saída dos alemães do Cáucaso e impedir o seu reagrupamento, quando ainda na véspera as suas tropas avançavam insolentemente no Sul, na direcção de Elbrusse, da Geórgia e do Azerbaijão.²²³ Essa era a sua missão prioritária.»²²⁴

A propósito da lógica de ferro de Stáline, W. Churchill escreve: «Stáline era um homem de invulgar energia, erudição e com uma força de vontade inquebrantável, acutilante, rigoroso, implacável tanto nos actos como no discurso, de tal modo que até eu, treinado no parlamento inglês, nada lhe podia contrapor.»²²⁵

E o marechal Vassiliévski escreve que nunca tinha visto uma memória tão excepcional.²²⁶

Diferentemente dos teóricos Marx, Engels e Lénine, Stáline tinha o dom de conseguir explicar mesmo os problemas teóricos mais complexos numa linguagem simples e clara, acessível a toda a gente. É por isso que os trabalhadores o compreendiam quando lhes explicava a política do PCUS e do governo soviético.

O escritor Máximo Gorki dizia de Stáline: «É um homem de uma inteligência profunda e enorme coração.»²²⁷

Estas são as apreciações daqueles que o conheceram de perto e trabalharam com ele.

5. Decisão, firmeza, rigor e exigência sem compromissos

Estas qualidades de Stáline tinham sido desenvolvidas e temperadas nas lutas, prisões e deportações nos anos anteriores à Revolução de Outubro e no período de resistência e superação das dificuldades encontradas no caminho da edificação do socialismo e da Grande Guerra Patriótica.

L.M. Káganovitch escreve: «Em 1922, Preobrajenski tomou a palavra para dizer que Stáline estava em dois comités – o das questões nacionais e o da inspecção operária e camponesa. Lénine respondeu que Stáline era o único que conhecia a questão nacional e que para a inspecção era preciso uma mão firme.»²²⁸

O próprio Káganovitch confirma: «I.V. Stáline era de ferro, inteiro, sempre mobilizado interiormente.»²²⁹

O antigo ministro da Agricultura da URSS, I.A. Benedíktov, escreve: «A responsabilidade pelas falhas era concreta, individual e não diluída no colectivo como agora, quando desaparecem milhares de milhões e regiões inteiras são deixadas ao abandono sem que nunca se identifiquem os responsáveis! No nosso tempo, uma situação

²²³O fim do avanço dos alemães na direcção do petróleo russo do Mar Cáspio, três semanas antes da batalha de Stálinegrado, permitiu o êxito desta última que foi um passo decisivo para a vitória da guerra (nota do tradutor francês).

²²⁴A.M. Vassiliévski, *Une oeuvre pour toute une vie*, pág. 269.

²²⁵Citação traduzida do russo do artigo de Nina Andreieva, citado pelo autor, «Não posso renunciar aos meus princípios», publicado no jornal *Soviétskaia Rossia*, de 13 de Março de 1988, (nota do editor),

²²⁶A.M. Vassiliévski, *Une oeuvre pour toute une vie*, pág. 518.

²²⁷M. Gorki, in *Krásnaia Zvezda*, de 12 Março de 1988.

²²⁸L. Káganovitch, in *Tribuna*, N.º 4, 1994.

²²⁹Idem, N.º 8, 1994.

deste tipo era simplesmente inconcebível. Um Comissário do Povo que permitisse um gasto excessivo de dois ou três mil rublos punha em risco não o seu cargo, mas a vida! Admito que para alguns isto possa parecer cruel, no entanto, do ponto de vista dos interesses estatais e do povo, tal procedimento, em minha opinião, é plenamente justificado».²³⁰

Este rigor e esta exigência sem compromissos da parte de Stáline foram decisivos durante a Guerra Patriótica. O marechal Júkov sublinhou este aspecto: «Pela sua exigência inabalável, Stáline obtinha o impossível».²³¹

E o marechal Vassiliévski acrescenta: «Um componente do estilo de trabalho de I.V. Stáline como comandante em chefe, era a sua grande exigência. O seu tom era severo, o que era completamente justificado nas condições da guerra. Nunca perdoava a inexactidão no trabalho e a incapacidade de levar uma tarefa até ao fim, mesmo quando se tratava de um camarada irrepreensível que não tivesse recebido críticas anteriormente.»²³² Vassiliévski dá o seguinte exemplo: «Muito cedo, na manhã de 17 de Agosto (1943), estava nos postos avançados do comando do 46.º exército, quando recebi de Stáline o seguinte telegrama:

“Ao marechal Vassiliévski.

São 3,30 horas, de 17 de Agosto, e você não teve ainda a amabilidade de enviar ao Comando Supremo o relatório da operação de 16 de Agosto e a sua avaliação da situação. Há muito que lhe pedi que, na qualidade de representante do Comando Supremo, enviasse no final de cada dia os dados específicos da operação. Quase sempre se esqueceu da sua obrigação e não enviou os relatórios ao Comando Supremo.

“O 16 de Agosto foi o primeiro dia de uma operação de enorme importância na frente Sudoeste, na qual você é o representante do Comando Supremo. Apesar de disso, permitiu-se esquecer o seu dever junto do Comando Supremo e não enviou as informações esperadas. Previno-o pela última vez de que, se se permitir esquecer uma vez mais o seu dever junto do Comando Supremo, será afastado do posto de chefe do Estado-Maior e chamado da frente.”

«Este telegrama espantou-me. Durante todos os anos de serviço passados no exército, nunca houvera o mais pequeno reparo a meu respeito. Todo o meu erro, no caso presente, consistia no facto de que, em 16 de Agosto, encontrando-me nos exércitos de Glagolev como representante do Comando Supremo, tinha-me efectivamente atrasado algumas horas a enviar o relatório regular. Durante todo o meu trabalho com Iossif Stáline, sobretudo durante a Guerra Patriótica, senti sempre a sua grande atenção, diria mesmo uma preocupação excessiva comigo, que eu tinha a impressão de não merecer. O que se tinha passado? Depois do meu regresso ao posto de comando da frente, chamei imediatamente o meu primeiro substituto no Estado-Maior, A.I. Antonov. Vi que ele também estava também estava afectado pelo ocorrido e que tentava tranquilizar-me por todos os meios. Disse-me que o relatório que Stáline reclamara tinha chegado ao Comando Supremo, mas já depois da mensagem de Stáline. Antonov acrescentou, tranquilizando-me, que Stáline lhe tinha dado ordem de não informar ninguém dessa carta e conservá-la pessoalmente. Confidenciou-me também que o fraco avanço da ofensiva nas frentes de Voronej e do Sudoeste inquietava muito o Comandante Supremo. Não tendo recebido o meu relatório, Stáline tinha tentado contactar-me por telefone, sem o conseguir. E então tinha ditado a Antonov o texto de que falei.

«Acrescentarei somente que Stáline era sempre categórico a este ponto. Exigia igual disciplina a cada um dos representantes do Comando Supremo. Tínhamos o direito de nos deslocarmos ao nosso critério somente nos limites das frentes de que devíamos coordenar

²³⁰ I.A. Benedíktov, *Stáline e Khruchov*, em www.hist-socialismo.net tradução portuguesa do russo, pág. 6 (nota do editor).

²³¹ G.K. Júkov, *Mémoires et réflexions*, pág. 451.

²³² A.M. Vassiliévski, *Une oeuvre pour toute une vie*, pág. 515.

as acções. Para ir a uma outra frente era necessária uma autorização especial do Comandante Supremo. Considero que o facto de não haver afrouxamento na disciplina exigida aos representantes do Comando Supremo era justificado pelos interesses da direcção operacional das batalhas. O Comando Supremo seguia muito atentamente o desenvolvimento dos acontecimentos nas frentes, reagindo rapidamente a todas as mudanças ocorridas, e mantinha firmemente a direcção dos exércitos.»²³³

Há pessoas mal informadas, politicamente comprometidas ou então confundidas pela propaganda imperialista que poderão dizer: «isso não é exigência, é crueldade». O facto é que esse comportamento significava uma responsabilidade excepcionalmente grande perante a Pátria e o povo. Nas condições cruéis da luta decisiva pelo país, essa exigência era não somente indispensável, mas inevitável e útil para o desenvolvimento vitorioso da URSS e sobretudo para a vitória da Grande Guerra Patriótica.

Vamos continuar a citar o marechal Vassiliévski a este respeito: «Queria sublinhar mais uma vez que os exércitos soviéticos resistiram e retiveram a pressão do inimigo, que nos ultrapassava em poderio e em armamento, graças ao grande papel que desempenhou a infalível direcção do Comité Central do Partido e do Comité de Estado para a Defesa, com Stáline à cabeça.»²³⁴

«Na minha memória, recordo Stáline como um homem severo com uma grande vontade enquanto dirigente militar combinada com um grande encanto pessoal.»²³⁵

No que diz respeito ao encanto pessoal, o marechal K.K. Rokossóvski, recordando uma das inúmeras discussões que teve com Stáline durante a guerra, escreve: «Peguei no auscultador e anunciei-me. Em resposta ouvi a voz calma e monótona do Comandante Supremo. Expus-lhe as medidas previstas de contra-ataque. “*Pedimos-lhe que resista ainda algum tempo, vamos ajudá-lo*”. A sua voz quente e paternal transmitia confiança, força, apoiava-nos moralmente.»²³⁶

6. Um colossal talento de organizador

As qualidades de Stáline como organizador foram comprovadas sobretudo durante a guerra, quando assumiu o peso da responsabilidade histórica no Partido, no Estado e no Exército. Durante esses anos ele foi secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista, primeiro-ministro da URSS, ministro da Defesa da URSS, presidente do Comité de Estado da Defesa da URSS, comandante supremo das Forças Armadas da URSS.

A concentração de tão grandes responsabilidades (sem aumento de salário!) numa só pessoa, num grande país como a URSS, não tem precedentes na história da humanidade.

Há pessoas medíocres que, desprezando o peso da tarefa, a vêem como a expressão de um centralismo antidemocrático que apelidam de «totalitarismo». Mas a vida e a prática social provaram a necessidade de uma tal centralização nas condições históricas concretas da luta aguda de classes.

Nos anos da edificação do socialismo na URSS, a luta de classes era impiedosa. Para resistir e para que o socialismo vencesse, era necessária uma disciplina de ferro, uma constante vigilância revolucionária e uma grande centralização da direcção do país. Os milhões de pessoas da URSS compreendiam-no e evocavam com entusiasmo o nome de Stáline nas batalhas tanto na vida civil como na frente.

²³³Idem, pág. 334.

²³⁴Idem, pág. 151.

²³⁵Idem, pág. 513.

²³⁶K.K. Rokossóvski, *Devoir de soldat*, Sofia, 1970, pág. 79.

Esta confiança e esta estima pelo seu dirigente permitiram-lhes alcançar, em tão curtos prazos, enormes êxitos na construção do socialismo: a industrialização, a colectivização, a revolução cultural e a preparação do país para a guerra. O papel decisivo nestas realizações foi desempenhado, sem equívocos, pelos quadros dirigentes do Partido Comunista e do país sob a direcção de Stáline.

S.M. Kírov dizia em 1934, ano da sua morte trágica, que Stáline possuía uma «vontade poderosa e um talento colossal de organizador».²³⁷

As qualidades pessoais de Stáline, e em primeiro lugar, as suas capacidades de organizador revelaram-se um factor decisivo para os êxitos da URSS.

A autoridade de Stáline transmitia esperança e optimismo, dava coragem às massas, dispostas a sacrificarem-se pela execução dos planos do partido.

A centralização de todo o poder da União Soviética nas mãos de uma pessoa cuja autoridade inspirava confiança, esperança e optimismo, revelou-se ainda mais útil nos anos da guerra. O marechal Vassiliévski escreveu:

«Stáline não era um militar profissional. Justificou-se então que ele tivesse sido escolhido para estar à cabeça do Comando Supremo? Sim, sem nenhuma dúvida. Nesse período extremamente difícil, seguindo a experiência de Lénine na guerra civil, a melhor solução era a concentração das funções de direcção do Partido, do Estado, da economia e das operações militares nas mãos de uma só pessoa. Tínhamos que organizar o país como um campo militar, fazer da frente e da retaguarda um todo unido, dedicar todas as nossas forças à tarefa do aniquilamento dos invasores fascistas alemães. E quando Stáline, como secretário-geral do PCUS, presidente do Soviete dos Comissários do Povo, presidente do Comité de Estado para a Defesa, se tornou comandante em chefe e Comissário do Povo para a Defesa, as probabilidades da vitória na guerra aumentaram grandemente. Uma tal unificação das funções de direcção do Partido, do Estado e da direcção militar na pessoa de Stáline não significava que todas as questões fossem decididas pela sua única vontade nos anos da guerra.»²³⁸

«Posso fornecer documentos testemunhando o grande papel do Comandante Supremo na direcção das frentes, provando que ele estava à altura como organizador e como dirigente das acções dos nossos exércitos.»²³⁹

O marechal Júkov escreve:

«O Comandante Supremo – pela sua organização de todos os fornecimentos necessários às operações, a constituição de reservas estratégicas, a organização da produção do material de guerra e, em geral, pela criação de todo o contingente necessário à guerra – revelou-se, eu diria directamente, um *grande organizador*. Seria injusto não reconhecê-lo.»²⁴⁰

«Sem dúvida alguma, Stáline era um comandante em chefe de mérito.»²⁴¹

Tais são os factos e as realidades históricas.

Eles falam por si. Mostram a justeza da direcção do país por Stáline.

Em presença de tais factos e provas, é triste ver certos sábios, professores e académicos, escreverem ainda para «provar» que a URSS na época de Stáline tinha uma direcção «totalitária», chamando ao seu poder «totalitarismo stalinista», segundo as fórmulas elaboradas pelas agências e os serviços da CIA.

²³⁷S. M. Kírov, jornal *Krasnaia Zvezda*, de 12 Março de 1988.

²³⁸A.M. Vassiliévski, *Une oeuvre pour toute une vie*, pág. 512.

²³⁹Idem, pág. 456.

²⁴⁰G.K. Júkov, *Mémoires et réflexions*, pág. 324.

²⁴¹Idem, pág. 323.

Sobre isto notaremos que:

1) A noção de «totalitarismo» provém do latim tardio *totalis* que quer dizer: inteiro, pleno. Em política, significa a concentração de todo o poder, do pleno poder nas mãos de uma só pessoa ou de um organismo estatal.

2) A noção do «totalitarismo estalinista» é introduzida no vocabulário político contemporâneo pelos inimigos do socialismo, para opô-lo ao poder capitalista pretensamente democrático, que nem estaria centralizado, nem seria totalitário. O objectivo final é criminalizar o Poder dos Soviéticos, apresentando-o como um poder antidemocrático.

3) A concentração de um poder enorme nas mãos de uma só pessoa nas condições históricas da edificação de uma sociedade socialista, única no mundo, e de uma guerra terrível, foi *necessária* e *útil*, enquadrada numa política justa.

F. Engels escreve a este respeito: «Quando me falam de autoridade e de centralização, como de duas coisas condenáveis em todas as circunstâncias, parece-me que aqueles que assim falam são ou revolucionários unicamente de palavras ou então não sabem o que é a revolução (...) Precisamente, foram a centralização e a autoridade que faltaram na Comuna de Paris.»²⁴²

4) A concentração do poder nas mãos de uma só pessoa não obriga a que as decisões sejam tomadas individualmente. Foi antes o contrário que aconteceu durante todo o período da edificação do socialismo e durante os anos da guerra. Iossif Stáline, como dirigente, consultava e apoiava-se no colectivo de especialistas do Comité Central do Partido Comunista, em quadros qualificados e nos membros do Conselho de Ministros, assim como no Estado-Maior do Exército Soviético e na experiência dos comandantes das frentes.

5) A decisão de confiar um poder enorme nas mãos de Stáline revelou-se justa e clarividente. Fundamentou-se nas suas qualidades pessoais, provadas na edificação do socialismo e no alcance de enormes êxitos, sem que houvesse qualquer precedente histórico de uma tal sociedade sem classes, e confirmou-se com a vitória sobre a barbárie fascista, cujo poderio era inicialmente nitidamente superior.

É certo que a personalidade e as qualidades daquele que detém o poder são decisivas na forma como esse poder se concretiza. Mas mais importantes são os interesses que esse poder serve.

Na época de Stáline, esse poder serviu os interesses vitais das massas trabalhadoras, desempenhando um papel progressista, revolucionário, histórico.

Pelo contrário, se a concentração do poder estiver nas mãos de monarcas, de presidentes ou de organismos burgueses, servindo os interesses da classe exploradora, isso quer dizer que é antipopular, antidemocrático, reaccionário.

Por consequência, o fenómeno social decorrente da concentração do poder pode ser negativo ou positivo.

O poder descentralizado – «não-totalitário» – dos grandes países capitalistas é reaccionário, antipopular e antidemocrático porque serve os interesses de uma minoria exploradora, a classe capitalista.

É confrangedor que haja intelectuais e cientistas que adoptem a noção de «totalitarismo», cujo objectivo evidente é caluniar e denegrir o poder soviético, sobretudo da época de Stáline. Isto significa que eles continuam a engolir e mamar no biberão dessa invenção absurda - o «culto» da personalidade de Stáline.

É imperdoável que cientistas ponham o sinal de igualdade entre ditadura fascista e ditadura do proletariado. Não querem ver nem reconhecer a diferença fundamental entre a

²⁴²F. Engels, *Oeuvres*, Tomo 33, pág. 321.

ditadura fascista do grande capital financeiro burguês e a ditadura do proletariado, que reconhece e assegura a transição vitoriosa do capitalismo para o comunismo.

O dissidente soviético, A. Zinóviev, observou a este propósito: «O Ocidente impôs à humanidade uma visão errónea do fascismo e do comunismo como fenómenos semelhantes, como variantes de um qualquer “totalitarismo”. E milhões de pessoas engoliram essa mentira da ideologia ocidental!»²⁴³

7. Excepcional capacidade de trabalho

Uma característica de Stáline ao longo de toda a sua vida foi a sua grande capacidade de trabalho. B. Bajanov, antigo secretário de Stáline, disse: «Em cima da secretária de Stáline havia muitos livros e manuscritos. Stáline lia e escrevia muito para preparar as discussões e os discursos.»²⁴⁴

V.M. Mólotov também escreveu nas suas memórias: «Muitos decretos, por vezes centenas por semana, eram aprovados pelo Conselho de Ministros. A URSS é um país muito vasto. Todos os decretos eram reunidos por Poscribíchev por maços e eram apresentados a Stáline para assiná-los. Eram montes enormes, até se tornava difícil desatar os atilhos. No entanto, tudo saía com a assinatura de Stáline.»²⁴⁵

A sua actividade era constante, quer no Kremlin quer na casa de Kuntsevo.²⁴⁶ Não parava senão para dormir. A capacidade de trabalho de Stáline é testemunhada pelos colaboradores mais próximos, que trabalhavam com ele dia e noite. Por exemplo, S.M. Chtéménko escreve: «Stáline introduziu no Estado-Maior a jornada contínua de trabalho e definia pessoalmente o horário de trabalho da equipa dirigente. O Comandante Supremo ouvia os relatórios três vezes em cada 24 horas.»²⁴⁷

O marechal Júkov, que foi o primeiro substituto do Comandante Supremo durante a guerra, escreve: «Uma capacidade de trabalho surpreendente e o dom de apreender rapidamente o essencial das coisas davam-lhe a possibilidade de percorrer e absorver uma quantidade extraordinária de informações diferentes por dia, o que não era concebível se não para as capacidades de um homem excepcional.»²⁴⁸ E precisa: «Stáline trabalhava sem parar 15 a 16 horas por dia.»²⁴⁹

Mais adiante, acrescenta: «A actividade do comando supremo é inseparável do nome de Stáline (...) cada um trabalhava conforme as suas forças e as suas capacidades. Mas todos tentavam comparar-se a Stáline, enquanto que ele, apesar da sua idade²⁵⁰ se mantinha sempre activo e infatigável.»²⁵¹

«No decurso da operação da Pomerânia-Leste, penso que foi em 7 ou 8 de Março (1945), foi necessário que eu voasse rapidamente para o Estado-Maior, onde tinha sido chamado pelo Comandante Supremo. Do aeroporto dirigi-me rapidamente para casa de Stáline – ele tinha ido para lá porque não se sentia muito bem. Depois de me ter colocado algumas questões sobre a situação na Pomerânia e no Oder e ouvido as minhas respostas, o Comandante Supremo disse: “*Vamos passear um pouco porque hoje não me sinto*»

²⁴³A. Zinóviev, in jornal *Pravda*, de 17 Maio de 1995.

²⁴⁴B. Bajanov, in jornal *Arguments et faits*, N.º 51, 1990.

²⁴⁵V.M. Mólotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 30, 1994.

²⁴⁶A casa de Kuntsevo situava-se nos arredores de Moscovo (nota do tradutor francês).

²⁴⁷S. M. Chtéménko, *L'état-major pendant la guerre*, Tomo I, pág. 101.

²⁴⁸G.K. Júkov, *Mémoires et réflexions*, pág. 322.

²⁴⁹Idem, pág. 307.

²⁵⁰Stáline terminou a guerra com 65 anos de idade (nota do tradutor francês).

²⁵¹G.K. Júkov, *Mémoires et réflexions*, pág. 318.

completamente em forma.” Sentia-se uma grande fadiga na sua voz, no seu aspecto e nos seus movimentos. Durante os quatro anos da guerra, Stáline desgastou-se enormemente. Trabalhava muito e não dormia o suficiente. Tudo isso não podia deixar de ter consequências para a sua saúde.»²⁵²

8. Simplicidade e modéstia no trabalho, no seu modo de vida e nas relações com as pessoas

Durante toda a sua vida, Stáline deu um exemplo pessoal de simplicidade e de modéstia na sua vida e nas suas relações com as pessoas. Os exemplos disso são inúmeros. Vamos citar alguns dos exemplos mais típicos.

O conhecido jornalista, Leon Feihtwanger, escreveu: «Ele não permitia que festejassem publicamente a data do seu aniversário. Quando era saudado em lugares públicos fazia sempre questão de sublinhar que essas saudações eram dirigidas exclusivamente à sua política e não a ele pessoalmente.»²⁵³

Quando o Partido organizou uma comemoração pelos seus 60 anos e pelos seus 70 anos, considerou isso como um reconhecimento do Partido e do povo pelos sucessos obtidos sob a sua direcção.

Podemos verificar a sua atitude em relação aos discursos e às palavras que o elogiavam demasiado na resposta à carta de Razine, de 22 de Fevereiro de 1946: «São estridentes ao ouvido os ditirambos em honra de Stáline – é simplesmente incómodo de ler.»²⁵⁴

Sobre o mesmo assunto o marechal Vassiliévski escreve: «Stáline não falava nunca dos seus méritos, tanto quanto pude observar. Pelo menos, eu nunca tive oportunidade de lhe ouvir semelhante coisa. A medalha de Herói da União Soviética e a distinção de Generalíssimo foram-lhe entregues pelos comandantes das frentes, com o acordo escrito do Bureau Político do Comité Central do Partido Comunista. E ele tinha menos medalhas do que os comandantes das frentes e dos exércitos.»²⁵⁵

Mólotov afirma nas suas memórias: «Questionou-se a condecoração dada a Stáline de “Herói da União Soviética” e, depois da guerra, o título de Generalíssimo. Na verdade ele nunca quis tais condecorações. “A condecoração *Herói* não pode ser dada se não por actos de heroísmo pessoal. Eu não cometi um tal heroísmo”, disse, e não aceitou a estrela. (...) Mais tarde Stáline lamentou ter aceitado o título de “Generalíssimo”. Foi por proposta de Káganovitch, Béria e outros, mas os comandantes das frentes insistiam também. Stáline lamentou-se: “*Como pude aceitar?*” Na primeira vez recusou, depois aceitou e ficou arrependido.»²⁵⁶

O comportamento categórico de Stáline sobre esta questão é igualmente descrito por Chtémenco: «Os membros do Bureau Político estavam no gabinete de Stáline. O chefe da retaguarda, A.V. Khruliov, lia o seu informe. No final do relatório pediu autorização para mostrar aos presentes o novo uniforme. Stáline estava de bom humor e disse: “*Bem, que o Estado-Maior o veja também*”. Foi dado o sinal na sala de recepção. O intendente em chefe, P.I. Dratchev entrou.

²⁵²Idem, págs. 686-687.

²⁵³Citação traduzida do russo pelo editor de L. Feihtwanger, *Moskva 1937, Khudojestveniaia Literatura*, Moscovo 1937, pág. 38. Este livro, publicado no mesmo ano em Amesterdão e em Moscovo, foi escrito após uma viagem do escritor alemão à URSS (nota do editor).

²⁵⁴Traduzido do russo pelo editor de «Resposta ao camarada Razine», in *I.V. Stáline, Obras*, Tomo 16, *Izdatelstvo Pissatel*, Moscovo, 1997, pág. 23. Neste texto, Stáline responde a alguns aspectos das teses de E.A. Razine sobre questões militares, não deixando de lhe censurar os elogios despropositados que o historiador faz ao líder (nota do editor).

²⁵⁵A.M. Vassiliévski, *Une oeuvre pour toute une vie*, págs. 521-522.

²⁵⁶V.M. Mólotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 9, 1994.

Stáline deitou-lhe uma vista de olhos e franziu as sobrancelhas. Aparentemente, tinha adivinhado para quem se destinava aquele uniforme.

- *Quem tenciona você de vestir assim?* – Perguntou a Khruliov, abanando ligeiramente a cabeça para o intendente em chefe.

- *Este é o uniforme proposto ao Generalíssimo* – respondeu Khruliov.

- *Por quem?* – Perguntou Stáline.

- *Por você, camarada Stáline.*

O Comandante Supremo pediu ao intendente em chefe que saísse e, sem se incomodar com os restantes presentes, falou com exasperação. Contestava a demasiada elevação da sua pessoa, disse que isso não era inteligente, e que não esperava tal coisa do comandante da retaguarda.

E assim terminou essa ideia do uniforme de generalíssimo. Até ao fim da sua vida, Stáline usou o uniforme de Marechal, como todos os outros marechais.»²⁵⁷

Stáline não suportava as tentativas de adulação e as demonstrações de fidelidade pessoal. Isso é patente na carta a Chatunovski do mês de Agosto de 1930: «Você fala da sua “devoção” para comigo. Pode ser uma frase colhida ao acaso. Pode ser... Mas se não é uma frase ocasional, aconselhar-lhe-ia a deitar fora o “princípio” da devoção a pessoas. Essa não é uma maneira bolchevique. Tenha devoção à classe operária, ao seu Partido, ao seu Estado. Isso é necessário e positivo. Mas não a misture com a devoção a pessoas, com essa bagatela intelectual, vazia e inútil.»²⁵⁸

V.M. Mólotov disse sobre o relacionamento pessoal do líder: «Stáline respeitava as pessoas com as quais trabalhava. Eu dizia-lhe abertamente o que pensava, o positivo assim como o negativo. Ele era sempre crítico. Respeitava os membros do Bureau Político, os cientistas, os escritores. Mas a Kírov e Jdánov ele amava, simplesmente.»²⁵⁹

O seu comportamento atento, sem cerimónias, respeitoso, é-nos descrito por Chtéménko: «Iossif Stáline seguia atentamente os acontecimentos dos nossos avanços nos países bálticos. Antonov²⁶⁰ ia cada vez mais frequentemente à casa de Stáline perto de Moscovo. Uma vez, chegámos à hora do jantar (Stáline jantava pelas 21-22 horas e mesmo por vezes mais tarde). O Comandante Supremo convidou-nos para a sala de jantar. Não era a primeira vez que isso acontecia e guardei na memória alguns detalhes curiosos. Os jantares em casa de Stáline, mesmo os maiores, não tinham empregados a servir. Estes traziam somente para a sala tudo o que era preciso e retiravam-se silenciosamente. Sobre a mesa eram postos os talheres, o pão, o conhaque, a vodka, os vinhos secos, os condimentos, certas ervas medicinais, cogumelos e frutas. Habitualmente, não havia enchidos nem qualquer outro *hors-d'oeuvre*. Ele não suportava as conservas. As entradas eram postas sobre uma outra mesa ao lado, com uma pilha de pratos limpos. Stáline passava e ia levantando as tampas e falando em voz alta: “*Ah, caldo... e aqui sopa de peixe. Vamos deitar um pouco de sopa de couves*”, e servia-se. Depois levava o seu prato para a mesa. Cada um dos convidados fazia o mesmo, sem cerimónias, independentemente da sua graduação.

Depois chegava o segundo serviço e de novo cada um dos convidados servia-se do que queria. Bebíamos, é claro, um ou dois copos. Quando nos convidou para comer pela primeira vez, a mim e a Antonov, recusámos beber. Stáline percebeu e com um pequeno sorriso disse: “*O pessoal do Estado-Maior pode beber um copo.*”

²⁵⁷ S.M. Chtéménko, *L'état-major pendant la guerre*, Tomo II, pág. 423.

²⁵⁸ Traduzido do russo pelo editor de «Carta ao camarada Chatunovski», in *I.V. Stáline, Obras*, Tomo 13, *Gossudarstvenoe Izdatelstvo Politicheskoi Literaturi*, Moscovo, 1951, pág. 19 (nota do editor).

²⁵⁹ V.M. Mólotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 11, 1994.

²⁶⁰ Chefe do Estado-Maior do Exército Soviético (nota do autor).

Em vez de sobremesa traziam chá. Servíamo-nos de um grande samovar, colocado da mesma maneira na mesa ao lado.

Mais tarde, quando eu já era chefe do Estado-Maior, tive ocasião de almoçar com Stáline, não só em Moscovo, mas também no Sul, onde ele descansava, e onde éramos chamados para fazer os nossos relatórios. Lá também o ritual das refeições mantinha-se sem cerimónias.»²⁶¹

O mesmo general relata com interesse uma anedota da vida quotidiana de Stáline: «Em finais de Agosto de 1944 estava um tempo particularmente bonito. Stáline, que estava cansado, como todos nós, da incrível tensão da nossa vida quotidiana de guerra, preferia trabalhar em sua casa. Apresentávamos aí os relatórios sobre a situação e os documentos a assinar. Por vezes também se reuniam ali os membros do governo.

Nos poucos momentos de repouso, o nosso anfitrião era muito amável e gostava de levar-nos a visitar o jardim. Uma vez, apontando para um pequeno montículo sem árvores, disse que depois da guerra iria ali criar melancias. Entreolhámo-nos, eu e Antonov, como que a dizer que o clima de Moscovo não era como o do Sul... Mas pouco depois da guerra, lembrámo-nos das melancias. Depois da parada da aviação em Tuchino, que tinha sido adiada várias vezes por causa do mau tempo, Stáline convidou os membros do Bureau Político e da direcção do Ministério da Defesa.

As mesas estavam postas na álea das bétulas da sua casa perto de Moscovo. O tempo estava soberbo, a nossa disposição também. Depois do almoço Stáline levou-nos à pequena colina, onde efectivamente cresciam algumas dezenas de melancias. Stáline escolheu uma grande melancia, levou-a para a mesa e com um gesto hábil, com uma faca, cortou-a em duas. A melancia era muito vermelha e doce. Não pudemos deixar de nos espantar como no clima moscovita podiam criar-se melancias.»²⁶²

O escritor francês Henri Barbusse foi talvez quem mais sintética e fielmente traçou a imagem de Stáline: «Stáline era um homem com uma cabeça de sábio, uma cara de operário e o fato de um soldado normal. Stáline é o Lénine de hoje.»²⁶³

Máximo Gorki escreveu: «É uma grande alegria para um homem viver e lutar num país, onde a grande sabedoria do Partido e a vontade de ferro do seu dirigente, Iossif Stáline, libertaram para sempre o homem dos costumes e superstições renegadas do passado.»²⁶⁴

A mesma ideia é expressa numa das canções mais populares da União Soviética:

Canção pela Pátria

*Meu querido e grande país,
Com tuas amplas florestas, campos e rios,
Não conheço nenhum país como este
Onde o homem respire tão livremente.*²⁶⁵

A autoridade de Stáline foi construída em inúmeras batalhas de classe e transformou-se numa fonte de grande energia social, nos anos dos primeiros planos quinquenais, e em grande patriotismo socialista durante a guerra. O nome de Stáline significava para as pessoas comuns esperança, optimismo e vitória. Ele amava o povo soviético. Isso ressalta

²⁶¹S. M. Chtémenko, *L'état-major pendant la guerre*, Tomo I, pág. 226.

²⁶²Idem, Tomo II, pág. 334.

²⁶³Henri Barbusse, in *Krásnaia Zvezda*, de 12 Março 1988. (Esta citação é retirada do livro de H. Barbusse, *Stáline, Un monde nouveau vu à travers um homme*, de 1935, - nota do editor)

²⁶⁴M. Gorki, *Recueil d'articles à l'occasion du 70e anniversaire de I.V. Staline*, Sofia, 1949, pág.6.

²⁶⁵Traduzido do original russo (nota da tradução portuguesa).

de uma forma vibrante na sua mensagem ao povo soviético e aos soldados soviéticos, de 3 de Julho de 1941. Dessa mensagem emana um calor e uma preocupação paternal logo no seu início: «Camaradas! Cidadãos! Irmãos e irmãs! Combatentes do nosso exército e da nossa marinha! A vós me dirijo, amigos meus!».

No prefácio do seu livro, *Regresso da URSS*, o célebre escritor francês André Gide, escreve: «A autoridade de Stáline aumentou organicamente com os sucessos da construção económica. O povo está reconhecido a Stáline pelo pão, a carne, a ordem, a educação e a criação do exército, que asseguram o seu bem-estar. O povo tem que ter alguém a quem expressar o seu reconhecimento pela melhoria incontestável das suas condições de vida, e por isso, escolheu não só noções abstractas, não só o comunismo abstracto, mas um homem concreto, Stáline.»²⁶⁶

E o dissidente soviético, A. Zinóviev, escreve: «Até à sua morte, a minha mãe guardava no Evangelho o retrato de Stáline. Porquê? Porque graças aos *kolkhozes*, os seus filhos puderam deixar a aldeia e integraram-se na vida cidadina contemporânea. Um dos seus filhos tornou-se professor, o outro director de fábrica, o terceiro oficial e os três outros engenheiros. Vários milhões de outras famílias russas viveram a mesma evolução.»²⁶⁷

Stáline não utilizou a sua autoridade e a sua popularidade para enriquecer: não tinha contas em bancos estrangeiros, nem mesmo poupanças, nenhuma riqueza. Diz-se que o único objecto que lhe pertencia era o seu cachimbo. O escritor americano Theodore Dreiser, que visitou a União Soviética na época dos planos quinquenais de Stáline (os anos 30 – nota do tradutor francês), escreveu que duas coisas o tinham impressionado sobremaneira: «o entusiasmo nunca visto do povo soviético e o salário de Stáline – 225 rublos, enquanto que o de um mineiro era de 250 rublos.»²⁶⁸

Foi essa grande autoridade que Khruchov negou no seu relatório, inaugurando a campanha caluniosa contra Stáline, que continua hoje a criar a perturbação no espírito das pessoas. No seu discurso no enterro de Marx, Friedrich Engels afirmou: «Marx foi o homem mais detestado e mais caluniado do seu tempo pelos inimigos da revolução. Mas o seu nome e a sua obra sobreviverão através dos séculos.»²⁶⁹ Passados 120 anos da sua morte, o nome e a obra de Marx continuam a brilhar como uma estrela. A comunidade científica designou-o como «o pensador do milénio».

Mólotov recorda o que Stáline disse sobre si próprio durante a guerra: «Sei que quando morrer atirarão montes de lixo sobre a minha campa, mas depois o vento da história varrê-los-á.»²⁷⁰ Cinquenta anos depois da sua morte, a campanha caluniosa contra o nome e a obra de Stáline atinge o seu máximo. Esta campanha repete antigas calúnias e acrescenta-lhe novas. Escritores e cientistas escrevem «memórias», dão entrevistas, são «criados» filmes. Tudo com um único objectivo: denegrir a personalidade de Stáline ligada a todos os sucessos do socialismo.

Porquê este ódio permanente? Qual é o objectivo desta contínua campanha caluniosa contra Stáline? Podemos responder a esta questão da seguinte maneira: Marx e Engels foram caluniados porque criaram a ciência da revolução, da libertação da classe operária e da construção do socialismo e do comunismo. Lénine organizou e realizou, pela primeira vez na história, a revolução socialista e encetou a construção do socialismo sobre um sexto do planeta. Foi por isso também caluniado pelos inimigos da revolução. Stáline, como continuador da obra de Marx, Engels e Lénine, fiel à sua teoria, realizou a sociedade socialista e esta sociedade provou a sua vitalidade, fornecendo um exemplo atractivo para

²⁶⁶ André Gide, in *Nedélia*, N.º 17, 1990.

²⁶⁷ A. Zinóviev, in *Moskóvskie Nóvosti* N.º 33, 1989.

²⁶⁸ Théodore Dreiser, in *Za Rubejom*, N.º 34, 1987.

²⁶⁹ F. Engels, in *Missal*, N.º 11, 1993.

²⁷⁰ V.M. Mólotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 30, 1993.

todos os povos explorados da terra. E é por isso que a campanha caluniosa contra ele continua e continuará sempre.

Mas virá o dia em que as massas retomarão a bandeira do socialismo e voltarão os seus olhares para o exemplo da realização da nova sociedade da época de Stáline. Mólotov escreveu: «Sem dúvida que o nome de Stáline será de novo erguido e retomará o seu lugar glorioso na história.»²⁷¹

Esta opinião é partilhada pelo dissidente soviético A. Zinoviev: «Eu fui um anti-stalinista convicto desde os meus 17 anos. (...) Quando Stáline era vivo via as coisas de outra forma. Mas agora, revendo de uma forma abrangente o século XX, digo: Stáline foi a maior personalidade desse século, o maior génio político. Ter uma visão científica sobre alguém é muito diferente da nossa posição política contra essa pessoa.»²⁷²

O padre russo Dmitri Dudko, que foi condenado duas vezes para o campo penitenciário, a primeira delas na época de Stáline, escreveu em 1955 o seguinte: «Sim, Stáline foi-nos enviado por Deus. Criou um tal Estado que, seja o que for que se faça hoje para destruí-lo, nunca chegaremos a consegui-lo. Mesmo destruído, fará sempre medo aos países capitalistas tão elogiados. Não vimos na época de Stáline uma tal degradação moral, uma tal criminalidade como hoje.²⁷³ (...) É por isso que eu, como cristão ortodoxo, faço a minha mais profunda reverência perante Stáline.²⁷⁴ (...) É tempo de que Stáline seja reabilitado.»²⁷⁵

Três anos depois do XX Congresso do PCUS, por ocasião do 80.º aniversário do nascimento de Stáline, em 21 de Dezembro de 1959, Winston Churchill, num discurso perante a Câmara dos Comuns em Inglaterra, declarou: «Foi uma sorte para a Rússia que, nos anos das grandes dificuldades, à cabeça do país se tivesse encontrado o genial e inabalável comandante, Stáline. (...) Ele era uma personalidade eminente que se tornou imponente nos nossos tempos cruéis desse período, no qual decorreu a sua vida. (...) Stáline possuía sobretudo um sentido do humor e do sarcasmo e a capacidade de apreender exactamente os nossos pensamentos. Esta força era tão grande em Stáline que ele parecia sem igual entre os dirigentes de todos os tempos e de todos os povos. (...) Stáline impressionava-nos muito. Stáline possuía uma sabedoria profunda, livre de quaisquer pánicos, lógica e sensata. Era um mestre insuperável a encontrar nos momentos difíceis uma saída para a situação mais desesperada. Tanto nos momentos mais críticos, como nos momentos de vitória, Stáline tinha sempre a mesma contenção e não nunca caía em ilusões. Era uma pessoa extraordinária. Criou e submeteu um enorme império. A história não esquece tais pessoas.»²⁷⁶

Que estranho absurdo! Winston Churchill, o inimigo n.º 1 da União Soviética, reconhece e enaltece a autoridade de Stáline, enquanto o membro do Comité Central do PCUS, Khruchov, o calunia e renega a sua personalidade.

Alguns dos lacaios fiéis de Khruchov tentam comparar, e mesmo colocar os méritos e a actividade em geral de Khruchov, mais alto do que a de Stáline, ou seja, tentam medir o incomensurável. Poderemos comparar o pequeno pardal de rua a uma poderosa águia de montanha com uma visão à distância? A esta questão os povos soviéticos responderam o mais objectivamente, criando poesias e canções à glória de Stáline. Há poesias sobre Khruchov? Apenas existem pequenas histórias porque os povos soviéticos não viam na

²⁷¹V.M. Mólotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 10, 1994.

²⁷²A. Zinóviev, in *Tribuna*, N.º 39, 1993

²⁷³M. Lobanov, *Staline dans la mémoire de ses contemporains et dans les documents de l'époque*, pág. 733.

²⁷⁴Idem, pág. 734.

²⁷⁵Idem, pág. 732.

²⁷⁶W. Churchill, in *Tribuna*, N.º 12, 1994.

peessoa de Khruchov a autoridade de um dirigente de mérito. Isto apesar de ele se ter auto-designado «Herói da URSS» e, por três vezes, «Herói do Trabalho Socialista».

Ao contrário, a Iossif Stáline foram dedicadas inúmeras poesias enquanto dirigente do Partido e do país, de que é exemplo o extracto que se segue do poeta cazaque, Djambul Djambaev, apelidado de «o rouxinol da felicidade popular²⁷⁷»:

Meu Stáline, canto esta canção para ti

*Contigo encontro as manhãs claras,
Contigo sento-me a beber um chá,
Contigo canto as minhas canções preferidas,
Contigo deixo o meu coração voar,
Contigo acarinho os meus netos felizes.
Meu querido mestre educador do povo feliz,
Tu és o coração e a voz dos poemas das estepes,
És a alegria do povo, a aurora da vida,
És a força e a glória, e o meu canto vibrante.*

²⁷⁷ Em Novembro de 1942, 16 soldados do Cazaquistão enviaram uma carta a Djambul Djambaev, dirigindo-se a ele como «Nosso ardente rouxinol da felicidade popular» (nota do autor).

Capítulo IX

As causas da destruição da URSS

Perante a tragédia do fim do século XX, a derrota e a desagregação da URSS, os comunistas têm a obrigação de fazer um esforço conjunto para responder à grande questão das razões desta tragédia.

Três grandes razões se perfilam:

A primeira – a aplicação da linha revisionista do PCUS.

A segunda – a ofensiva geral das forças imperialistas contra a União Soviética.

A terceira – as condições históricas específicas da realização da Revolução de Outubro e da sociedade socialista.

I. Primeira causa principal – a linha revisionista do PCUS

A aplicação da linha revisionista do PCUS iniciou-se iniciada com o relatório «Sobre o culto da personalidade e as suas consequências», lido por Nikita Khruchov na «sessão secreta» do XX Congresso do PCUS, em 25 de Fevereiro de 1956.

I.1. Conteúdo da revisão do marxismo-leninismo por Khruchov

1.1. Em que consiste o revisionismo de Khruchov, a sua revisão do marxismo-leninismo?

a) Em primeiro lugar, na recusa do carácter da luta de classes na fase transitória

do capitalismo para o socialismo e o comunismo e na sua substituição pela teoria da extinção da luta de classes na URSS na sequência dos sucessos da edificação do socialismo.

Khruchov defende a sua tese por meio de raciocínios subjectivos e metafísicos através de uma lógica formalista. Afirma que como as classes exploradoras foram derrotadas e privadas do poder e da sua base económica e assim eliminadas desde há muito, a luta de classes esmorece até acabar por extinguir-se. Khruchov não admite que os sucessos da edificação do socialismo na URSS provoquem o ódio de classe nos restos das classes exploradoras e reacendam as suas tentativas de luta contra o poder soviético, sob todas as formas.

b) A subestimação por Khruchov do carácter internacional da luta de classes, incessantemente activada e agudizada desde a Revolução Francesa até aos nossos dias, passando pela Comuna de Paris. Isto quer dizer que Khruchov subestimou a natureza agressiva do capitalismo e o papel do cerco capitalista da URSS. Não compreendeu que o próprio facto do sucesso do socialismo na URSS, ameaçando o futuro do sistema capitalista pelo seu exemplo junto dos povos oprimidos, conduz inexoravelmente à agudização da luta de classes no mundo inteiro e particularmente na URSS, guiada pelas forças imperialistas. Khruchov subestimou o papel da quinta coluna, assim como a amplitude, as formas e o dinamismo da luta de classes.

c) O desejo de Khruchov de não admitir os factos demonstrativos da existência, activação e agudização da luta de classes na URSS, tanto durante a edificação do socialismo nos anos de 1930 como depois da segunda guerra mundial, leva-o a denunciar a tese da agudização da luta de classes de Stáline e a acusá-lo de ser responsável pelas repressões.

Na sua ânsia de denegrir Stáline como dirigente do PCUS e da URSS, rejeita a teoria do marxismo-leninismo da luta de classes na fase da edificação do socialismo.

A realidade mostrou a incorrecção da posição de Khruchov, a nocividade da sua fórmula da extinção da luta de classes.

1.2. Khruchov faz assim a revisão da teoria marxista-leninista sobre o papel da personalidade na história. Confunde a noção de «culto» com a de «autoridade». Não se conhece o autor do título do relatório de Khruchov, mas já demonstrámos o quanto ele é absurdo.

1.3. Depois do XX Congresso, Khruchov fez também a revisão da tese marxista-leninista da ditadura do proletariado, substituindo-a pela tese do «Estado de todo o povo». Esta nova fórmula é explicada pela «nova situação da classe operária na URSS, que já não é o proletariado típico, deixando por isso de ter necessidade da sua ditadura, uma vez que, num “Estado de todo o povo”, já não existe o inimigo contra o qual é preciso aplicar a repressão.»

Podemos retorquir que, em qualquer situação, se há Estado há repressão, seja pela ditadura da burguesia, seja pela ditadura do proletariado. Mesmo que o proletariado tenha perdido o seu aspecto clássico na URSS, tal não impedia que o Estado permanecesse uma ditadura da classe operária. Quanto à repressão, ela é inevitável face à resistência da classe burguesa que perdeu o poder.

As funções principais da ditadura do proletariado são: o crescimento máximo das forças produtivas e, correlativamente, o aumento do bem-estar dos trabalhadores. Paralelamente, a sua educação no sentido do colectivismo e do patriotismo socialista. (Esta educação não é uma violência, como o proclamam os inimigos do socialismo.)

A teoria de Khruchov de um «Estado de todo o povo», à qual está ligada a teoria de um «Partido de todo o povo», significava desarmar o Partido, enfraquecer a vigilância dos trabalhadores e facilitar o trabalho da quinta coluna.

Marx escreveu sobre esta questão: «Entre a sociedade capitalista e a comunista fica o período da transformação revolucionária de uma na outra. Ao qual corresponde também um período político de transição cujo Estado não pode ser se não a *ditadura revolucionária do proletariado*.»²⁷⁸

Assim, Marx designa a ditadura do proletariado como o tipo de poder que assegura a passagem ao comunismo, que actua até à edificação da sociedade comunista e não fica a meio caminho da fase socialista como Khruchov proclamou.

Os inimigos do marxismo-leninismo especulam muito sobre a ditadura do proletariado, alegando que se trata de uma violência, noção utilizada desde sempre pela burguesia para de assustar as massas populares. Em 1891, Engels escreveu:

«O filisteu social-democrata caiu recentemente, outra vez, em salutar terror, à palavra: ditadura do proletariado. Ora bem, senhores, quereis saber que rosto tem esta ditadura? Olhai para a Comuna de Paris. Era a ditadura do proletariado.»²⁷⁹

Com isto Engels queria recordar que a Comuna de Paris:

- introduziu os princípios democráticos da elegibilidade, da responsabilidade e da substituição dos quadros do governo;
- definiu um salário médio para os quadros (600 francos);
- realizou um poder ao serviço dos interesses do povo, introduziu a remuneração obrigatória mínima, medidas de protecção do trabalho e empreendeu a luta contra o desemprego, a melhoria das condições de habitação e o fornecimento de géneros de primeira necessidade, realizou reformas para a educação gratuita, votou um decreto para a

²⁷⁸K. Marx, *Crítica ao Programa de Gotha*, Marx e Engels, *Obras Escolhidas em Três Tomos*, Tomo III, Edições «Avante!», Lisboa, 1985, pág. 25 (nota do editor).

²⁷⁹«Introdução de Friedrich Engels à edição de 1891» de *A Guerra Civil em França*, de Karl Marx, in *Obras Escolhidas em Três Tomos*, Tomo II, Edições «Avante!», Lisboa, 1983, pág. 206 (nota do editor).

criação de cooperativas de produção nas empresas, instaurou um controlo operário e a eleição dos dirigentes em certas empresas nacionais.

Será isto uma violência?

E, no entanto, tal não impediu a burguesia de afogar a Comuna de Paris em sangue. Não será esta a horrível violência, a forma mais comum da ditadura burguesa?

É preciso sublinhar antes de tudo que, durante a ditadura do proletariado, a violência, a sua amplitude e as suas formas são definidas e dependem da resistência da classe burguesa que perdeu o poder.

É preciso sublinhar, sobretudo, a profunda diferença de natureza entre a ditadura do proletariado e a ditadura da burguesia. Esta última é utilizada para a defesa dos interesses da classe burguesa exploradora, quer dizer, de menos de 10 por cento da população. Enquanto a ditadura do proletariado é obrigada a exercer a violência para defender os profundos interesses das grandes massas da população, quer dizer, de mais de 90 por cento da população.

E enfim, é preciso sublinhar que a propaganda do imperialismo contemporâneo, e dos seus colaboradores veneradores do liberalismo burguês, tenta por todos os meios persuadir a opinião pública de que a violência é característica da ditadura do proletariado, o que não acontece na forma de ditadura utilizada nas chamadas “democracias” ocidentais. O que é evidentemente falso.

Tomemos alguns exemplos do país «mais democrático do mundo», os Estados Unidos:

- A exploração do homem pelo homem não será uma violência incessante e degradante para a sua população?

- A privação de milhões de cidadãos dos Estados Unidos do direito ao trabalho – necessidade vital para cada um – não será uma violência?

- A criminalidade constante, não será uma violência contra a população dos Estados Unidos?

- A prostituição, não será uma violência contra a mulher nos Estados Unidos?

- A degradação cultural e moral, tão bem descrita na série televisiva americana «Dallas», que toca sobretudo os jovens e intelectuais nos Estados Unidos, não será uma violência, grassando mesmo nas famílias muito ricas?

- E a exploração do mundo inteiro pelos imperialistas americanos, a «globalização», não será uma violência generalizada?

- A existência da organização militar, a NATO, que impõe por toda a parte a sua lei para defender os «interesses americanos no mundo», não é ela uma violência mundial?

- E os países que sofreram os bombardeamentos americanos com produtos tóxicos e radioactivos: Vietname, Líbano, Granada, Panamá, Jugoslávia, Iraque – não serão sinónimos da violência imperialista?

O político americano W. Fullbright escreveu: «Criámos uma sociedade cuja principal ocupação é a violência. A maior ameaça para o nosso país não é uma qualquer força exterior, mas o nosso próprio militarismo. Temos a amarga impressão de que nós, os americanos, estamos habituados à guerra. Já há muitos anos que, ou bem estamos em guerra ou então prestes a desencadear uma, não importa em que região do mundo. A guerra e o militarismo tornaram-se uma parte inseparável do nosso quotidiano, e a violência o produto principal da nossa economia.»²⁸⁰

«Mesmo a historiografia oficial americana é obrigada a reconhecer que, somente no século XIX, as forças armadas dos Estados Unidos participaram em cerca de 120 guerras de pilhagem, efectuaram mais de 8 600 expedições militares e operações armadas.»²⁸¹

²⁸⁰T.K. Bélachtchenko. *USA: 200 ans – 200 guerres*, Moscovo, 1976, pág. 4.

²⁸¹Idem, pág. 4.

Mas os «defensores modernos» da democracia e dos direitos do homem não se ocupam destes factos, justificados como «cuidados com a defesa da paz e da democracia» e , é claro, com a defesa dos eternos «interesses estratégicos» dos Estados Unidos. Os imperialistas americanos outorgaram-se o direito de julgar em que país há democracia e onde é que ela falta; onde é que os direitos do homem são respeitados e onde é que não são, a fim de exportar e impor o seu modo de vida, a sua concepção da democracia e dos direitos do homem. Que cinismo incrível, que desprezo e ofensa para os povos do mundo inteiro!

E qual é a democracia americana hoje? O pai da democracia, o 16.º presidente dos Estados Unidos, A. Lincoln (1809-1865), definiu a democracia como um poder saído do povo, realizado pelo povo e para o povo.

Mas os governos dos Estados Unidos desde há muito que rejeitaram esta fórmula. Agora, a escolha do presidente dos Estados Unidos efectua-se com a participação de menos de 50 por cento da população com direito de voto. E os eleitores manipulados escolhem entre os dois maiores e mais ricos partidos políticos – o Partido Democrata e o Partido Republicano. O Presidente é eleito por menos de 25 da população recenseada. Tal é a realidade «democrática» nos Estados Unidos. O poder é executado pelo Presidente do país e a sua equipa, as duas câmaras do Congresso e os governadores dos diferentes Estados, eleitos pelo mesmo processo. Será que um tal poder é um poder do povo?! Os concorrentes ao poder nos Estados Unidos são os representantes de classe da burguesia imperialista. Nenhum outro partido político tem a possibilidade de participar na batalha pelo poder porque é preciso dispor de dezenas de milhões de dólares que não estão ao seu alcance. Tal é a democracia americana.

Os dois maiores e mais ricos partidos nos Estados Unidos representam os interesses do grande capital financeiro. E não tem nenhuma importância a qual dos dois partidos pertence o Presidente eleito. Democrata ou republicano, o seu objectivo é utilizar o poder para conservar e reforçar o sistema de exploração capitalista nos Estados Unidos e no mundo.

Há mais de 100 anos, Engels escreveu a propósito da situação política nos Estados Unidos: «Lá, cada um dos dois grandes partidos que se sucedem no poder são dirigidos por pessoas que reconduzem a política para o negócio, especulam com os lugares de deputados nas reuniões legislativas, tanto ao nível federal como em cada um dos Estados, ou então vivem da propaganda pelo seu partido, remunerados através dos postos que obtêm depois da vitória do seu partido. Existem lá dois grandes bandos de especuladores políticos que sucessivamente tomam o poder e o exploram pelos meios mais corruptos e para fins corruptos, enquanto a nação é impotente contra estes dois cartéis de políticos que na aparência estão ao seu serviço, mas na realidade a desapossam.»²⁸²

É por isso que nos países mais ricos do mundo se observam os mais graves e incuráveis fenómenos sociais, como o desemprego em massa, a criminalidade, a pobreza material e cultural, etc. O que é confessado no livro, *Fora de controlo*, do falcão ideológico do imperialismo, Zbigniew Brzezinski, que não pode ser suspeito de fazer propaganda comunista:

- miséria galopante e 37,5 milhões de americanos numa situação catastrófica;
- 22 por cento das crianças vivendo na pobreza;
- serviço de saúde insuficiente;
- ensino superficial e 23 milhões de jovens americanos iletrados;
- sentimento crescente de vazio cultural;

²⁸²K. Marx, F. Engels, *Oeuvres choisies*, tomo III, Sofia, 1977, pág. 270.

- sistema político sem saída, revelando cada vez mais o seu fundo corrupto, negligenciando a maioria da população, enquanto a elite política goza de enormes possibilidades para eternizar a sua posição.»²⁸³

Isto não é se não um pormenor no quadro da gangrena social nos Estados Unidos. Tal é actualmente a natureza da sociedade capitalista desenvolvida. Tal é o fundo da democracia tão elogiada nos nossos dias. Tal é o fundo da ditadura burguesa do poder estatal dos Estados Unidos hoje em dia. A sua particularidade é baseada no bipartidarismo realizando a sucessão dos dois partidos políticos burgueses, que representam e defendem os interesses do grande capital financeiro especulativo nos Estados Unidos.

E a maior particularidade desta ditadura burguesa consiste no facto de que ela se realiza não somente dentro dos limites dos Estados Unidos, mas em todo o mundo – uma forma nova de neocolonialismo – tomando pretexto na «defesa dos valores e dos princípios da democracia ocidental e da economia de mercado». É claro, sem que este direito tenha sido concedido aos Estados Unidos por quem quer que seja. O presidente dos Estados Unidos, eleito para um segundo mandato por um quarto da população americana com direito de voto, Bill Clinton, foi apresentado pelos imperialistas como um exemplo da verdadeira democracia ocidental. Enquanto que a eleição do presidente da Bielorrússia na mesma época, Aleksandre Lukachenko, por mais de três quartos de cidadãos deste país, foi desacreditada como antidemocrática e não a reconheceram.

Tal é o fundo cínico do comportamento dos imperialistas americanos para com os processos sociais na nossa realidade contemporânea.

1.4 Khruchov anunciou solenemente no XXII Congresso do PCUS, em 1961, que a geração dos anos 80 iria viver no comunismo. Que aventureirismo populista!

Desta maneira ele fez a revisão da teoria marxista-leninista da edificação do comunismo, como fase suprema do sistema social.

Marx escreve: «Na fase superior da sociedade comunista, depois de ter desaparecido a servil subordinação dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, também a oposição entre trabalho espiritual e corporal; depois de o trabalho se ter tornado, não só meio de vida, mas, ele próprio, a primeira necessidade vital; depois de, com o desenvolvimento omnilateral dos indivíduos, as suas forças produtivas terem também crescido e todas as fontes manantes da riqueza co-operativa jorrarem abundância – só então o horizonte estreito do direito burguês poderá ser totalmente ultrapassado e a sociedade poderá inscrever na sua bandeira: De cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades.»²⁸⁴

Os inimigos do marxismo-leninismo e do socialismo especulam muito com a proclamação do comunismo por Khruchov e lançam a versão da «derrota do comunismo», tornado um axioma.

Mas afirmar que o comunismo se desmoronou na URSS é, não somente falso, mas desprovido de qualquer lógica porque o comunismo como sistema social não foi ainda realizado. O que se desmoronou foi a teoria revisionista aventureira de Khruchov.

Khruchov fez a revisão do marxismo-leninismo com uma incrível hipocrisia e violência. Hipocrisia porque, até à morte de Stáline, em todos os congressos e plenários do PCUS ele tinha apoiado a linha geral do PCUS, aclamando com entusiasmo os relatórios e os discursos de Stáline. Violência porque, revendo as posições fundamentais da teoria

²⁸³Z. Brzejinsky, *Hors contrôle*, Sofia, 1994, págs. 110, 111 e 136.

²⁸⁴K. Marx, *Crítica ao Programa de Gotha, Obras Escolhidas em três tomos, Tomo III, Edições «Avante!», Lisboa, 1985, pág. 17 (nota do editor).*

marxista-leninista, colocando-se em oposição a Marx, Engels e Lénine, lançou as bases do apodrecimento das relações sociais na URSS, que levaram inevitavelmente à sua destruição.

I.2. As causas da metamorfose ideológica de Khruchov

Como explicar esta hipocrisia e esta violência de Khruchov? Pensamos que podemos explicá-las pela metamorfose ideológica de Khruchov, cujas causas se encontram em vários factos históricos.

2.1. A primeira razão encontra-se na situação específica – complexa e contraditória, surgida no PCUS e na URSS depois da morte de Stáline, em 5 de Março de 1953.

Depois da sua morte, a questão dos «reprimidos» foi levantada bruscamente, com o pedido da sua reabilitação e da sua libertação. Os familiares e amigos dos condenados dirigiram-se pessoalmente a Khruchov que, desde 15 de Março de 1953, era segundo secretário do Comité Central e, em Setembro de 1953, se tornou primeiro secretário.

Desta forma, segundo o seu relatório, foram libertadas 7 679 pessoas. Khruchov obteve assim o apoio e o reconhecimento dos «reprimidos», incluindo alguns entre eles que tinham sido antigos quadros do Partido. Na sociedade, e entre certos meios intelectuais, criou-se um ambiente emocional em relação aos «reprimidos». Na opinião pública surgiu a tendência para pedir e procurar responsabilidades pela repressão.

«Desde que se tornou primeiro secretário do Comité Central do PCUS, Khruchov libertou dos campos penitenciários o seu amigo do Comité de Moscovo do Partido, C.Z. Koritni, assim como A. Kossarev, os membros da família de C. Kossior e outros.»²⁸⁵

Em consequência do processo de reabilitação e de libertação dos «reprimidos», conduzido pessoalmente por Khruchov como primeiro secretário do Comité Central do PCUS, criou-se uma situação perigosa que punha em causa a sua própria sobrevivência política, proveniente da exigência de procurar e responsabilizar os culpados pelas «repressões».

Khruchov tinha ele próprio participado nelas como membro do Comité Central do Partido Comunista Bolchevique. Assim, encontrou-se perante um dilema. Ou denunciava como erróneas as decisões do Partido para a luta com a contra-revolução, acusando dessa forma todo o Comité Central e portanto a si próprio – o que era arriscado para ele, ou atirava a responsabilidade sobre certos membros do Bureau Político do Comité Central do Partido Bolchevique, e acima de tudo sobre Stáline, o que era menos arriscado e mais aceitável.

Tanto mais que Khruchov dispunha de uma «justificação teórica»: Stáline tinha «inventado» a teoria da agudização da luta de classes na URSS, na qual se baseavam as decisões de perseguição dos inimigos internos do país. Como Stáline já não estava entre os vivos, não poderia defender a justeza das posições adoptadas pelo Comité Central. Desta maneira, Stáline seria declarado o «culpado» principal das «repressões», enquanto ele, Khruchov, lavaria daí as mãos, transformando-se em acusador.

Mas para levar esta empresa a bom termo, Khruchov tinha de eliminar um sério obstáculo: L.P. Béria, que estava à cabeça do KGB e do NKVD, possuía muitas informações e dados sobre o comportamento de Khruchov nos anos 1930 e, é claro, sobre a sua participação activa nas represálias na Ucrânia. Foi por isso que, muito rapidamente a seguir à morte de Stáline, Khruchov decidiu liquidar Béria e toda a direcção do KGB e do NKVD.

Nas suas memórias, Khruchov descreve detalhadamente a realização do seu plano de liquidação de Béria:

²⁸⁵Roi Medvédev, in revista *Studentcheski Méridian*, N.º 3, 1983, pág. 34.

«Quando da morte de Stáline, nós, os membros da direcção do Comité Central, fomos à sua *datcha* em Kuntsevo. Stáline estava deitado no divã. Estivemos ali, sem falar, cada um de nós imerso nos seus pensamentos. Béria e Malenkov foram os primeiros a partir. Seguiram-se Mólotov e Káganovitch. Nesse momento Mikóian disse-me: Béria partiu para Moscovo para tomar o poder. Respondi-lhe que enquanto Béria fosse vivo, ninguém estaria tranquilo. E então no meu espírito formou-se a ideia que era preciso, antes de tudo, eliminar Béria.

«Pouco tempo depois, comecei a persuadir separadamente cada um dos membros do *Presidium* desta necessidade. Trabalhei Malenkov, Vorochílov, Káganovitch. Disse a Malenkov: enquanto Béria se passear em liberdade e tiver nas suas mãos os órgãos da segurança, todos nós temos as mãos atadas.»²⁸⁶

Vê-se por estas palavras de Khruchov que a liquidação de Béria nada teve a ver com a acusação oficial de «agente do imperialismo», mas sim com o «perigo» que ele representava para Khruchov enquanto responsável do KGB.

Káganovitch escreve: «Não nos apresentou documentos provando que Béria estava ligado aos países imperialistas, que era um espião, etc. Perguntei a Mólotov se dispunha de documentos contra Béria. Ele disse-me que não tinha.»²⁸⁷

A pressa de Khruchov devia-se ao seu medo de que Béria possuísse documentos autênticos sobre a sua participação nas represálias e outras informações, que pudesse utilizar, enquanto membro do *Presidium* do Comité Central, para desacreditá-lo politicamente.

Em Julho de 1953, quatro meses depois da morte de Stáline, Béria foi preso, segundo um cenário bem montado. Ajudado pelo chefe da guarnição de Moscovo, o general Moskalenko, Béria foi detido numa reunião do *Presidium* do Comité Central do PCUS. Acusado de ser «agente do imperialismo» foi liquidado muito rapidamente, sem que se tornasse claro que país ocidental servia. Nenhuma prova foi publicada. O tribunal reuniu à porta fechada. Béria tinha sido membro do Comité para a Defesa (*GKO*²⁸⁸) na URSS durante toda a duração da guerra e nessa qualidade teve acesso directo a informações e decisões vitais para o País. Ora, não se conhece qualquer acção militar do exército soviético que tenha falhado em resultado da sua alegada actividade como «agente estrangeiro».

«Na Conferência de Potsdam, em Julho de 1945, quando Truman tentou fazer chantagem sobre Stáline aludindo ao êxito do ensaio da bomba atómica nos Estados Unidos, Stáline reagiu tranquilamente porque tinha recebido de Béria mais informações sobre este ensaio do que o próprio Truman sabia.»²⁸⁹

A história não disse ainda a última palavra sobre Béria.

Assim, foi nesta situação complexa e perigosa que Khruchov decidiu livrar-se de Béria e acusar Stáline de ter «inventado» a teoria da agudização da luta de classes na União Soviética para fundamentar as «repressões» contra os inimigos de classe.

Esta situação ambígua levou-o a defender a sua fórmula antimarxista, antileninista e anti-stalinista do enfraquecimento e extinção da luta de classes como resultado dos êxitos da edificação do socialismo.

2.2. A segunda razão da metamorfose ideológica de Khruchov pode ser explicada pela pressão crescente dos «reprimidos» libertados e reabilitados, que se amplificou depois da liquidação de Béria e logo a seguir ao XX Congresso do PCUS com a libertação massiva dos condenados.

²⁸⁶N.S. Khruchov, in *Literatúrnaia Gazéta*, de 24 de Fevereiro de 1988.

²⁸⁷L. Káganovitch, in *Tribuna*, N.º 3, 1994.

²⁸⁸KGO, sigla em russo de *Gossudartvenoi Komitet Oboroni* (nota do editor)

²⁸⁹Emissão da televisão de Moscovo, de 8 Janeiro de 1995, às 14 horas.

Podemos interrogar-nos como é que uma só pessoa, mesmo tratando-se do secretário-geral do CC do PCUS, teve poderes para fazer a revisão das posições fundamentais do marxismo-leninismo perante todos os delegados do Congresso.

É evidente tal não seria possível se estivesse sozinha. Durante os três anos depois da morte de Stáline, Khruchov rodeou-se de colaboradores saídos das fileiras dos «reprimidos», de diferentes arrivistas e de outros personagens oportunistas. Khruchov devia-lhes a sua sobrevivência política e era sensível às suas pressões. Essa gente que o rodeava apoiava-o e elogiava-o como um inovador, como liberal – o que ajudou a estabilizar a sua posição na URSS. Na verdade, Khruchov tornou-se numa marionete desta sua comitiva.

2.3. Uma influência não negligenciável, directa ou indirecta, na revisão das posições fundamentais do marxismo-leninismo, foi exercida pela quinta coluna do inimigo. Nas condições do chamado «degelo» da época de Khruchov, esta acção encontrou um terreno propício. Esperemos que um dia a história venha a conhecer os nomes destes colaboradores, onde e como, por que métodos e meios, eles actuaram a favor do imperialismo.

2.4. Uma outra razão que permitiu a metamorfose ideológica da Khruchov foi a sua fraca formação teórica, e portanto a sua instabilidade ideológica. Contrariamente aos outros membros do *Presidium* do Comité Central, Khruchov nunca mostrou interesse pela teoria marxista-leninista. Mólotov escreveu: «Khruchov muitas vezes não se orientava bem nos problemas teóricos e nos problemas políticos de fundo. (...) Ele fazia de conta que aderira aos princípios de Lénine e de Stáline, mas de facto era um *direitinha*».²⁹⁰ «Khruchov nunca desenvolveu questões teóricas».²⁹¹

2.5. Uma outra explicação consiste na diferença entre os membros do Bureau Político da geração de Lénine, como Mólotov, Ordjonikídze, Kírov, que se formaram na luta, e Khruchov que não participou nas lutas revolucionárias.

Por exemplo, Mólotov aderiu ao Partido bolchevique com 16 anos, Ordjonikídze com 17 anos, Kírov com 18 anos. Participaram nas três revoluções russas²⁹². Conheceram as prisões tsaristas e os exílios na Sibéria.

«Lénine e Stáline sofreram as repressões tsaristas. Lénine foi preso quatro vezes, três vezes exilado na Sibéria e obrigado a emigrar durante 15 anos, durante os quais se viu forçado a manter-se longe do seu país. Stáline foi preso sete vezes pela sua actividade revolucionária, seis vezes exilado na Sibéria, donde se evadiu cinco vezes para voltar à luta.»²⁹³

Khruchov, que é menos de cinco anos mais novo do que Mólotov, aderiu ao Partido com 24 anos, em 1918, depois da Revolução de Outubro. Nessa época, muita gente aderiu, entre eles grande número de arrivistas ou de inimigos do socialismo.

A falta de têmpera revolucionária explica a sua instabilidade ideológica, invisível enquanto Stáline era vivo, mas que o tornava permeável à influência daqueles que o rodeavam e dos agentes da quinta coluna. Os inimigos do socialismo apregoavam alto e intensamente a linha revisionista de Khruchov como uma «modernização e desenvolvimento criativo do marxismo-leninismo». Contribuíam assim para que o revisionismo se impusesse no PCUS.

²⁹⁰V.M. Molotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 15, 1994.

²⁹¹Idem, N.º 21, 1994.

²⁹²A revolução de 1905, a de Fevereiro de 1917 e a de Outubro de 1917 (nota do tradutor francês).

²⁹³B.T. Baglíkov, *La grande collaboration de Lénine et Staline*, Moscovo, 1953, pág. 16.

Esta é a nossa explicação das razões que contribuíram para a metamorfose ideológica de Khruchov, que introduziu a linha revisionista no PCUS, lançando as bases do processo de desagregação na URSS. É claro que pode haver outras versões.

Por exemplo, no *Duma*²⁹⁴ apareceu a seguinte informação: «Khruchov descende de uma família aristocrática, ligada à dinastia dos Romanov.»²⁹⁵ A afirmação é do historiador japonês, Takashi Hirocê, no seu livro *O Ouro dos Romanov*. O autor baseia-se em dados recolhidos nos arquivos dos emigrados russos, que investigou no Ocidente.

Ainda no *Duma*, de 17 de Outubro 1994, podemos ler a seguinte informação: «Khruchov é o primeiro dirigente soviético recebido na corte de Inglaterra em 1956, e Isabel II é a única pessoa de alto nível que enviou um telegrama de felicitações pelo 75.º aniversário de Khruchov, já deposto do poder.»²⁹⁶

Insinua-se assim que Khruchov terá sido um agente do Ocidente. Mas esta versão não apresenta provas escritas, nem documentos assinados por Khruchov que o comprometam com serviços de informação de um país ocidental.

De resto, o mais importante não é saber para quem ele trabalhou, o que conta são as consequências da linha revisionista iniciada no pelo XX Congresso do PCUS.

De igual modo, não existem documentos denunciando Gorbachov como agente do imperialismo. Mas a sua traição é evidente.

I.3. Os factores que asseguraram o sucesso da linha revisionista

Khruchov conseguiu impor a linha revisionista no PCUS no XX Congresso, de seguida estabilizou-a e pô-la em prática. Na nossa opinião, os factores, acontecimentos e circunstâncias que asseguraram o sucesso de Khruchov são os seguintes:

3.1. Recorrendo a intrigas e através de um golpe de Estado habilmente preparado, Khruchov conseguiu prender Béria numa reunião do Presídium do Comité Central do PCUS no Krémlio. Em simultâneo os seus colaboradores e adjuntos no KGB e no NKVD foram substituídos por pessoas que lhe eram fiéis. Esta prisão foi seguida pela destruição dos arquivos em Moscovo e na Ucrânia relacionados com as actividades de Khruchov.

Benediktov afirmou: «Pessoas competentes disseram-me que Khruchov deu ordem para ser destruída uma série de documentos importantes relacionados com as repressões dos anos 30 e 40. Certamente que, em primeiro lugar, desejou esconder a sua participação nas ilegalidades em Moscovo e na Ucrânia, onde, para ficar nas boas graças do Centro, assassinou muitas pessoas inocentes. Ao mesmo tempo foram destruídos documentos de outro tipo que demonstravam irrefutavelmente a fundamentação das acções repressivas adoptadas no final dos anos 30 contra algumas destacadas figuras do Partido e do Exército. A táctica é óbvia: encobrir-se a si próprio e lançar todas as culpas pelas ilegalidades para cima de Stáline e dos “stalinistas”, os quais eram vistos por Khruchov como a principal ameaça ao seu poder.»²⁹⁷

3.2. Através do golpe muito arriscado, mas que teve êxito no XX Congresso do PCUS em 1956, Khruchov anulou temporariamente a resistência dos veteranos do PCUS – Mólotov, Vorochílov, Káganovitch e outros. Um ano mais tarde, em Junho de 1957, conseguiu afastá-

²⁹⁴Jornal socialista búlgaro dos anos 90, que sucedeu ao órgão do Partido Comunista Búlgaro (nota do tradutor francês).

²⁹⁵T. Hirocê, in jornal *Douma*, de 3 Abril de 1993.

²⁹⁶*Duma*, de 17 Outubro de 1994.

²⁹⁷I.A.Benediktov, *Stáline e Khruchov*, tradução portuguesa do russo em www.hist-socialismo.net, pág. 11 (nota do editor).

los definitivamente do Comité Central e excluí-los do Partido, como muitos outros membros do PCUS fiéis ao marxismo-leninismo.

Dias antes do Plenário de Junho de 1957, o *Presidium* do Comité Central tomou a decisão de afastar Khruchov do Comité Central e do posto de primeiro secretário. Porém, na sequência da intervenção de Júkov, avisando que o exército não admitiria tal decisão, Khruchov manteve a sua posição. O papel de Júkov foi decisivo. Alguns meses mais tarde, o marechal seria demitido do cargo de ministro da Defesa.

3.3. Liberto da resistência dos veteranos e da forte personalidade de Júkov, Khruchov concentrou o poder nas suas mãos e utilizou-o ao máximo enquanto primeiro secretário do Comité Central do PCUS e presidente do Conselho de Ministros, aplicando a sua linha revisionista sem entraves. Nomeou para o aparelho de Estado e do Partido pessoas que lhe eram fiéis, concedeu-lhes privilégios, instaurando assim uma nomenclatura burocrática, segundo o modelo burguês.

O filho de Khruchov, Serguei, escreveu que Khruchov e Mikoian mantinham nos anos 1930 uma relação estreita com um certo Snegov, julgado e condenado em 1938 como um inimigo do povo a 25 anos de prisão. Em 1956, Khruchov agraciou-o e apresentou-o como testemunho do «terror» sob Stáline. Este Snegov tentou «provar» que não se tratava de erros de Stáline, mas que a sua política era viciosa e criminoso e que essa política fora instaurada em 1917.

Um tal inimigo da Revolução de Outubro foi nomeado por Khruchov como comissário do Ministério do Interior, onde dirigia, entre outros, a reabilitação das «vítimas do stalinismo»!²⁹⁸

O genro de Khruchov, Ajubey, foi nomeado chefe de redacção do *Izvestia*, dispendo de uma grande influência sobre todos os *media*.

Assim, o Partido, o Exército, o KGB, o NKVD e os *media* tornaram-se pilares da linha revisionista de Khruchov.

3.4. A consolidação da linha de Khruchov realizou-se mediante uma grande campanha de massas para a explicação das decisões do XX Congresso e dos plenários que se lhe seguiram.

Tratou-se de uma campanha caluniosa, conduzida sem tréguas durante anos na rádio, televisão, imprensa, reuniões, etc. A intelectualidade mostrou grande zelo nesta campanha cujo objectivo era apresentar Stáline como um tirano e um ditador e fazer dessa calúnia um axioma.

Esta campanha era conduzida em nome do Partido, em nome da reabilitação dos princípios e normas leninistas da vida do Partido, como um desenvolvimento criativo do marxismo-leninismo. Muitos comunistas acreditaram que o Partido estava a dizer a verdade sobre a obra de Stáline e sobre os acontecimentos ligados àquele período. Tanto mais que o relatório apresentado à sessão secreta do XX Congresso não tinha sido publicado e nenhuma discussão, nenhuma defesa da obra e do nome de Stáline tinham sido admitidos. Pelo contrário, cada tentativa nesse sentido era perseguida e punida.

Assim, depois da primeira surpresa e do primeiro choque, a seguir ao XX Congresso desenvolveu-se um processo lento e penoso para confundir a consciência dos cidadãos da URSS e dos membros do PCUS, que contribuiu para levar à prática a linha revisionista.

3.5. Apresentado como um desenvolvimento criativo do marxismo-leninismo, o revisionismo impôs-se devido à situação especial criada no Partido após o XX Congresso, caracterizada pelos seguintes aspectos:

²⁹⁸Ludo Martens, *L'édification du socialisme sous Staline*, in *Tribuna*, N.ºs 38-39, 1993.

- A linha ideológica oficial do PCUS continuava a ser designada por marxismo-leninismo, proclamando-se mesmo o seu novo desenvolvimento «criativo»;
- O sistema social continuava a ser o socialismo, com a promessa oficial de Khruchov ao XXII Congresso do Partido de que a geração seguinte viveria no comunismo;
- A propriedade dos meios de produção mantinha-se socialista nas fábricas, nos *kolkhozes* e *sovkhozes* e o comércio mantinha o seu carácter socialista;
- Mantinham-se as vantagens e as conquistas sociais dos trabalhadores;
- As festas socialistas – o 1.º de Maio, o 7 de Novembro, o Dia do Exército Soviético – foram conservadas e o entusiasmo dos trabalhadores, dos camponeses e dos intelectuais no trabalho conservou-se durante um certo tempo;
- O carácter anti-imperialista da política externa da URSS foi também mantido.

Toda esta situação particular criava a ilusão de que a supressão do «culto» da personalidade de Stáline visava restaurar os princípios leninistas da vida do Partido e do Estado e que, portanto, o «culto» constituía o grande obstáculo à edificação do socialismo.

Tudo isto concorria para confundir a consciência dos trabalhadores na URSS, contribuindo assim para o estabelecimento da linha revisionista.

Mas debaixo da aparência, desenvolvia-se inevitavelmente o processo de degradação do funcionamento do socialismo.

Esta situação contraditória enganou e confundiu não somente os comunistas da URSS, e dos países socialistas, mas também muitos partidos comunistas no mundo. O Partido Comunista Chinês apercebeu-se desta viragem desde os primeiros meses depois do XX Congresso do PCUS e tentou persuadir de maneira amigável, tolerante e paciente a direcção do PCUS a travar a linha revisionista e a abandoná-la.

Em lugar de exprimir o seu reconhecimento por esta inquietação e pela ajuda proposta, a direcção do PCUS, com Khruchov à cabeça, desencadeou uma campanha caluniosa contra o Partido Comunista Chinês. Foi somente em 1963 que o Partido Comunista Chinês se decidiu a publicar a sua histórica carta aberta de 14 de Junho de 1963, por uma nova linha geral do movimento comunista internacional. Baseada numa análise marxista-leninista da situação mundial e no PCUS, esta carta clarificava a posição de princípios do PCC sobre o revisionismo de Khruchov e propunha uma solução para fazer sair os partidos comunistas do atoleiro do revisionismo. Mas esta proposta foi também rejeitada, motivando o relançamento mais massivo da campanha contra o PCC.

Só um ano depois da publicação da carta do PCC é que Khruchov foi deposto do cargo de secretário-geral do PCUS. Mas sob a direcção de Leonid Bréjnev que lhe sucedeu, a linha revisionista continuou, pois os inimigos jurados do Partido tinham penetrado no aparelho de Estado e do Partido.

Na Bulgária, no Plenário de Abril de 1956, nenhum dos participantes mostrou ter compreendido o XX Congresso, que acabara de ser realizado, para prevenir o Partido do perigo da linha revisionista de Khruchov. Pelo contrário, o Comité Central do PCB admitiu sem crítica as suas decisões e estabeleceu a mesma linha revisionista no PCB, sob a direcção de Todor Jívkov.

Há pessoas que acreditam que Khruchov nunca pensou nem quis destruir o socialismo na URSS e ainda menos teria querido a destruição da URSS.

Talvez ele não o tivesse querido. Mas reviu conscientemente as posições fundamentais do marxismo-leninismo e portanto criou as condições objectivas para o aparecimento dos processos de degradação na URSS, que se desenvolveram sob Bréjnev e que, logicamente, se transformaram em processo de desagregação da URSS sob Gorbatchov e Iéltine. Os desejos e intenções subjectivos de Khruchov não têm valor histórico. O que conta são os resultados objectivos históricos da sua acção.

3.6. O facto de durante a Grande Guerra Patriótica terem sido mortos mais de três milhões dos melhores comunistas, quadros bem formados, fiéis ao marxismo-leninismo e à direcção leninista-stalinista, pessoas qualificadas, que ocupavam postos importantes no Partido e nos órgãos de Estado, teve consequências que não podem ser ignoradas no estabelecimento da linha revisionista.

3.7. O facto de os quadros dirigentes dos partidos comunistas dos países socialistas terem sido substituídos sob a influência e com a ajuda de Khruchov por pessoas solidárias com a sua linha revisionista constitui um factor de fuga para a frente.

3.8. Na campanha caluniosa contra Stáline, Khruchov foi activamente apoiado pelo imperialismo mundial, que tinha a consciência de que a difamação de Stáline se transformaria inevitavelmente na difamação de Lénine, do marxismo-leninismo e do socialismo porque o nome de Stáline lhes está indissociavelmente ligado.

3.9. O facto de, após a morte de Stáline, não haver no Comité Central do PCUS uma personalidade forte, bem preparada politicamente e ideologicamente, cuja autoridade se tivesse podido impor para substituir o líder falecido, facilitou o sucesso de Khruchov. Este utilizou habilmente o facto de Malenkov não se ter evidenciado como uma tal personalidade.

3.10. Khruchov utilizou em seu favor métodos contrários aos princípios do Partido: a hipocrisia, a violência, a ameaça e o ultimato, a mentira e as punições, o golpe de Estado e os tanques. Servindo-se do arrivismo das pessoas e utilizando as intrigas, conseguiu atingir os seus fins.

I. 4. As consequências da aplicação da linha revisionista

As consequências da linha revisionista são, o menos que se pode dizer, muito tristes. Provocaram o processo de decomposição da URSS que levou à sua destruição.

4.1. Como acima referimos, Khruchov conduziu a libertação e reabilitação em massa de condenados ainda antes do XX Congresso. É necessário sublinhar que este processo se realizou localmente, por listas, após uma breve entrevista com o interessado e sem ter em conta a gravidade dos factos da acusação. Deste modo foram libertadas pessoas condenadas por actividades anti-soviéticas e até criminosos. Estas pessoas constituíram uma força social particular na URSS, que teve uma forte influência sobre a sociedade e sobre Khruchov. Uma grande parte destas pessoas, sobretudo alguns quadros que tinham trabalhado no Partido anteriormente, entrou no aparelho de Estado e do Partido. Outros, jornalistas e publicistas, introduziram-se nos meios de informação – nas redacções dos jornais, revistas, rádios e televisão, vindo a desempenhar um grande papel no processo de decomposição da URSS. No fim de contas, foi graças a eles que Gorbachov e Iélt sine chegaram ao cume do poder. Assim, Khruchov, que tinha anunciado o enfraquecimento da luta de classes, contribuiu pessoalmente para a sua agudização.

4.2. Depois do XX Congresso do PCUS surgiu o chamado «degelo» khruchoviano, propagandeado na URSS como qualquer coisa de progressista e mesmo revolucionária, resultado do «desenvolvimento criativo da democracia». Em paralelo com a campanha contra Stáline, esta propaganda insinuava que, sob Stáline, nunca tinha havido tal liberdade de expressão, de pensamento, de crítica autocrítica como no «degelo».

Que dona de casa deixaria em liberdade as traças que lhe roem as roupas? Por que deixaria o jardineiro que as ervas daninhas abafem as flores, em nome da coexistência pacífica? Já o grande escritor russo Máximo Gorki dizia que «inimigo que não se rende é abatido».

É preciso saber de que liberdade se trata: liberdade da minoria de agir contra os interesses dos trabalhadores ou liberdade dos trabalhadores para defenderem os seus direitos?

Evidentemente que não se tratava da liberdade de crítica dos inevitáveis erros e das insuficiências da edificação socialista que o poder soviético tinha interesse em eliminar. Essa liberdade existiu e foi estimulada na época da edificação socialista.

Stáline disse a este respeito: «A autocrítica é-nos tão indispensável como o ar, como a água. Penso que sem ela, sem a autocrítica, o nosso Partido não poderia avançar em frente, não poderia desvendar as nossas chagas e eliminar as nossas insuficiências. E insuficiências temo-las muitas. Isto é preciso reconhecê-lo aberta e honestamente. (...) Devemos ser nós próprios a desvendar e corrigir os nossos erros se queremos avançar em frente, será que não é claro que mais ninguém os desvendará e corrigirá?»²⁹⁹

Em 28 de Janeiro de 1929, na sua conversa com Campbell sobre o socialismo, Stáline disse: «Sabemos que não estamos livres de erros. Mas não temos medo da crítica, não receamos olhar de frente as dificuldades e reconhecer os nossos erros. Aceitamos e saudamos a crítica justa.»³⁰⁰

Quanto a si próprio, Stáline afirmou: «Não me considero irrepreensível. Penso que o Partido só pode ganhar se o erro de um camarada for reconhecido por ele mesmo e imediatamente corrigido.»³⁰¹

As cartas fortemente críticas do escritor Mikhail Chólokhov na Primavera de 1933 são um exemplo de crítica respeitante à transgressão da legalidade socialista na região de Véchenski, de que falámos mais acima.

Eis ainda um outro exemplo. Em 1934, o escritor inglês, H.G. Wells, em visita à União Soviética, foi recebido por Stáline, a quem disse na sua qualidade de presidente da organização internacional de escritores, do *Pen Club*: «Esta organização insiste no direito de livre expressão de todas as opiniões, incluindo oposicionistas. Conto falar com Máximo Gorki sobre este tema. No entanto, não sei se uma tão ampla liberdade é aqui assegurada.» Stáline respondeu-lhe: «No nosso país, entre os bolcheviques, chamamos a isso “autocrítica”. Ela é largamente aplicada na URSS.»³⁰²

A liberdade de expressão que foi invocada na época do «degelo» khruchoviano era a do liberalismo burguês, ou seja, a liberdade da crítica tendenciosa praticada nos países capitalistas ocidentais para obter objectivos políticos de circunstância. Esse liberalismo burguês nunca permitiu a supressão da exploração, do desemprego, da pobreza, da criminalidade e da pobreza cultural das massas populares trabalhadoras. O «degelo» khruchoviano proporcionou um «clima quente», uma conjuntura favorável às forças imperialistas, permitindo-lhes reforçar e actualizar a sua propaganda anti-socialista caluniosa.

²⁹⁹ Traduzido do russo pelo editor de «Sobre os trabalhos do Plenário Conjunto do CC e da CCC: Discurso na reunião de militantes da Organização de Moscovo, 13 de Abril, de 1928», in I.V. Stáline, Obras, Tomo 11, *Gossudarstvenoi Izdatelstvo Politicheskoi Literaturi*, Moscovo, 1949, pág. 28, (nota do editor).

³⁰⁰ Traduzido do russo pelo editor de «Registo da conversa com o senhor Campbell, 28 de Janeiro de 1929», in I.V. Stáline, Obras, Tomo 13, *Gossudarstvenoi Izdatelstvo Politicheskoi Literaturi*, Moscovo, 1951, pág. 149 (nota do editor).

³⁰¹ I.V. Stáline, *Oeuvres choisies*, t. 8, pág. 348.

³⁰² Traduzido do russo pelo editor de «Conversa com o escritor inglês, H.G. Wells, 23 de Julho de 1934», in I.V. Stáline, Obras, Tomo 14, *Izdatelstvo «Pissatel»*, Moscovo, 1997, pág. 39 (nota do editor).

E, como era de esperar, essa campanha caluniosa virou-se também contra Lénine, contra o marxismo e contra o socialismo, num processo de degradação que durou decénios e ainda continua. Utilizando os modernos meios mediáticos – a rádio, a imprensa, a televisão – estas calúnias são cuidadosamente encenadas, trabalhadas emocionalmente, e transformam-se em axiomas: o socialismo, o PCUS, a União Soviética, Lénine, Stáline, foram assimilados à violência e à ditadura.

Em 1913, Lénine, ansiando por elevar a consciência do trabalhador comum, de que a revolução proletária tinha necessidade, escreveu: «Os homens sempre foram em política vítimas ingénuas do engano dos outros e do próprio e continuarão a sê-lo enquanto não aprenderem a descobrir por detrás de todas as frases, declarações e promessas morais, religiosas, políticas e sociais, os *interesses* de uma ou outra classe.»³⁰³

O que quer dizer que as pessoas precisam de atingir a maturidade revolucionária de classe para não se encontrarem na situação de vítimas embrutecidas.

Em Outubro de 1917, o proletariado russo demonstrou a sua maturidade revolucionária. Provou-o durante os anos da guerra civil, na edificação do socialismo e sobretudo durante a Grande Guerra Patriótica.

Em 1990, após 35 anos de propaganda caluniosa, o dissidente russo, Aleksandre Zinóviev, escreveu: «Parece-me que agora na Rússia começa a dissipar-se a névoa que lançou a confusão no espírito das massas. Os iniciadores e os actores desta cortina de fumo apresentaram-na como um despertar e um abrir de perspectivas depois do período sombrio do stalinismo. Mas não vejo ali nenhum progresso intelectual ou moral. Vejo, sim, uma degradação intelectual e moral da sociedade soviética.»³⁰⁴

É o resultado do «degelo» khruchoviano. A partir de 1956 iniciou-se um processo de degradação ideológica, sem freios, que durou decénios. Todas as tentativas dos comunistas honestos de se oporem ao revisionismo de Khruchov, de defender o marxismo-leninismo, encontraram pela frente perseguições e punições.

Apesar de tudo, mais de dois mil comunistas honestos e corajosos combateram-no na Bulgária, vendo o perigo, para o Partido e para o país, da linha revisionista adoptada acriticamente e aplicada pelo PCB, com Todor Jivkov à cabeça.

Infelizmente, a direcção do PCB que substituiu Todor Jivkov, em 10 de Novembro de 1989, orientou-se para a eliminação do sistema socialista no nosso país e não para a eliminação do revisionismo e dos malefícios que daí decorriam. Mudaram o nome do Partido para Partido Socialista, depois baniram rapidamente a teoria marxista do seu programa e adoptaram uma concepção social-democrata, anti-marxista, de um «socialismo democrático». Desta maneira, transformou-se num simples partido social-democrata, satélite fiel e servidor do capitalismo.

4.3. A nova força social constituída pelos condenados reabilitados, assim como o «degelo» khruchoviano constituíram dois factores favoráveis à ofensiva contra-revolucionária das forças imperialistas. Estas encontraram nos «reprimidos» a base social da quinta coluna. A campanha caluniosa de Khruchov contra Stáline serviu a ofensiva ideológica imperialista contra Lénine, contra o marxismo e o socialismo.

A mais terrível das consequências do revisionismo khruchoviano foi o enfraquecimento da vigilância nas fileiras do Partido e do povo, o que facilitou a acção da quinta coluna.

A ascensão de gente como Gorbatchov e Iéltine aos mais elevados níveis das instituições políticas tornou-se possível devido a esta ausência de vigilância.

³⁰³ «As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo», in *V.I. Lénine, Obras Escolhidas em Seis Volumes*, Lisboa, *Edições «Avante!»*, Tomo II, pág. 94 (nota do editor).

³⁰⁴ A. Zinóviev, in *Duma*, de 11 Janeiro de 1990.

4.4. Uma vez instalado no topo do poder do Estado e do Partido, Khruchov tratou de consolidar a sua própria situação, criando uma nomenclatura burocrática e privilegiada, segundo o modelo burguês, composta por elementos que lhe eram fiéis e seus parentes. Constituiu-se assim uma restrita camada detentora do poder, que se colocou acima da sociedade, se afastou dos interesses das massas, distinguindo-se destas pelo seu modo de vida, pela sua moral e sua maneira de pensar. Ao nível mais elevado do Estado e do Partido, a nomenclatura do aparelho apoiava sem reservas a linha revisionista de Khruchov.

Ao nível médio e inferior, as deformações e abusos eram notados, mas as pessoas acomodavam-se para manter a sua posição. O terceiro tipo de pessoas, que criticava abertamente e se declarava contra a linha revisionista, era perseguido e afastado.

Na Bulgária, situação semelhante foi criada depois do Plenário de Abril de 1956. A nomenclatura burocrática preocupava-se sobretudo com os seus próprios interesses e conseguiu reforçar-se, particularmente, na época de Bréjnev e ainda mais durante a *perestroika* gorbatchoviana. Uma parte dela cometeu abertamente a sua traição aos interesses do país no período de Iéltine.

Na sua obra, *O Estado e a Revolução*, Lênine identifica a burocracia com um perigo para a ditadura do proletariado, definindo os burocratas como «pessoas privilegiados, desligadas das massas, colocadas *acima* delas.»³⁰⁵

E acrescenta: «Precisamente com o exemplo da Comuna, Marx mostrou que no socialismo os que ocupam funções públicas deixam de ser "burocratas", de ser "funcionários", deixam de o ser *à medida* que, além da elegibilidade, se introduz *também* a revogabilidade em qualquer momento, e *também* a redução dos vencimentos ao nível operário médio, e *também* a *substituição* das instituições parlamentares por instituições "operantes, isto é, executivas e legislativas ao mesmo tempo"».³⁰⁶

Lênine insiste particularmente no princípio do salário médio dos responsáveis. Era não só uma tese, mas também uma chamada de atenção e uma advertência, na véspera da Revolução de Outubro em 1917. Sabe-se que Lênine e Stáline consideravam este princípio muito importante e davam eles próprios o exemplo. Mas Khruchov e Bréjnev ignoraram-no.

A experiência histórica mostra que a «nomenclatura» é indispensável aos dirigentes sem autoridade como Khruchov e Bréjnev. Pouco a pouco, através da nomenclatura burocrática, Khruchov estabeleceu um estilo de governo de dirigismo administrativo, que reforçou a decomposição da sociedade e aprofundou o processo de degradação.

4.5. No processo de decomposição que foi destruindo os alicerces e a unidade da URSS, formaram-se dois campos na sociedade soviética. De um lado, a nomenclatura burocrática e a sua comitiva que possuíam o poder e dirigiam o Partido e o Estado, afastando-se das massas populares ao nível ideológico, político e moral, a que o povo chamou «a burguesia vermelha». Do outro lado estavam os milhões de trabalhadores da União Soviética que foram objecto de manipulação incessante depois do XX Congresso do PCUS e o alvo da propaganda caluniosa de Khruchov. No seu espírito desenvolveu-se um longo e penoso processo de degradação ideológica, que conduziu à ignorância ideológica. O antigo chefe da informação soviética, o general Leónid Chébarchine, escreveu: «Em 1956, obrigaram-nos a acreditar que Stáline era um criminoso (não somente sabê-lo, mas acreditá-lo), que tudo aquilo em que acreditávamos, ainda há pouco, era uma mentira.»³⁰⁷

O XX Congresso surpreendeu e chocou os soviéticos. Depois, foram manipulados durante anos e, em grande parte, confundidos. A confusão transformou-se ao longo dos

³⁰⁵ *O Estado e a Revolução*, in V.I. Lênine, *Obras Escolhidas em Seis Volumes*, Edições «Avante!», Lisboa, 1985, Tomo III, pág. 285 (nota do editor).

³⁰⁶ Idem, *Ibidem* (nota do editor).

³⁰⁷ L. Chébarchine, jornal *Balgarsko Voïnstvo*, N.º 12, 1995.

anos em incredulidade e a incredulidade em desespero. Talvez este seja o resultado mais triste da linha de Khruchov: duas ou três gerações depois do XX Congresso, as pessoas tinham perdido a esperança. O romantismo das realizações dos planos quinquenais de Stáline, o colectivismo socialista e o patriotismo que tinham entusiasmado as massas esmoreceram – a maior conquista da edificação do socialismo foi destruída. E foi por isso que não houve verdadeira resistência à traição de Gorbatchov e Iéltine.

Antes da Revolução de Outubro, Lénine escreveu: «Não se pode fazer absolutamente nada sem o interesse, a consciência, o despertar, o activismo, a vontade e a autonomia das massas.»³⁰⁸

As massas laboriosas demonstraram essa consciência, esse activismo e essa vontade durante o primeiro plano quinquenal. Stáline escreveu sobre isso:

«O que é que pôde desempenhar e efectivamente desempenhou o principal papel para que o Partido, apesar de erros e insuficiências, alcançasse êxitos decisivos na tarefa de conduzir a realização do plano quinquenal em quatro anos?

«Onde estão as forças fundamentais que nos garantiram esta vitória histórica, apesar de todas as dificuldades?

«Elas estão, antes de tudo, na militância e na abnegação, no entusiasmo e na iniciativa das massas de milhões de operários e *kolkhozianos*, que produziram em conjunto com as forças da engenharia-técnica uma energia colossal no desenvolvimento da emulação socialista e do trabalho de vanguarda. Não pode haver dúvidas de que, sem esta circunstância, não teríamos podido alcançar o objectivo, não teríamos podido avançar um só passo em frente.

«Elas estão, em segundo lugar, na firme direcção do Partido e do governo, que incitaram as massas a avançar e ultrapassaram todo o tipo de obstáculos colocados no caminho para o objectivo.

«Estão, por fim, nas qualidades e vantagens particulares do sistema económico soviético, que encerra em si próprio possibilidades colossais, necessárias à superação das dificuldades.

São estas as três forças fundamentais que determinaram esta vitória histórica da URSS.»³⁰⁹

Depois do XX Congresso do PCUS, as massas populares começaram a ser afastadas do poder e a consciência, a militância e o entusiasmo perderam a força.

Não se pode esperar e exigir criatividade revolucionária aos trabalhadores, como a registada durante os planos quinquenais stalinistas, quando a classe operária, os camponeses e os intelectuais estão afastados do poder. Foi essa a origem da estagnação na época de Bréjnev e, mais tarde, na época de Gorbatchov e Iéltine, da desagregação da URSS.

4.6. Utilizando todo o poder no Partido e no Estado, Khruchov deu livre curso à sua subjectividade, cometendo toda uma série de erros e desvios, tanto na política interna como na política externa da URSS.

A fusão de *kolkhozes*, a supressão das Estações de Máquinas-Tractores (MTC³¹⁰), obrigando os *kolkhozes* a comprar a maquinaria que até então era disponibilizada gratuitamente pelo Estado através das MTC, o cultivo compulsivo de milho, a retirada aos

³⁰⁸V.I. Lénine, *Œuvres*, 2.^a edição, Sofia, 1981, Tomo 21, pág. 355.

³⁰⁹Traduzido do russo pelo editor de «Os resultados do primeiro quinquênio: relatório no plenário conjunto do CC e do CCC do PCU(b), de 7 de Janeiro de 1933», in *I.V. Stáline, Obras*, Tomo 14, *Gossudartstvenoi Izdatelstvo Politicheskoi Literaturi*, Moscovo, 1951, págs. 213-214 (nota do editor).

³¹⁰Sigla em russo de Estações de Máquinas-Tractores (*machino-traktornie stantsi*). (Nota do editor).

kolkhozianos das hortas e gado pessoais, a definição de metas fantasiosas como alcançar e ultrapassar os Estados Unidos na produção de leite, de manteiga e de carne por habitante em curtíssimos prazos, etc., foram algumas das iniciativas aventureiras de Khruchov com resultados desastrosos para a URSS, a que se somou a famosa promessa de que a geração seguinte viveria no comunismo!

Na política externa da URSS, Khruchov mostrou também o seu aventureirismo nos seus discursos oficiais e nas suas acções. A divisão do movimento comunista internacional foi também o resultado da sua linha revisionista. Depois do XX Congresso, as relações entre o PCUS e um número importante de partidos comunistas enfraqueceram ou foram rompidas, como aconteceu com o Partido Comunista Chinês.

As políticas de Khruchov conduziram ao declínio da economia e ao enfraquecimento da autoridade do PCUS e da URSS em todo o mundo. Os resultados desastrosos da sua liderança e o descontentamento dos trabalhadores levaram a direcção do PCUS a demiti-lo do posto de secretário-geral do Comité Central do PCUS. A sua permanência no poder tornou-se insustentável até mesmo para a corrente revisionista que o substituiu no Partido e no Estado e se revelou incapaz de inverter a desaceleração económica, conduzindo o país à «estagnação».

O rumo iniciado por Khruchov criou as condições objectivas da traição de Gorbachov, como observou em 1988 o político italiano, Giulio Andreotti: «Sem o XX Congresso do PCUS, a estrela de Gorbachov não teria podido elevar-se no horizonte.»³¹¹

I.5. Passagem do processo de degradação ao processo de desagregação

Os processos de degradação da época de Khruchov, continuados com Bréjnev, foram conscientemente acelerados na época de Gorbachov sob a máscara da chamada *perestróika*, culminando com a traição aberta que provocou a desagregação da URSS e a derrota do socialismo.

Eis os actos destrutivos de Gorbachov:

1. Dissolução do Conselho de Ajuda Mútua Económica (CAME);
2. Dissolução do Pacto de Varsóvia;
3. Dissolução do campo socialista;
4. Dissolução dos organismos comunistas internacionais;
5. Dissolução do PCUS e da URSS;
6. Destruição do socialismo e restauração do capitalismo nas repúblicas soviéticas e nos países socialistas da Europa de Leste.

Foi uma traição histórica sem precedentes e um crime imperdoável.

É preciso reconhecer que o «mérito histórico» desta traição pertence a Gorbachov e à sua companhia. A sua demagogia não tem paralelo. Quantos comunistas, intelectuais e direcções de partidos comunistas foram enganados com suas declarações iniciais, proclamando como objectivo «o aperfeiçoamento do socialismo»? Por exemplo, em 5 de Julho de 1990, por ocasião do XXVIII Congresso do PCUS, Guss Hall, presidente do Partido Comunista dos Estados Unidos, enviou a Gorbachov um telegrama de felicitações em que afirmava:

«Agora o vosso partido encontra-se no limiar da nova etapa importante na luta pela “transformação”, destinada a envolver o povo soviético no esforço nacional de modernização e de renovação da economia socialista soviética, com vista à realização das vantagens do socialismo. Desejamos-vos enormes sucessos na luta pelo futuro do socialismo. Calorosas saudações fraternais. G.H.»³¹²

³¹¹G. Andreotti, *La Russie vue de près*, Milão, 1989, pág. 28.

³¹²Guss Hall, in *Pravda*, de 5 Julho de 1990.

Em 17 de Março de 1991, por iniciativa de Gorbatchov, realizou-se um referendo absolutamente inútil sobre a conservação da URSS. Passados apenas nove meses, apesar de 112 milhões de cidadãos (76% dos votantes) se terem pronunciado a favor da integridade do país, Gorbatchov, Iéltine e a sua companhia organizaram e levaram a cabo a dissolução da URSS.

O golpe de Estado (o *putsch* abortado) de Agosto de 1991 desempenhou aí um papel particular. Esperamos que um dia se conhecerão todos autores e executantes deste golpe de teatro. Entrevistado por Lev Karpinski no Outono de 1991, Gorbatchov declarou: «A necessidade de uma revolução dos espíritos orientou o meu comportamento político. Eu tive em conta esta necessidade. Imaginava melhor do que os outros a ideia da *perestroika*. As descrições nos documentos não reflectem a profundidade e a amplitude das transformações projectadas. Era necessário mudar o sistema, eu tinha chegado a essa conclusão. Mas se tivesse colocado a questão dessa maneira logo desde o início, sem preparar a sociedade, tal não teria resultado. Sabia que isso implicava novas formas de vida e que iria haver contradições.»³¹³

Esta confissão, a dois meses da dissolução da URSS, é muito significativa.

Preparar a dissolução de um enorme país, de um grande país socialista como a URSS, construído com o suor de várias gerações e defendido contra a invasão fascista com a vida de mais de 20 milhões de cidadãos soviéticos, dissolver o grande partido comunista da União Soviética, organizador e dirigente da edificação do sistema socialista pioneiro e da vitória sobre o fascismo – é um crime sem precedentes!

Não é admissível passar em silêncio um tal acto, sem analisar e julgar o seu alcance criminal. O tribunal civil dos povos soviéticos condenou Mikhail Gorbatchov à morte e ao desprezo. Mas isso não é suficiente. Ele deve ser condenado por um tribunal internacional, no qual devem participar representantes de todos os países socialistas da Europa de Leste, cuja derrocada foi precipitada pela sua traição. Sem dúvida, o sucessor de Gorbatchov, o renegado traidor Boris Iéltine, que decretou a interdição do PCUS, a destruição da URSS e do socialismo e a restauração do capitalismo na ex-União Soviética, terá inevitavelmente a mesma sorte.

Contudo, a destruição da URSS mergulha as suas raízes no processo de degradação iniciado na segunda metade dos anos 1950.

Já em 1940 Gueorgui Dimitrov escrevera: «A traição em política começa pela revisão da teoria.»³¹⁴

Quando hoje os inimigos do marxismo falam do «fracasso» do socialismo, é preciso saber que se trata do modelo revisionista de socialismo.

Eis o que as autoridades civis e militares ocidentais escrevem sobre a força e da vitalidade do sistema socialista soviético:

«A maior surpresa da Segunda Guerra Mundial revelou-se ser a União Soviética. O denso nevoeiro de mentiras dissipou-se numa noite, fazendo aparecer a verdadeira face da nação soviética, dos seus dirigentes, da sua economia, do seu exército e, como o disse o Cardeal Hull³¹⁵, as qualidades épicas do seu ardor patriótico.»

A primeira grande conclusão da Segunda Guerra Mundial é que o Exército Vermelho soviético, sob a direcção do Marechal Stáline, se revelou ser a força mais poderosa e a mais capaz de combater pelo progresso e pela democracia.

Em 23 de Fevereiro de 1942, o general Douglas Mc Artur declarou perante os seus concidadãos: «A situação mundial mostra actualmente que as esperanças da civilização

³¹³M. Gorbatchov, in *Moskovskie Novosti*, N.º 44, 1991.

³¹⁴Gueorgui Dimitrov, *Recueil d'articles*, edição da União das Associações Bulgaro-Soviéticas, Sofia, 1949, pág. 10.

³¹⁵Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos (nota do autor).

repousam sob as bandeiras do valoroso Exército Vermelho. Participei em várias guerras, fui testemunha de outras e pude estudar em detalhe as campanhas dos grandes chefes militares do passado. Em nenhum caso observei uma defesa tão vitoriosa contra os golpes terríveis do início da Segunda Guerra Mundial desferidos por um inimigo ainda vitorioso. Os contra-ataques esmagadores repeliam o inimigo até às suas próprias linhas. O alcance e a grandiosidade desta força deveriam ser apontados como o maior êxito militar da história.»

A segunda grande conclusão é que o sistema económico da União Soviética se revelou incrivelmente capaz de assegurar uma produção em massa em condições excepcionalmente desfavoráveis. William Batt, vice-presidente do Conselho de Produção Militar dos Estados Unidos, visitou Moscovo em 1942. No seu regresso, declarou:

«Parti para a Rússia com um sentimento de incredulidade quanto à sua capacidade de resistir a uma guerra de envergadura. Fiquei rapidamente persuadido de que toda a população, até à última mulher e à última criança, tomava parte na guerra. Duvidava da tecnicidade dos russos e descobri que eles eram mestres na direcção das fábricas e persistentes na produção das máquinas de guerra. Regressei, sentindo-me constrangido com as informações aqui divulgadas que insinuavam haver dissensões no governo russo, quando o que lá encontrei foi um governo forte, competente e apoiado por um enorme entusiasmo geral. Resumindo, parti para a Rússia perguntando-me se ela seria um aliado digno de confiança. A minha resposta é: sim.»

A terceira conclusão é que os milhões de pessoas dos diferentes povos da União Soviética estavam unidos à volta do seu governo, com um ardor patriótico sem igual.

O primeiro-ministro britânico, W. Churchill, declarou no Québec, Canadá, em 31 de Agosto de 1943:

«Não existe governo que pudesse resistir a golpes tão duros e cruéis como aqueles que Hitler lançou sobre a Rússia. A Rússia não só sobreviveu a esses golpes, mas conseguiu ripostar ao exército alemão, como nenhuma outra força no mundo teria podido fazê-lo.»³¹⁶

A quarta conclusão é que a aliança com os países do Ocidente deu reais possibilidades de paz entre os povos e significou o reconhecimento pelo Ocidente da vitalidade e da força do sistema socialista soviético, do modelo marxista de socialismo.

II. Segunda causa principal a ofensiva geral das forças imperialistas contra a URSS

É sabido que os Estados Unidos reagiram com furor e ódio à vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro, recusando-se a reconhecer o novo poder soviético e decretando o embargo. Os Estados Unidos foram uma das principais forças imperialistas que enviaram exércitos para intervir na guerra civil russa de 1918-1921, visando derrubar o poder soviético. Depois de terem sido expulsos, os Estados Unidos mantiveram o bloqueio diplomático e comercial, instigando uma campanha caluniosa contra o primeiro país socialista do mundo. O reconhecimento da URSS pelos Estados Unidos só se efectuou em 1933, sob a presidência de Roosevelt.

Apesar deste reconhecimento diplomático da URSS, os Estados Unidos, em aliança com os outros países imperialistas, a Inglaterra e a França, apoiaram financeiramente a Alemanha hitleriana, ajudando-a a preparar o seu ataque contra a União Soviética. Foi então criada uma Frente Anti-soviética Mundial. Paralelamente, a Alemanha, a Itália e o

³¹⁶Michel Sayers et Albert Kahn, *Le grand complot contre la Russie*, Londres, 1946; Sofia, 1996, págs. 377-378.

Japão criaram o Pacto Anti-Komintern (contra a Internacional Comunista) orientado contra a URSS.

Graças a uma política hábil de Stáline e do governo soviético, a Frente Anti-Soviética foi quebrada e os inimigos da URSS encontraram-se a bater-se uns contra os outros no decurso da Segunda Guerra Mundial. O Pacto Anti-Komintern foi do mesmo modo praticamente anulado.

Uma nova ofensiva geral das forças imperialistas contra a URSS, com os Estados Unidos à cabeça, começou logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Ao povo que tinha libertado o mundo da barbárie do fascismo, o imperialismo recusava mais uma vez a perspectiva de uma paz duradoura e a possibilidade de uma cooperação frutuosa.

Vamos analisar as três direcções principais dessa ofensiva geral.

II.1. No domínio económico

Na Conferência de Teerão em 1943, Roosevelt anunciou a sua disponibilidade de prestar ajuda à URSS para reparar as sequelas da guerra. O intérprete de Stáline nesta Conferência, V.M. Berezkov, escreveu:

«Roosevelt disse que depois da guerra se abririam largas possibilidades para o desenvolvimento das relações económicas entre a URSS e os Estados Unidos.

«É certo – continuou o presidente americano – que a guerra causou à União Soviética enormes destruições. Espera-vos muito trabalho de reconstrução, marechal Stáline. Graças ao seu potencial económico, os Estados Unidos podem conceder uma ajuda económica importante ao seu país. Considero que nós poderíamos, depois da nossa vitória comum contra os países do eixo, conceder à União Soviética um crédito de alguns milhares de milhões. É claro que agora só o propomos em termos gerais. É necessário discutir os detalhes num local apropriado, mas, em geral, uma tal perspectiva parece-me completamente real.

«- Estou-lhe muito reconhecido, senhor presidente, por essa proposta – disse Stáline. – O nosso povo está a sofrer grandes privações. Não pode imaginar as destruições nos territórios por onde o inimigo passou. A guerra causou-nos grandes prejuízos e nós, naturalmente, aceitaremos de bom grado uma ajuda de um país tão rico como os Estados Unidos se, é claro, as condições forem aceitáveis.

«- Estou certo que nos entenderemos. Em todo o caso, ocupar-me-ei disso pessoalmente – respondeu Roosevelt».³¹⁷

Note-se que foi Roosevelt quem ofereceu ajuda a Stáline e que este lhe lembrou que essa ajuda devia ser prestada em condições aceitáveis.

Roosevelt morre um ano e quatro meses mais tarde, e com a sua morte desapareceu a sua «preocupação pessoal» de ajudar a URSS depois da guerra. Essa ajuda nunca chegou.

Mas é evidente que, com ou sem Roosevelt, as forças imperialistas dos Estados Unidos iriam empreender uma ofensiva geral contra a URSS. Depois da guerra, a autoridade e a influência da URSS tinham aumentado consideravelmente. Os povos do mundo inteiro tinham constatado a força da URSS e a grande vitalidade do sistema socialista soviético. Essa influência representava, é claro, um perigo para os interesses imperialistas. O medo levou-as a programar e a empreender imediatamente uma ofensiva sem tréguas.

É importante sublinhar que, enquanto Roosevelt previa um crédito de alguns milhares de milhões de dólares para a reconstrução da URSS, as forças imperialistas dos Estados Unidos despenderam cinco biliões de dólares, ou seja, mil vezes mais, na chamada «guerra-fria».

³¹⁷V. M. Berezkov, *Pages de l'histoire diplomatique*, Sofia, 1988, pág. 324.

Como se sabe, os Estados Unidos saíram da guerra enriquecidos. Produziram quantidades colossais de armamentos que venderam aos beligerantes, o que garantiu enormes lucros para o complexo militar-industrial. Para além disso, no território dos Estados Unidos não tinha havido destruições, nenhuma bomba, nenhuma mina, nenhum obus tinham ali caído: não havia nada para reconstruir. Enriquecidos pela guerra, dispendo de um potencial científico e industrial aumentados, que constituíram uma base sólida para o seu desenvolvimento económico acelerado no pós-guerra, os Estados Unidos puderam utilizar os avanços técnico-científicos como meios de pressão sobre a URSS.

Por outro lado, após a guerra, os Estados Unidos criaram várias organizações e clubes internacionais que lhes asseguraram uma influência decisiva sobre o desenvolvimento dos outros países, incluindo a URSS. Por intermédio de organismos como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e outros clubes e organizações, os Estados Unidos passaram a poder impor os seus interesses no mundo inteiro.

Foi criado o organismo COCOM³¹⁸ que proibia as exportações chamadas «sensíveis», afim de vedar o acesso da URSS acesso aos avanços técnico-científicos dos Estados Unidos e dos outros países capitalistas. Foram feitas listas com centenas de produtos proibidos de serem fornecidos à URSS. O objectivo era atrasar o seu desenvolvimento e dificultar a realização dos seus planos económicos, visando provocar descontentamento na população e a afectar a imagem do socialismo como sistema social.

A aceleração da corrida aos armamentos, provocada intencionalmente pelos Estados Unidos, obrigou a União Soviética a investir enormes verbas na defesa e segurança. Mesmo que estes esforços nem sempre tenham suprido às reais necessidades de defesa da URSS, a corrida aos armamentos reflectia-se inexoravelmente na redução das produções civis e na diminuição das possibilidades do crescimento do nível de vida da população.

O conceito de «estratégia de vitrina» foi largamente utilizado pelo imperialismo. A propaganda ostensiva do modo de vida americano, com os seus automóveis, televisões frigoríficos, máquinas de lavar, etc., evidenciou o atraso da URSS neste domínio. O objectivo era claro: mostrar a vantagem da economia capitalista dos Estados Unidos e provocar o descontentamento dos soviéticos com os resultados do sistema socialista.

É preciso reconhecer que esta demonstração económica alcançou resultados notórios.

II. 2. A ofensiva no domínio ideológico

Aproveitando o «degelo» khruchoviano, o imperialismo americano maximizou as possibilidades para a ofensiva no domínio ideológico.

Em primeiro lugar, foram criadas para este efeito dezenas de institutos e centros de elaboração de métodos, formas e mecanismos de influência sobre a consciência dos indivíduos.

Os órgãos de comunicação social tornaram-se o principal instrumento de «lavagem de cérebros», manipulando, falseando e subvertendo a memória histórica dos povos. Um papel importante foi atribuído à imagem – a televisão, o cinema, mas também à imprensa, à literatura, à rádio, ao desporto, às variedades, etc. São os mecanismos da guilhotina psicológica do imperialismo que incapacitam a consciência e a moral de muitos indivíduos e, em primeiro lugar, a juventude e os intelectuais.

A rádio *Liberdade*, financiada pelo Congresso dos Estados Unidos, passou a ser emitida dia e noite nas diferentes línguas dos povos das repúblicas soviéticas, promovendo dezenas de rubricas e divulgando as suas «análises objectivas». Ainda hoje esta rádio desempenha

³¹⁸ Acrónimo inglês de Comité de Coordenação para o Controlo Multilateral de Exportações (*Coordinating Committee for Multilateral Export Controls*), organismo criado em 1947 (nota do editor).

um papel central como instrumento psicológico do imperialismo americano. A sua sede foi transferida de Munique para Praga, aproximando-se mais dos territórios dos países da ex-União Soviética. Na época de Gorbatchov, as interferências sonoras foram suprimidas em nome da «democracia e da *glasnost*, da liberdade de expressão».

Hoje esta «palavra livre» é transmitida constantemente por dezenas de correspondentes em várias cidades no território da ex-URSS. É difícil dizer o que é mais perigoso para o país e para o povo russo: se a acção da rádio *Liberdade* em Praga ou a instalação de novos mísseis sobre o território da República Checa após a sua adesão à NATO.

Não é por acaso que, na sua estadia em Praga e antes de se voar para Moscovo, o secretário de Estado dos EUA, W. Christopher, tenha visitado a sede da rádio *Liberdade* e manifestado satisfação pela sua acção.

Papel semelhante desempenham as rádios *Europa livre*, *A Voz da América* e toda uma série de estações ocidentais.

As suas informações e as emissões são habilmente preparadas para agir no plano emocional, chocar, provocar dúvidas, confundir os espíritos. Sob uma aparência apolítica, apartidária e desideologizada, é ali veiculado todo um sistema ideológico, o sistema burguês do pensamento único e da estupidificação das pessoas.

Os espectáculos de variedades e os grupos musicais, criados nos Estados Unidos e espalhados pelo mundo inteiro, são uma das mais terríveis imagens da baixeza e da pobreza de espírito, inculcadas directamente nos espectadores. Milhares de jovens deleitam-se com eles, de braços no ar. Nesses espectáculos musicais não há nem música, nem cultura.

O escritor dramaturgo russo Víktor Rozov escreveu: «As massas nos Estados Unidos sentem necessidade de cultura, sem a qual nós não podemos passar. Eles não procuram se não o divertimento.»³¹⁹

O papel da subcultura é transformar sobretudo os jovens em seres inofensivos, atrasados social e politicamente, mantê-los num estado de embriaguez mental. E porquê? Para eternizar a dominação política das forças imperialistas sem o perigo de conflitos. Assim prosseguem a exploração dos trabalhadores na busca eterna do máximo lucro.

O cinema é utilizado como meio poderoso de tratamento ideológico das massas. A maior parte dos filmes criados nos Estados Unidos incluem a violência, perseguições, assassinatos, rusgas policiais, sexo.

Este flagelo abateu-se sobre os ex-países socialistas depois da contra-revolução e foi seguido do aparecimento e do aumento constante da criminalidade, inclusive da criminalidade sexual.

A arte e o desporto, as seitas religiosas, as diferentes associações de beneficência, as múltiplas fundações que aproveitam a isenção de taxas alfandegárias e de impostos, cujas actividades são financiadas pelas centrais ideológicas e os estados-maiores da CIA, destinam-se a embrutecer sobretudo os jovens.

Tomemos como exemplo as fundações de Soros ou então o instituto criado pelo *American Cryble* na época de Gorbatchov, cujo objectivo anunciado era derrotar do «Império Soviético». Entre o mês de Outubro de 1989 e até à Primavera de 1991, este instituto realizou mais de 40 conferências em diferentes cidades da União Soviética. Na Primavera de 1991, os dirigentes do instituto foram recebidos em Moscovo por Iéltine.³²⁰

Infelizmente esta ofensiva ideológica, dirigida com toda a força contra a URSS e os países socialistas, não encontrou resistência. A actividade criminosa do imperialismo americano de manipulação dos espíritos prossegue hoje com uma força e uma amplitude extraordinárias, conseguindo resultados inegáveis. Este foi sem dúvida um dos factores

³¹⁹Víktor Rozov, in jornal *Zora*, N.º 32, 1995.

³²⁰Jornal *Tribuna*, N.º 2, 1993.

mais importantes que aceleraram os processos de decomposição na URSS e nos países socialistas.

É necessário apontar o triste facto de os intelectuais e os homens da escrita ocidentais se terem colocado ao serviço das forças imperialistas na execução do terrível plano de manipulação das consciências, permitindo ao imperialismo americano impor a sua «nova ordem» e o seu domínio mundial.

Os intelectuais e os homens de escrita dos ex-países socialistas, infelizmente, venderam também a sua moralidade ao «dólar verde». Será que estes cidadãos têm consciência da pesada responsabilidade que assumiram nos destinos dos seus povos e perante a história?

II.3. A ofensiva da quinta coluna

Sem subestimar o alcance da ofensiva económica e ideológica, é necessário sublinhar o papel decisivo desempenhado pela quinta coluna a soldo dos Estados Unidos na derrota da URSS.

Os problemas resultantes da linha revisionista seguida pelo PCUS, assim como os resultados da ofensiva económica e ideológica do imperialismo americano poderiam ter sido superados se o Partido tivesse retomado a linha marxista-leninista. Mas isso não foi feito.

A consequência mais grave da aplicação da linha revisionista na URSS foi a quebra de vigilância do povo, dos órgãos do Estado e do Partido. Nas condições do «degelo» khruchoviano a actividade da quinta coluna foi facilitada, sendo dirigida pelos Estados Unidos por intermédio da Agência Central de Informações, CIA. Institutos, centrais e comités sob a sua direcção elaboraram métodos científicos, meios e formas de recrutamento, a preparação e utilização de agentes da quinta coluna na URSS. A CIA teve o cuidado de fazer penetrar os seus agentes nos centros de decisão do Estado e do Partido, assim como nos institutos científico-técnicos de carácter secreto, ligados à defesa e segurança da URSS. Foi desenvolvida uma verdadeira ciência da estratégia e da tática da traição. O conteúdo dessa ciência pode ser exposto resumidamente:

- Elaboração de uma técnica contemporânea, métodos, meios, instrumentos e formas para aliciar e recrutar «agentes com influência»;
- Elaboração e aplicação dos métodos contemporâneos de consultadoria, introduzindo nos meios dirigentes da URSS e do PCUS a teoria e a prática ocidentais da economia de mercado e da democracia burguesa;
- Desenvolvimento dos métodos, formas e instrumentos de ajuda à estabilização no poder dos traidores da URSS, assegurando que não haveria inversão do processo de restauração do capitalismo na Rússia, nos países da ex-URSS e nos países do campo socialista da Europa.

O aparecimento de traidores como Gorbachov e Iéltine tornou-se possível nas condições do «degelo». A penetração do topo do poder por «agentes de influência» revelou-se muito perigosa para o socialismo.

Molotov escreveu nas suas memórias: «Enquanto o imperialismo existir não poupará meios para lograr a destruição do socialismo, da nossa sociedade socialista. E as pessoas estão longe de ser todas incorruptíveis e “invendáveis”...»³²¹

Depois da desagregação da URSS, o conhecido dissidente soviético, Alexandre Zinóviev concluiu: «Penso que mataram o nosso país. É a maior tragédia da minha vida. Sim, muito simplesmente, eles mataram-no. Protesto vigorosamente contra a propaganda ocidental que proclama que esta evolução dos acontecimentos representa um processo natural de um sistema (o sistema socialista) que se esgotou. Nada disso! O assassinato foi programado

³²¹V.M. Mólotov, *Souvenirs*, in *Tribuna*, N.º 15, 1994.

imediatamente após a Segunda Guerra Mundial e foi executado rigorosa e metodicamente. Foi elaborada uma estratégia de assassinato nos mínimos detalhes. Este plano de assassinato foi introduzido do exterior, encontrando os seus colaboradores no interior do país. Altos dirigentes, uma certa camada das altas esferas da sociedade soviética e da elite intelectual transformara-se em assassinos. Muito simplesmente traíram os interesses do seu povo. Utilizo a palavra traição num sentido científico e não no sentido moralista. (...) Eles destruíram o sistema de Estado. Destruíram as ideias, a cultura, o estado moral e ideológico da população, a juventude foi desmoralizada. O nosso país nunca sofrera uma tão grande destruição, mesmo durante a Guerra Patriótica, quando esmagámos a Alemanha. A minha posição é a seguinte: nós estamos condenados e, como russo, bater-me-ei até ao fim, mesmo que fique só frente a seis mil milhões.»³²²

Evidentemente que A. Zinóviev³²³ não terá de bater-se sozinho contra seis mil milhões. Aqueles que venderam a URSS e os que no exterior que contribuíram para a desagregação da URSS não são seis mil milhões. Eles, e os seus agentes generosamente pagos, são uma ínfima minoria. E Zinóviev não estará sozinho nesta luta. Terá a seu lado seis mil milhões de explorados em todo o mundo.

II.4. Conclusões da ofensiva geral do imperialismo

1) A necessidade do imperialismo de explorar para obter o máximo lucro vai de par com a sua crueldade de gendarme. Não tem limites. Na sua época, Marx citou a *Quarterly Reviewer*³²⁴ que já então escrevia: «O capital teme a falta de lucro ou um lucro demasiado pequeno como a natureza teme o vazio. Mas desde que disponha de um lucro suficiente, o capital torna-se corajoso. Garantam-lhe 10 por cento que o capital concordará com qualquer utilização, com 20 por cento anima-se, com 50 por cento está pronto para perder a cabeça, com 100 por cento espezinha todas as leis da humanidade, com 300 por cento não há crime que não arrisque mesmo sob pena de força. Se os escândalos e as desordens trouxerem lucro, o capital começará a promover tanto uns como as outras.»³²⁵

O imperialismo pilha sobretudo os países em desenvolvimento, lesando-os em centenas de milhares de milhões de dólares por ano, através de relações económicas e comerciais injustas. Isto foi reconhecido até por traidores como Gorbatchov e E. Chevarnádze, evidentemente, por razões demagógicas.

Em 1987 Gorbatchov escreveu o seguinte sobre os povos dos países do «terceiro mundo»: «Eles querem viver como os povos dos países desenvolvidos, não pior. Mas são dilacerados pela fome e doenças. Os seus recursos são escoados para os países desenvolvidos e entram no rendimento nacional destes estados através dos mecanismos das trocas desiguais.»³²⁶

No seu discurso na ONU, em Setembro de 1989, Chevarnádze declarou: «Em 1988, a soma total da ajuda concedida pelos países ricos aos países subdesenvolvidos elevava-se a perto de 90 mil milhões de dólares. Mas nesse mesmo ano de 1988, os países ricos

³²²A. Zinóviev, in *Balgarski Pissatel*, N.º 3, 1996.

³²³Aleksandr Zinóviev, filósofo, sociólogo e escritor russo com vasta obra publicada, faleceu em 10 de Maio de 2006, com 84 anos, em Moscovo, onde vivia após ter regressado à Rússia na década de 90 (nota do editor).

³²⁴O *Quarterly Review* era um jornal literário e político fundado em 1809, em Londres, Inglaterra. Publicou-se até 1967 (nota do editor).

³²⁵Traduzido pelo editor da edição russa de *Karl Marx, O Capital*, Tomo I, *Izdatelstvo Polititchekoi Literarutri*, Moscovo, 1988, pág. 770 (nota do editor).

³²⁶Traduzido pelo editor do original russo de M.S. Gorbatchov, *Perestróika e Novo Pensamento*, *Izdatelstvo Polititchekoi Literarutri*, Moscovo, 1988, pág.185, (nota do editor).

receberam sob a forma de serviço da dívida e lucros, 50 mil milhões mais do que esse montante. É o maior desvio de capitais do bolso dos pobres para o bolso dos ricos de toda a História.»³²⁷

Nos anos seguintes a pilhagem foi ainda mais importante. Um relatório de 1991 do Banco Mundial assinala: «Para 1991, as perdas dos países pobres devidas às restrições impostas pelos países economicamente poderosos são da ordem de 500 mil milhões de dólares. No mesmo ano, os países ricos concederam-lhes 50 mil milhões de dólares, ou seja, dez vezes menos que os prejuízos que lhes causaram pelas restrições impostas.»³²⁸

Não existe «mercado livre» no mundo, mas mercados mundiais regidos pelas regras definidas pelos países ricos para satisfazer os seus próprios interesses.

No início de Novembro de 1996, na Conferência dos países do Terceiro Mundo em Harare, os dirigentes do Egipto, do Zimbabué e da Malásia «acusaram os países ocidentais de os arrastarem com pés e mãos atados para contratos comerciais que os escravizavam e eliminam a sua soberania.»³²⁹

O encontro mundial sobre a alimentação em Roma, em Novembro de 1996, constatou a existência de 840 milhões de pessoas que sofrem de fome no mundo. O director-geral da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o senegalês Jacques Diouf, declarou no seu discurso de abertura: «A FAO dispõe de um orçamento anual diminuto, que é comparável com o que se gasta em seis dias com alimentação de cães e gatos nos nove países mais ricos e apenas representa cinco por cento das despesas anuais dos cidadãos de um país rico em produtos contra a obesidade e outros efeitos da sobrenutrição.»³³⁰

A declaração comum dos representantes dos 194 países participantes nesse encontro comprometeu-se a diminuir para metade o número dos subnutridos até 2015. Era um apelo aos países ricos. Os Estados Unidos reagiram a este apelo por escrito: «A garantia do direito à alimentação suficiente não pode ser uma obrigação internacional dos governos.»³³¹

Por assim dizer, o apelo dos 194 países foi uma voz no deserto.

As pessoas exploradas no mundo inteiro devem compreender que se perderem o seu emprego, se a sua família não consegue matar a fome, se não têm o seu futuro assegurado – o culpado principal da sua infelicidade é o capitalismo e o imperialismo.

Nesta situação, a intelectualidade, particularmente dos Estados Unidos e dos outros países imperialistas, tem o dever humanista de revelar esta horrível verdade e de levá-la ao conhecimento dos explorados do mundo.

O imperialismo americano está espalhado por todo o planeta. Basta observar a rede de bases militares americanas que cerca a Coreia do Norte, a China, os países árabes e a Europa. Começa no Japão, passa pela Coreia do Sul, a Arábia Saudita, o Koweit, a Turquia, a Grécia, a Itália, a Espanha, a Inglaterra e a Alemanha.

Depois das contra-revoluções nos países da Europa de Leste, que foram seguidas pela guerra na Jugoslávia, a NATO instalou bases na Polónia, na República Checa, na Hungria, na Roménia, na Bulgária, na Eslovénia, na Bósnia, na Albânia, na Macedónia e no Kosovo. Meio século depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos arrogam-se o papel de gendarme do mundo, fingindo-se defensores da democracia. Os Estados Unidos auto-designaram-se promotores da «nova ordem mundial» a fim de conservarem e revigorarem

³²⁷ E. A. Chevárnádze, discurso na ONU, Setembro de 1989, in, *Rabotnitchesko Délo*, de 28 Setembro de 1989.

³²⁸ Jornal *Duma*, de 23 Outubro de 1992.

³²⁹ Jornal *Duma*, de 4 de Novembro de 1996.

³³⁰ Jornal *Duma*, de 14 de Novembro de 1996.

³³¹ Jornal *Duma*, de 18 de Novembro de 1996.

o sistema capitalista agonizante. E este objectivo não pode ser realizado sem intervenções militares que partem das bases militares da NATO.

Os imperialistas e os seus colaboradores continuam a elogiar «as maravilhas» da sua economia de mercado e a sua democracia de fachada, a democracia burguesa, escondendo mal a natureza agressiva do imperialismo.

2) Na sequência da derrota da URSS, a ofensiva geral do imperialismo reforçar-se-á e prosseguirá cada vez mais activamente contra as forças democráticas e progressistas no mundo para estabelecer a hegemonia dos Estados Unidos, segundo o projecto da «nova ordem mundial» elaborado pelas centrais da luta ideológica, com base nos «seus valores universais» e nos seus «interesses estratégicos».

Apoiando-se nas forças antipopulares e contra-revolucionárias, nas organizações neofascistas e nos partidos recém-criados dos restauradores do capitalismo nos antigos países socialistas, os Estados Unidos arrogam-se o direito de ditar a economia destes Estados para retirar daí tirar lucros e utilizar a sua juventude nas suas guerras futuras.

Contudo, a resistência das forças progressistas e democráticas no mundo contra a realização destes planos dos Estados Unidos vai aumentando e isto empurrará os imperialistas e as suas marionetas a recorrer aos métodos fascistas contra os povos em luta pela sua soberania.

O general Chtéménko escreveu há 27 anos: «As raízes da agressão fascista mergulham profundamente na natureza do imperialismo. A sua existência é por vezes recordada pelo barulho dos bombardeamentos e o fumo dos incêndios por toda a parte no mundo».³³²

Este barulho é-nos recordado pelas «investidas punitivas» na Jugoslávia, no Iraque, pela presença dos porta-aviões que cruzam os mares junto das ilhas de Taiwan e das costas do Adriático.

A «nova ordem mundial» provocará a resistência e novos Vietnam, Somália, Líbano, surgirão no século XXI com a divisa: «*Yankee go home*».

Garantindo a restauração e manutenção do capitalismo nos antigos países socialistas de Leste, se necessário com a «ajuda» da NATO, o imperialismo não hesitará em transformar estes Estados em praça de armas para futuras operações militares contra a Rússia.

Os Estados Unidos apostam forte na fórmula «dividir para reinar», reacendendo conflitos regionais a partir de contradições territoriais, étnicas, nacionais e religiosas. A instalação dos Estados Unidos como «força de paz» na Albânia e, após o desmantelamento da Jugoslávia, na Bósnia, Macedónia e Kosovo, é uma ameaça directa real para os povos dos Balcãs.

A agressão dos Estados Unidos contra a Jugoslávia, iniciada em 24 de Março de 1999 à revelia do Conselho de Segurança da ONU e violando o próprio estatuto da NATO, constitui o modelo do novo tipo de guerras regionais que serão desencadeadas pela NATO com vista a impor pela violência a «nova ordem mundial».

As diferentes organizações contra-revolucionárias, seitas e associações, mas também os partidos sociais-democratas de diferentes tipos e cores, dão um grande apoio aos Estados Unidos. Muitos partidos sociais-democratas no poder foram parceiros fiéis e insubstituíveis do imperialismo nos seus esforços de implantação da «nova ordem mundial». Os governos sociais-democratas da Alemanha com G. Schroeder, da França com L. Jospin ou da Inglaterra com Blair, sob a batuta do secretário-geral da NATO, o social-democrata X. Söllana, foram participantes activos na guerra contra os povos jugoslavos.

De resto, os Estados Unidos têm muita experiência na aplicação de sanções aos países insubmissos – embargos, ameaças e ingerência directa nos seus assuntos internos.

³³²S.A. Chtéménko, *L'État-major pendant la guerre*, Tomo II, pág. 425.

Por exemplo, na Bulgária, que significou a presença pública do embaixador dos Estados Unidos, Sol Polansky, na tribuna de um comício eleitoral da direita? Que significa a ajuda financeira e logística dos Estados Unidos à direita? Que significa a tarefa de que foi incumbido o embaixador dos EUA na Bulgária de trabalhar na modificação da Constituição da República do país? Tudo isso significa uma ingerência inadmissível nos assuntos internos da Bulgária, um país soberano. Mas os Estados Unidos intervêm desta maneira em numerosos lugares no mundo, invocando os seus interesses estratégicos em todos os cantos do Planeta.

Para atingirem os seus objectivos estratégicos de hegemonia e de dominação mundial, dispõem de uma poderosa máquina ideológica, concebida para deformar a consciência e formatar os comportamentos das pessoas, de acordo com os interesses do imperialismo. O Senado dos Estados Unidos aprovou uma verba de 30 mil milhões de dólares para as estruturas de informação, incluída no projecto de orçamento de 1998. Esta verba é duas vezes maior que o orçamento militar da Rússia no mesmo ano. Infelizmente, as pessoas não se apercebem de quantas «mini-bombas» estão contidas somente na literatura vendida nas bancas.

3) A denúncia dos crimes do imperialismo é uma das formas de resistir e lutar contra a sua ofensiva global. Eis alguns deles:

- O genocídio de cerca de três milhões de índios no território dos actuais Estados Unidos ao longo de três séculos;
- A participação na guerra civil na Rússia de 1918 a 1921;
- A enorme ajuda financeira e material concedida à Alemanha nazi nos anos 30 para preparar a invasão da União Soviética;
- O lançamento da bomba atómica contra as populações civis de Hiroshima e Nagasaki no Japão, em Agosto de 1945;
- O genocídio contra o povo vietnamita nos anos 1960-1970;
- A utilização criminosa das armas cancerígenas com urânio empobrecido nas guerras dos anos 1990 na Jugoslávia e no Iraque;
- A instigação de guerras locais explorando contradições étnicas e religiosas;
- Os genocídios provocados em África;
- A condenação à fome de milhões de pessoas devido à espoliação dos seus recursos pelas potências imperialistas, designadamente através da dívida.
- A ingerência directa nos assuntos internos de Estados soberanos, incluindo o derrubamento de governos legítimos;
- A criação, manutenção e o alargamento da NATO, organização militar agressiva do imperialismo, que ameaça o mundo com uma terceira guerra mundial.

O cientista Albert Einstein escreveu sobre Lénine e os comunistas leninistas: «Pessoas como estas guardam e renovam a consciência da humanidade.»³³³

Sem dúvida nenhuma que os marxistas-leninistas, apesar de todas as dificuldades e derrotas provisórias, tomarão a direcção da luta das massas exploradas, renovarão a consciência da humanidade e desenraizarão o sistema capitalista imperialista, abrindo o horizonte para a nova sociedade.

³³³Revista *Rabotchi Klass* N.º 6, 1979, pág. 3.

III. Terceira causa principal – as condições históricas específicas da realização da Revolução de Outubro e da sociedade socialista

As condições históricas específicas da vitória da Revolução de Outubro em 1917 e da construção do socialismo nos anos 1930, interrompida pela Guerra Patriótica de 1941 a 1945 e pela reconstrução do pós-guerra, foram altamente desfavoráveis e de uma dificuldade extrema para a nova sociedade.

Marx e Engels teorizaram a possibilidade de realizar com êxito a revolução socialista em alguns países capitalistas desenvolvidos. Lênine, analisando as novas condições históricas criadas depois de Marx e Engels, provou teoricamente a possibilidade de êxito da revolução socialista num só país, mesmo atrasado como a Rússia. Provou-o também na prática.

Mas nesta situação, as condições da realização da revolução e da edificação socialista foram muito dificultadas, em primeiro lugar, devido ao atraso de um país como a Rússia em 1917 e, em segundo lugar, pela imposição do cerco capitalista como único Estado socialista.

Os comunistas russos confrontaram-se com um enorme país de economia atrasada e uma população de 150 milhões de habitantes, dos quais 70 por cento eram analfabetos.

A Primeira Guerra Mundial tinha deixado muitas destruições. As cláusulas desfavoráveis da Paz de Brest-Litovsk determinaram a cedência de importantes territórios russos e impuseram pesadas contribuições de guerra.

A tudo isto, somente um ano após a vitória da revolução, sobreveio a guerra civil e a intervenção de 14 países capitalistas, que provocaram novas e enormes destruições e colossais perdas para o país.

Terminada a guerra civil, Lênine pôs em prática a Nova Política Económica (NEP), que foi mantida até final da década de 20, altura em que já sob a direcção de Stáline foi lançado o primeiro plano quinquenal que permitiu grandes avanços na edificação do socialismo.

Graças ao enorme entusiasmo, empenho e adesão dos soviéticos, traduzido pelo movimento *stakhanovista*, no espaço de dois a três planos quinquenais, a União Soviética transformou-se num país industrial com uma agricultura desenvolvida.

Os grandiosos sucessos da edificação socialista foram reconhecidos mesmo pelos inimigos do socialismo. Citemos, por exemplo, a opinião de um capitalista inglês, presidente do banco *United Dominion*, em Outubro de 1932: «Quería explicar que não sou nem comunista, nem um bolchevique, sou um capitalista sem reservas e um individualista. (...) A Rússia avança enquanto muitas das nossas fábricas estão paradas e cerca de três milhões dos nossos cidadãos procuram desesperadamente trabalho. Ridicularizava-se o plano quinquenal e previa-se o seu fracasso. Mas podem considerar como um facto indiscutível que o que foi feito ultrapassou o plano quinquenal. (...) Em todas as cidades industriais que visitei nascem novas zonas, construídas segundo os mais modernos planos urbanísticos – com ruas largas, plantadas de árvores, edifícios modernos, escolas, hospitais, clubes operários e as inevitáveis creches e jardins infantis, onde são cuidadas as crianças das mulheres que trabalham. (...) Não tentem subestimar os planos russos e cometer o erro de esperar que o poder soviético pode cair. (...) A Rússia de hoje tem um ideal e uma alma. A Rússia é um país extremamente activo. Creio que os seus objectivos são sólidos. (...) O mais importante é, talvez, que todos os jovens e todos os operários na Rússia têm qualquer coisa que infelizmente falta hoje nos países capitalistas – a esperança.»

Apesar da necessidade de preparar o país para a guerra e da acção de sabotagem das forças contra-revolucionárias no país e no exterior, a União Soviética realizou em 10-12 anos o que os países capitalistas ocidentais tinham realizado em 50 a 100 anos. Por isso, esteve à altura de enfrentar a invasão da Alemanha nazi, em 22 de Junho de 1941. A Guerra Patriótica foi uma confirmação indiscutível da solidez e da vitalidade do sistema socialista soviético. Apesar das incríveis dificuldades, as resistências, as destruições e as vítimas, a

União Soviética sob a direcção do PCUS, com Iossif Stáline à cabeça, derrotou o fascismo, perseguindo o agressor virulento para além do território soviético e até ao seu covil. Vinte milhões de vítimas soviéticas caíram – cientistas, engenheiros, médicos, especialistas em nos diversos domínios. Que grande perda humana e para o país!

Durante a guerra, os exércitos fascistas destruíram na URSS 1700 cidades, 70 mil aldeias, milhares de fábricas, de *kolkhozes*, estradas, portos e aeroportos. Estas destruições fizeram o país retroceder vários anos. Mais uma vez era necessário recomeçar a partir do zero. Apesar destas perdas, o povo soviético, sob a direcção do PCUS com Stáline à cabeça, conseguiu rapidamente reconstruir o país. Em 1947 já o sistema de racionamento por senhas tinha sido suprimido, enquanto continuava a existir em França e na Inglaterra.

De 1945 a 1953 os preços dos produtos de primeira necessidade desceram um terço. Era um sinal convincente das possibilidades inesgotáveis do sistema socialista e o resultado das políticas justas do Partido e do governo.

A edificação socialista soviética maravilhou e entusiasmou os povos do mundo inteiro. O papel de Stáline no alcance de êxitos grandiosos continua a ser justamente recordado. Eis o que disse a esse respeito um cidadão soviético interrogado na rua:

«Se Stáline fosse vivo, o nosso país teria alcançado há muito tempo a primeira posição no mundo (...) De forma simples e breve, teria dito: “Compatriotas, como povo vencedor da guerra, não podemos mais ficar em segundo ou em terceiro lugar. Ergamo-nos para sermos os primeiros.” E nós ter-nos-íamos erguido.»³³⁴

³³⁴ Jornal *Moskovski Novosti*, N.º 18, 1988.

Capítulo X

Conclusão

A mitologia grega relata que o rei Áugias não mandou limpar os estábulos durante 30 anos e acumulara-se ali um enorme monte de lixo. Quando Hércules, que tinha uma força excepcional, viu toda aquela porcaria desviou as águas de um rio e encaminhou-as para os estábulos. Num só dia conseguiu limpá-los.

Podemos dizer agora que em resultado da campanha caluniosa dos revisionistas e dos inimigos do socialismo, montes de mentiras se foram acumulando contra a pessoa e a obra de Stáline. A experiência dos últimos decénios mostra que esta propaganda visou também o nome e a obra de Lénine, o marxismo-leninismo e o socialismo, porque são inseparáveis.

Para eliminar estas montanhas de mentiras e de calúnias seria necessário mais do que um Hércules para desviar a corrente de vários rios e de uma só vez limpar o nome e a obra de Stáline e de Lénine, restabelecendo a verdade sobre a essência e o conteúdo da construção do primeiro Estado socialista no mundo.

Sem dúvida nenhuma que os verdadeiros comunistas dirigirão as águas da ciência para esse objectivo crucial, cumprindo assim o seu papel histórico e permitindo aos povos aproveitar a experiência e a criatividade revolucionária da epopeia soviética.

Há quem subestime esta experiência e criatividade dos operários e camponeses russos que fizeram a revolução e se lançaram na edificação do poder soviético. Por isso é preciso recordar:

- A experiência dos operários e dos camponeses russos que combateram no Exército Vermelho durante a guerra civil de 1918 a 1921;
- A experiência de muitos anos de trabalho criativo na edificação do socialismo, na industrialização do país, com meios próprios e sem recurso ao endividamento junto dos tubarões imperialistas;
- A experiência revolucionária inovadora do movimento *stakhanovista*, que acelerou os ritmos da edificação do socialismo;
- A experiência da colectivização da agricultura;
- A experiência da criação de uma sociedade sem classes, sem exploração do homem pelo homem, pondo fim ao desemprego, transformando o trabalho em fonte de alegria e de satisfação;
- A experiência das conquistas da ciência, da cultura, da educação, da saúde e da segurança social dos povos soviéticos;
- A experiência da defesa da Pátria socialista frente ao fascismo;
- A experiência da reconstrução do país depois da guerra.

É necessário também que os povos retenham as lições das experiências negativas, dos erros e dos defeitos, inevitáveis na criatividade da edificação socialista.

No final do seu discurso no V Congresso do Partido Comunista Búlgaro, em 19 de Dezembro de 1948, Gueorgui Dimitrov, fortemente aplaudido pelos delegados ao Congresso, declarou:

«Toda a experiência do movimento comunista internacional confirma que um verdadeiro marxista é aquele que é um verdadeiro leninista, e um verdadeiro leninista não pode deixar de ser um verdadeiro stalinista».³³⁵

Um verdadeiro marxista-leninista-stalinista, apoiando-se no materialismo histórico, tem obrigatoriamente que reconhecer hoje que o sistema capitalista actual é transitório e será

³³⁵Gueorgui Dimitrov, «Discours au V Congrès du PCB», in *Œuvres*, Tomo 14, Sofia, 1948, pág. 340.

inevitavelmente substituído por uma sociedade socialista sem classes a caminho do comunismo.

Os inimigos de classe fazem tudo para provar que o sistema capitalista é eterno e insubstituível. Mas apesar de todas as suas riquezas, a sociedade capitalista esgota-se e decompõe-se.

Os pobres, cada vez mais numerosos, tornam-se mais pobres, enquanto o número de ricos diminui concentrando cada vez maior a riqueza. O capitalismo não pode acabar com o desemprego, a pobreza, o vazio cultural, a criminalidade, a prostituição e muitos outros flagelos.

Um verdadeiro marxista-leninista-stálinista, apoiando-se no materialismo dialéctico para analisar os fenómenos sociais e elaborar cientificamente a estratégia e a tática dos comunistas, tem obrigatoriamente de reconhecer a existência da luta de classes ao nível internacional e a sua agudização permanente;

- Reconhece que a classe operária é obrigada a utilizar todas as formas de luta, incluindo a luta armada e a violência, segundo as condições de cada país; reconhece a existência das contradições Norte-Sul, das contradições regionais e das contradições entre países imperialistas;

- Reconhece que a revolução proletária deve instaurar a ditadura do proletariado, indispensável para a edificação do socialismo, e que o seu objectivo é a nacionalização dos meios de produção para que se tornem propriedade dos trabalhadores, condição fundamental para a criatividade e a satisfação no trabalho;

- Reconhece a necessidade do aumento e da modernização incessante das forças produtivas, da educação dos trabalhadores no espírito do colectivismo e do patriotismo socialista, da satisfação máxima das necessidades crescentes das massas, que são a própria essência do socialismo;

- Reconhece o Partido Comunista como defensor dos interesses das massas exploradas das cidades e do campo e organizador do trabalho de construção da sociedade socialista;

- Reconhece o centralismo democrático como o princípio mais democrático no trabalho e na direcção do Partido e do Estado;

- Reconhece que a formação ideológica dos membros do Partido é uma garantia da sua consciência de classe e de vigilância, necessárias para combater a ideologia burguesa, bem como os inimigos no interior do Partido e o revisionismo de todo o tipo;

- Reconhece a solidariedade internacional entre comunistas como um dos factores principais do êxito da luta contra o imperialismo;

- Reconhece a necessidade do compromisso revolucionário para unir os comunistas e os aliados da classe operária;

- É aquele que é capaz de dar o exemplo pessoal pelo seu modo de vida e de trabalho, de manter as ligações indestrutíveis com os trabalhadores.

Marx admirava os membros da Comuna de Paris que introduziram o princípio do salário médio dos funcionários dirigentes – princípio revolucionário bem pouco aplicado hoje.

Os comunistas não devem esquecer que são invencíveis quando estão unidos.

Post-Scriptum

Estas são as análises e as conclusões que tirámos dos pontos principais levantados no relatório Khruchov «Sobre o culto da personalidade e as suas consequências», apresentado na sessão à porta fechada no XX Congresso do PCUS, em 25 de Fevereiro de 1956.

Os mais de 45 anos que passaram desde então foram repletos de graves acontecimentos históricos. É preciso que os comunistas desenvolvam hoje, sem tardar, uma discussão marxista-leninista aprofundada e criativa. Esse trabalho sério é indispensável para:

- Detectar as razões profundas da derrota da URSS e do campo socialista. Esta derrota dolorosa é no entanto um fenómeno histórico provisório. É reversível e o socialismo pode ser restaurado num prazo histórico bastante curto;

- Depurar o marxismo-leninismo de todos os traços de revisionismo que se lhe sobrepuseram desde há cerca de meio século;

- Restabelecer o socialismo científico, corrigindo deformações e desvios induzidos pelo revisionismo e retomar a esperança no comunismo como futuro realista dos povos;

- Analisar cientificamente as contradições internacionais actuais e as tendências do seu desenvolvimento com vista a elaborar a estratégia e a tática adequadas para cada partido comunista, segundo as condições concretas em cada país;

- Repor a verdade histórica sobre Iossif Vissárionovitch Stáline, arrancando do esquecimento a sua grande obra revolucionária, fundada no legado de Marx, Engels e Lénine, de que foi um conseqüente continuador, desenvolvendo as questões da concretização da edificação socialista num só país, vasto e atrasado, nas condições de cerco capitalista por poderosos países imperialistas.

A obra de Stáline e os enormes êxitos alcançados no socialismo são uma bandeira para os povos oprimidos. Já é mais que tempo que os comunistas do mundo inteiro levantem audaciosamente esta bandeira luminosa.

Bibliografia

I. Monografias

Andreotti, G., *La Russie vue de près*, Milão, 1989.

Baglikov, B. T., *La grande association entre V. I. Lénine et J. V. Staline*, Moscovo, 1953.

Belachtchenko, T.K. *USA: 200 ans - 200 guerres*, Moscovo, 1976.

Berezkov, S. M., *Pages de l'histoire diplomatique*, Sofia, 1988.

Brzejński, Z. *Hors contrôle*, Sofia, 1994.

Chtéménko, S.M., *L'état-major pendant la guerre*, Tomo I, Sofia, 1969, Tomo 2, Sofia 1974.

Engels, F., *Oeuvres*, Sofia, 1977

Dimitrov, G., *Oeuvres*, Sofia, 1948, *Recueil d'articles*, Sofia, 1949.

Gorbatchov, M.S., *La perestroïka et la nouvelle pensée politique*, Sofia, 1987.

Gorki, M., *Recueil d'articles à l'occasion du 70e anniversaire de Staline*, Sofia, 1949.

Joukhrai, B. M., *Staline, vérité et mensonge*, Sofia, 1996.

Júkov, G. K., *Mémoires et réflexions*, Sofia, 1983.

Konev, J. S., *Notes du commandant du front*, Sofia, 1975.

Khruchov, N. S. *Rapport Sur le culte de la personnalité et de ses conséquences*, Sofia, 1991.

Lénine, V. I. *Oeuvres complètes*, Sofia, 1979; 1981, 1983.

Lobanov M., *Staline dans la mémoire de ses contemporains et dans les documents de l'époque*, Moscovo, 1995.

Marx K. et F. Engels, *Oeuvres complètes* - Moscou, 1956.

Medvédev, R., *N. S. Khrouchtchev, biographie politique*, Moscovo, 1989.

Reinhardt, K., *Le retournement à Moscou*, Moscovo, 1980.

Rokossovski K., *Devoir de soldat*, Sofia, 1970.

Samssonov, A. M., *Savoir et se souvenir*, Moscovo, 1989.

Sayers, M. et Kahn, A., *Le grand complot contre la Russie*, Sofia, 1996.

Stáline, I. V., *Oeuvres complètes*, Sofia, 1949, 1951, 1952.

Tchomakov I., *Au Tribunal de l'histoire*, Sofia, 1994.

Vassiliévski, A.M., *Une oeuvre pour toute une vie*, Sofia, 1976.

Zakhariev Z., *Mémoires*, (manuscrito não publicado).

II. Dicionários

Dicionário de Palavras Estrangeiras da Língua Búlgara, Sofia, 1970.

Enciclopédia Soviética, Moscovo, 1972.

III. Numerosos jornais e revistas russas, búlgaras e checas.